

Exercício 1**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Leia o trecho do artigo “Flertando com o desconhecido”, de Marcelo Gleiser.

Muita gente acha que a ciência é uma atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional. Na verdade, é justamente o oposto. A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos. Muitas vezes, quando experimentos revelam novos aspectos da Natureza que sequer haviam sido conjecturados, a sensação de tatearmos no escuro pode levar ao desespero. E agora? Se nossas teorias não podem explicar o que estamos observando, como ir adiante? Nenhum exemplo na história da ciência ilustra melhor esse drama do que o nascimento da física quântica, que descreve o comportamento dos átomos e das partículas subatômicas, e que está por trás de toda a revolução digital que rege a sociedade moderna.

Ao final do século XIX, a física estava com muito prestígio. A mecânica de Newton, a teoria eletromagnética de Faraday e Maxwell, a compreensão dos fenômenos térmicos, tudo levava a crer que a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a Natureza. Para a surpresa de muitos, experimentos revelaram fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias da chamada era clássica. Não se sabia, por exemplo, se átomos eram ou não entidades reais, já que a física clássica previa que seriam instáveis. Gradualmente, ficou claro que uma nova física era necessária para lidar com o mundo do muito pequeno. Mas que física seria essa? Ninguém queria mudanças muito radicais. Ou quase ninguém.

A primeira ideia da nova era veio de Max Planck. Eis como Planck relatou em 1900 seu estado emocional ao propor a ideia do quantum (o menor valor que certas grandezas físicas podem apresentar): “Resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero, já que por natureza sou uma pessoa pacífica e contrária a aventuras irresponsáveis.” O uso da palavra “desespero” é revelador. Planck viu-se forçado a propor algo novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a Natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade, algo que faltava aos que achavam que a física estava quase completa. Planck sabia que a física tem como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrarie nossas ideias preconcebidas. Nunca devemos arrogar que nossas ideias tenham precedência sobre o que a Natureza nos diz.

(O caldeirão azul, 2019. Adaptado.)

(Fmj 2021) Exerce a função sintática de objeto direto o termo sublinhado em:

a) “E muita humildade, algo que faltava aos que achavam que a física estava quase completa.” (3º parágrafo)

b) “Para a surpresa de muitos, experimentos revelaram fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias da chamada era clássica.” (2º parágrafo)

c) “A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos.” (1º parágrafo)

d) “Muitas vezes, quando experimentos revelam novos aspectos da Natureza que sequer haviam sido conjecturados, a sensação de tatearmos no escuro pode levar ao desespero.” (1º parágrafo)

e) “Planck viu-se forçado a propor algo novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a Natureza.” (3º parágrafo)

Exercício 2**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia o trecho de uma carta enviada por Antônio Vieira ao rei D. João IV em 4 de abril de 1654.

No fim da carta de que ¹V. M. me fez mercê me manda V. M. diga meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães-mores ou um só governador.

Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece. Digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultoso serão de achar dois homens de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Tais são os dois capitães-mores em que se repartiu este governo: Baltasar de Sousa não tem nada, Inácio do Rego não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a _____1_____, se a _____2_____. Tudo quanto há na capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10 mil cruzados, como é notório, e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias.

Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes índios, aos quais trata como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a ele nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos índios, é ocasião de padecerem muitas necessidades os portugueses e de perecerem os pobres. Em uma capitania destas confessei uma pobre mulher, das que vieram das Ilhas, a qual me disse com muitas lágrimas que, dos nove filhos que tivera, lhe morreram em três meses cinco filhos, de pura fome e desamparo; e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me: “Padre, não são esses os por que eu

choro, senão pelos quatro que tenho vivos sem ter com que os sustentar, e peço a Deus todos os dias que me os leve também.” São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas, porque, como não têm com que agradecer, se algum índio se reparte não lhe chega a eles, senão aos poderosos; e é este um desamparo a que V. M. por piedade deverá mandar acudir. Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos, e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V. M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

(Sérgio Rodrigues (org.). *Cartas brasileiras*, 2017. Adaptado.)

¹V. M.: Vossa Majestade.

(Unesp 2020) Sempre que haja necessidade expressiva de reforço, de ênfase, pode o objeto direto vir repetido. Essa reiteração recebe o nome de objeto direto pleonástico.

(Adriano da Gama Kury. *Novas lições de análise sintática*, 1997. Adaptado.)

Antônio Vieira recorre a esse recurso expressivo em:

- a) “Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam” (3º parágrafo)
- b) “e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me” (4º parágrafo)
- c) “e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias” (3º parágrafo)
- d) “São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas” (5º parágrafo)
- e) “Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos” (2º parágrafo)

Exercício 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A primeira publicação do conto *O Alienista*, de Machado de Assis, ocorreu como folhetim na revista carioca *A Estação*, entre os anos de 1881 e 1882. Nessa mesma época, uma grande reforma educacional efetuou-se no Brasil, criando, dentre outras, a cadeira de Clínica Psiquiátrica. É nesse contexto de uma psiquiatria ainda embrionária que Machado propõe sua crítica ácida, reveladora da escassez de conhecimento científico e da abundância de vaidades, concomitantemente. A obra deixa ver as relações promíscuas entre o poder médico que se pretendia baluarte da ciência e o poder político tal como era exercido em Itaguaí, então uma vila, distante apenas alguns quilômetros da capital Rio de Janeiro. O conto se desenvolve em treze breves capítulos, ao longo dos quais o alienista vai fazendo suas experimentações científicas até que ele mesmo conclua pela necessidade de seu isolamento, visto que reconhece em si mesmo a única pessoa cujas faculdades mentais encontram-se equilibradas, sendo ele,

portanto, aquele que destoa dos demais, devendo, por isso, alienar-se.

Capítulo IV UMA TEORIA NOVA

¹Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia.

²Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã, – eram passadas três semanas, – estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

– Tratava-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador. ³Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma notícia da comitiva, e

especialmente da mulher? ⁴Porque este tópico deve ficar claramente definido, visto insistirem nele os cronistas; Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. ⁵Assim se explicam os monólogos que fazia agora, e que os fâmulos lhe ouviam muita vez: – “Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda; aguenta-te, alma de lacaios, fracalhão, vil, miserável. Dizes amém a tudo, não é? Aí tens o lucro, biltre!”. – E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. ⁶Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde.

⁷Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspeção até o pescoço.

– Estou muito contente, disse ele.

⁸– Notícias do nosso povo?, perguntou o boticário com a voz trêmula.

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

⁹– Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. ¹⁰Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

¹¹Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticário.

¹²Depois explicou compridamente a sua ideia. No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos.

¹³Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí mas, como um raro espírito que era, ¹⁴reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. ¹⁵E

porque o boticário se admirasse de uma tal promiscuidade, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma coisa, e até acrescentou sentenciosamente:

¹⁶– A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a sério.

– Gracioso, muito gracioso!, exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu.

¹⁷Quanto à ideia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; ¹⁸declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era “caso de matraca”. Esta expressão não tem equivalente no estilo moderno. ¹⁹Naquele tempo, Itaguaí, que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; – ou por meio de matraca.

Eis em que consistia este segundo uso. ²⁰Contratava-se um homem, por um ou mais dias, ²¹para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão.

De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, ²²e ele anunciava o que lhe incumbiam, – um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores, – aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde, – desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. ²³E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. ²⁴Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo regime mereciam o desprezo do nosso século.

– Há melhor do que anunciar a minha ideia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do boticário.

E o boticário, não divergindo sensivelmente deste modo de ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

²⁵– Sempre haverá tempo de a dar à matraca, concluiu ele.

Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse:

– Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.

O Vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não ²⁶chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

– Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?

²⁷Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à

²⁸comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas.

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo à beira de uma revolução.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro / USP. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1939>. Acesso em: 12/08/2019.

(Ime 2020) “Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as **gentes**, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as **falas** de um olhar que metia medo aos mais heroicos.” (ref. 2)

Assinale a opção em que o vocábulo em negrito nos fragmentos a seguir exerce a mesma função sintática das palavras destacadas no trecho acima:

a) “Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à **casa** verde.” (ref. 6)

b) “– Notícias do nosso povo?, perguntou o **boticário** com a voz trêmula.” (ref. 8)

c) “Disse isto, e calou-se, para ruminar o **pasmo** do boticário.” (ref. 11)

d) “E porque o boticário se admirasse de uma tal **promiscuidade**, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma coisa, [...]” (ref. 15)

e) “– Sempre haverá tempo de a dar à **matraca**, concluiu ele.” (ref. 25)

Exercício 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Diáspora

"Acalmou a tormenta; pereceram

Os que a estes mares ontem se arriscaram;

Vivem os que, por um amor, temeram

E dos céus os destinos esperaram.”¹

Atravessamos o Mar Egeu

o barco cheio de fariseus

com os cubanos, sírios, ciganos

como romanos sem Coliseu

Atravessamos pro outro lado

no Rio Vermelho do mar sagrado

nos center shoppings

superlotados

de retirantes

refugiados

Where are you?²

where are you?

where are you?

where are you?

Onde está
meu irmão
sem irmã
o meu filho
sem pai
minha mãe
sem avó
dando a mão
pra ninguém
sem lugar
pra ficar
os meninos
sem paz
onde estás
meu senhor
onde estás?

Onde estás?

"Deus! Ó, Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçados³ nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde⁴ desde então corre o infinito
Onde estás, senhor Deus?... "⁵

(ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa.
Diáspora. In.: *Tribalistas*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2017)

Vocabulário

¹ Primeira estrofe do Canto 11, do livro *O Guesa* (1878), de Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade).

² Tradução da frase em inglês: "Onde está você?".

³ Embuçado: encoberto, escondido.

⁴ Embalde: inutilmente.

⁵ Primeira estrofe do poema "Vozes d'África" (1868), de Castro Alves.

(G1 - cftj 2020) A respeito do emprego da terceira pessoa do plural nos versos 1 a 4 da canção "Diáspora" (texto), pode-se afirmar que:

- a) "mares", "céus" e "destinos" são os sujeitos das orações, pois são os únicos termos com os quais os verbos concordam.
- b) o sujeito é indeterminado, pois não se quer identificar o agente das ações, o que justifica as perguntas ao longo do texto.
- c) a não identificação do sujeito constitui uma falha comunicativa, visto que incorre em carência na precisão das informações.
- d) "refugiados" é um dos referentes sintático-semânticos destes verbos, o que fica claro nos versos seguintes da canção.

Exercício 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica "Inconfiáveis cupins", de Moacyr Scliar, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador. Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(*O imaginário cotidiano*, 2002.)

(Unifesp 2020) Tendo em vista a ordem inversa da frase, verifica-se o emprego de vírgula para separar um termo que exerce a função de sujeito em:

- a) "Deu-lhe muito trabalho, aquilo." (4º parágrafo)
- b) "Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar." (6º parágrafo)
- c) "Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava." (5º parágrafo)
- d) "Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins." (3º parágrafo)

e) “Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana.” (4º parágrafo)

Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda.

A palavra slam é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, para nomear o Uptown Poetry Slam, evento poético que surgiu em Chicago, em 1984. O termo slam é utilizado para se referir às finais de torneios de baseball, tênis, bridge, basquete, por exemplo. Smith nomeou também slam os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os slammers (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, inicialmente em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade. A iniciativa “viralizou”, como se diz hoje, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, ganhou o mundo. Poesia é o mundo.

Adaptado de NEVES, C. A. B. *Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Acesso em 18/07/2019.

(G1 - cotuca 2020) “Smith nomeou também slam os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os slammers (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, inicialmente em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade”. Sobre o trecho reproduzido, é possível afirmar que o sujeito do verbo “organizava” é:

- a) “Smith”
- b) “Slam”
- c) “Slam” e “campeonatos de performances poéticas”
- d) “campeonatos de performances poéticas”
- e) “performances poéticas”

Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Gerundismo - evite esse vício de linguagem

Tanto se tem falado a respeito de gerundismo, que já há quem tenha prática sobre o uso do gerúndio. Há até quem pergunte se o gerúndio não é mais usado ou se é errado o seu emprego. Então, antes que se comece a tomar o certo pelo duvidoso e o errado pelo certo, vamos nos lembrar de algumas regras gramaticais.

Começemos pelo significado da palavra “gerúndio”. Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação: “Gerúndio é uma das formas nominais do verbo que apresenta o processo

verbal em curso e que desempenha a função de adjetivo ou advérbio”.

Ele apresenta-se de duas formas. A simples (Ex.: Chegando a hora da largada, a luz verde acendeu) e a composta (Ex.: Tendo chegado ao fim da corrida, o carro foi recolhido ao boxe).

O gerúndio expressa uma ação que está em curso ou que ocorre simultaneamente ou, ainda, que remete a uma ideia de progressão. Sua forma nominal é derivada do radical do verbo acrescida da vogal temática e da desinência -ndo. Exemplos: comendo; partindo.

Veja, a seguir, o uso do gerúndio na prática:

E a lama desceu pelo morro, destruindo tudo que encontrava pela frente.

Rindo, ele se lembrava com saudades dos dias felizes que tivera.

Abrindo o laptop, começou a escrever.

“Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta, fiz algumas reflexões sobre a morte” (Erico Veríssimo, *Solo de Clarineta*, p. 12).

Como vimos nos exemplos, o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que tenhamos praticado nenhuma heresia. Já com o gerundismo é outra história. Nesse caso, trata-se do uso inadequado do gerúndio. Um vício de linguagem que se alastrou de modo tão corriqueiro e insistente que até já virou piada.

Então, se você usa expressões como: “Vou estar pesquisando seu caso” ou “Vou estar completando sua ligação”, mude imediatamente sua fala para: “Vou pesquisar seu caso” e “Vou completar sua ligação”. Note que, nos dois casos, você passa a usar somente duas formas verbais (“vou” + “pesquisar” ou “vou” + “completar”) no lugar de três. Além disso, a ideia temporal a ser transmitida é a de futuro e não de presente em curso.

O gerundismo, portanto, é uma mania que peca pelo excesso, pela inadequação do verbo, que ocorre ao transformarmos, desnecessariamente, um verbo conjugado em um gerúndio.

(Fonte: UOL. Adaptado. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gerundismo-evite-esse-vicio-de-linguagem.htm>> Acesso em: 20 jan. 2019).

(G1 - ifmt 2020) Leia as assertivas e, na sequência, faça o que se pede.

- I. A oração “O gerúndio expressa uma ação que está em curso [...]” tem sujeito simples: o gerúndio.
- II. Na oração “Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação [...]”, o verbo “encontraremos” tem o sujeito oculto “nós”.
- III. Na oração “Ele apresenta-se de duas formas”, “ele” é o sujeito indeterminado do verbo “apresenta”.

Das assertivas acima, no que se refere à classificação dos sujeitos nas orações em destaque, podemos afirmar que:

- a) apenas a I está correta.

b) estão corretas a I e a III.

c) estão corretas a I, a II e a III.

d) estão corretas a II e a III.

.

e) estão corretas a I e a II

Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos

são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

(G1 - col. naval 2020) Em "Ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação.", o pronome relativo exerce a mesma função sintática que o destacado em:

a) As informações diárias que nós recebemos pelos celulares podem ser falsas e mentirosas.

b) O jornalista de quem peguei as últimas informações descartou a possibilidade de fake news.

c) Todos esses são os jornalistas por quem as notícias sensacionalistas foram amplamente analisadas.

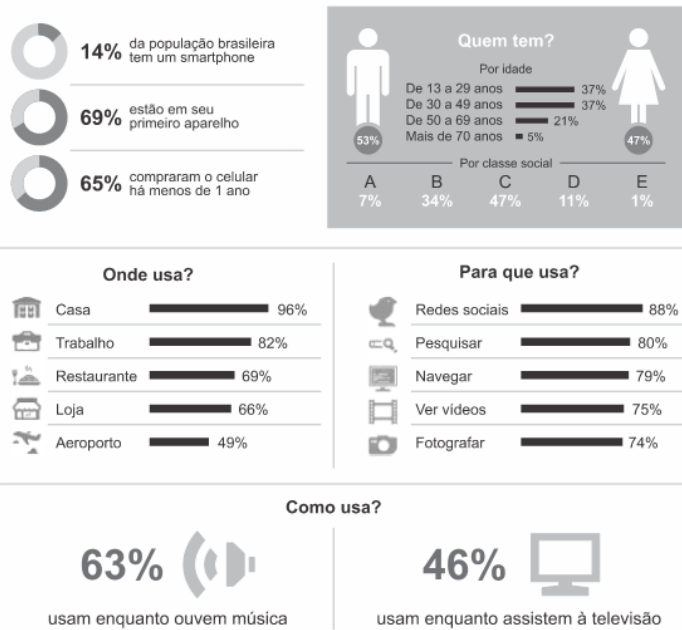
d) O processo democrático a que somos favoráveis corre o risco de ser afetado pelos boatos.

e) Conhecemos o jornalista que defenderá o problema nas redes sociais em relação às notícias sensacionalistas.

Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quem são e como se comportam os brasileiros que já têm smartphone.
As estimativas sugerem que o número de hiperconectados só deve aumentar



Infográfico retirado da reportagem "O celular que escraviza", da Revista Época, 15/06/2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/06/o-celular-que-escraviza.html>>. Último acesso, 03/10/2017.

(G1 - cmrj 2018) No período “As estimativas sugerem que o número de hiperconectados só deve aumentar”, a oração sublinhada

- a) tem papel sintático de objeto indireto e é introduzida por um pronome relativo.
- b) exerce a função de complemento nominal em relação à oração principal.
- c) exerce a função de objeto direto em relação à oração principal .
- d) tem papel sintático de objeto direto e é introduzida por um pronome relativo.
- e) tem valor gramatical de substantivo e papel sintático de sujeito.

Exercício 10

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"

(Faap 1996) Só um destes verbos é transitivo direto, portanto ao lado dele o objeto direto:

- a) Hão de chorar por ela os cinamomos
- b) Murchando as flores ao tombar do dia
- c) Dos laranjais hão de cair pomos
- d) Os meus sonhos de amor serão defuntos
- e) Pensando em mim: - Por que não vieram juntos

Exercício 11

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o texto para responder à(s) questão(ões):

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz. Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que

pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular.

"Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto.

O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

(G1 - ifsp 2016) Considere o recorte: "O Aurelião não nos ajuda.". O trecho em destaque, de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, exerce a função sintática de:

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) complemento nominal.
- d) predicativo do sujeito.
- e) adjunto adnominal.

Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Felicidade Clandestina

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. (...) Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (...)

Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. (...)

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha

vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. (...) E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. (...) Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. (...)

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! (...)

Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. (...) Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. (...) Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. (...)

(<http://tinyurl.com/veele-contos> Acesso em: 27.08.14. Adaptado)

(Fatec 2015) Leia este fragmento: "Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão."

A função sintática do termo destacado nesse período é

- a) complemento nominal.
- b) objeto indireto.
- c) objeto direto.
- d) sujeito.
- e) aposto.

Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Outro Marido

¹⁴Era conferente da Alfândega – mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irreduzível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliem pela casca. ⁹Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). ³Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário.

¹⁰Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de Dona Laurinha. Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que Dona Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; era de fato, objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradoado.

¹Ao aparecerem nele as primeiras dores, Dona Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal. Santos parecia ⁶comprazer-se em estar doente. ¹¹Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a Dona Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral com certo orgulho de estar assim tão afetado.

– Quando você ficar bom...

– Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para Dona Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma de Padre Eustáquio, que vela por nós. ²Começou a fatigar-se com a importância que o reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito ¹²quando ele anunciou que ia internar-se no hospital Gaffré e Guinle.

– Você não sentirá falta de nada – assegurou-lhe Santos. – Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

– Vou visitar você todo domingo, quer?

– É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. ⁴Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

– Pelo rádio – explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

– ⁵É tarde – respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais que a mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. ¹³Dona Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço. Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

– Sou eu a viúva – disse Dona Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecía muito bem a viúva do Santos, Dona Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na Ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos.

Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, ⁷a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

– Desculpe, foi engano. ⁸A pessoa a que me refiro não é esta – disse Dona Laurinha, despedindo-se.

(Carlos Drummond de Andrade)

(Espcex (Aman) 2011) No trecho, “– É tarde – respondeu Santos.” (ref.5), o sujeito do verbo sublinhado é

a) indeterminado.

b) indefinido.

c) inexistente.

d) oculto.

e) simples.

Exercício 14

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder às questões leia o texto a seguir.

Lanchinho de avião

Drauzio Varella

A comissária de bordo pede para afivelarmos os cintos e desligarmos os celulares. O comandante avisa que a decolagem foi autorizada, a aeronave ganha velocidade na pista e levanta voo. Pela janela, São Paulo vira um paliteiro de prédios espetados um ao lado do outro. Um pouco mais à frente, a periferia inchada, com ruas tortuosas e casas sem reboque, abraça o centro da cidade como se fosse esganá-lo.

Em poucos minutos, ouve-se um som agudo, sinal de que os computadores podem ser ligados. Junto à porta de entrada, as comissárias se levantam e preparam o carrinho de lanches. De fileira em fileira, perguntam o que cada passageiro deseja beber. No carrinho, acotovelam-se latas de refrigerantes, a garrafa de café e uma infinidade de pacotes de sucos mais doces do que o sorriso da mulher amada. O rapaz à minha direita prefere suco de

manga; o da esquerda quer um de pêssego. Agradeço, não quero nada. A moça estranha: “Nada, mesmo?”.

Em seguida, ela nos estende a mão que oferece um objeto ameaçador, embrulhado em papel branco. Em seu interior, um pão adocicado cortado ao meio abriga uma fatia de queijo e outra retirada do peito de um peru improvável. No reflexo, encolho as pernas. Se, porventura, um embrulho daqueles lhe escapa da mão e cai em meu pé, adeus carreira de maratonista. [...]

O comandante informa que, em Belo Horizonte, o tempo é bom e que nosso voo terá duração de 40 minutos. São dez e meia, é pouco provável que os circunstantes tenham saído de casa em jejum. O que os leva a devorar no meio da manhã calorias adicionais, com gosto de isopor? Qual é o sentido de servir comida em voos de 40 minutos?

Cerca de dos brasileiros com mais de 18 anos sofrem com o excesso de peso, taxa que nove anos atrás era de Já caíram na faixa da obesidade de nossos conterrâneos. Os que visitam os Estados Unidos ficam chocados com o padrão e a prevalência da obesidade. Lá, a dieta e a profusão de alimentos consumidos até em elevadores conseguiram a proeza de engordar todo mundo; não escapam japoneses, vietnamitas nem indianos.

As silhuetas de mulheres e homens com mais de quilos pelas ruas e *shopping centers* deixam claro que existe algo profundamente errado com os hábitos alimentares do país. Nossos números mostram que caminhamos na esteira deles. Chegaremos lá, é questão de tempo; pouco tempo.

A possibilidade de ganharmos a vida, sentados na frente do computador, as comodidades da rotina diária e a oferta generosa de bebidas e alimentos industrializados repletos de gorduras e açúcares que nos oferecem a toda hora criaram uma combinação perversa que conspira para o acúmulo de gordura no corpo.

Os que incorporaram as calorias em excesso no caminho para Belo Horizonte só o fizeram porque o lanche lhes foi servido. Milhões de anos de evolução, num mundo com baixa disponibilidade de recursos, ensinaram o corpo humano a comer a maior quantidade disponível a cada refeição, única forma de sobreviver aos dias de jejum que fatalmente viriam.

Engendrado em tempos de miséria, o cérebro humano está mal adaptado à fartura. A saciedade à mesa só se instala depois de ingerirmos muito mais calorias do que as necessárias para cobrir os gastos daquele dia. A seleção natural nos ensinou a não desperdiçá-las, o excesso será armazenado sob a forma de gordura.

O tecido gorduroso não é um reservatório inerte, produz hormônios, libera mediadores químicos que interferem com o metabolismo e o equilíbrio entre fome e saciedade. E, o mais grave, dá origem a um processo inflamatório crônico que aumenta o risco de doenças cardiovasculares, diabetes, vários tipos de câncer e de outros males que infernizam e encurtam a vida moderna.

Por essas e outras razões, caríssimo leitor, é preciso olhar para a comida como fazemos com a bebida: é bom, mas em excesso faz mal.

Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 05 set. 2015. (Adaptado).

(G1 - cftmg 2016) Houve emprego de sujeito desinencial em:

- a) Em poucos minutos, ouve-se um som agudo, sinal de que os computadores podem ser ligados.
- b) Cerca de 52% dos brasileiros com mais de 18 anos sofrem com o excesso de peso, taxa que nove anos atrás era de 43%
- c) No carrinho, acotovelam-se latas de refrigerantes, a garrafa de café e uma infinidade de pacotes de sucos mais doces do que o sorriso da mulher amada.
- d) A possibilidade de ganharmos a vida, sentados na frente do computador, as comodidades da rotina diária e a oferta generosa de bebidas e alimentos industrializados repletos de gorduras e açúcares que nos oferecem a toda hora criaram uma combinação perversa que conspira para o acúmulo de gordura no corpo.

Exercício 15

(Ufms 2020) Considere o seguinte texto para responder à questão abaixo.

Todo dia, duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia, a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriam e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabem. Toda noite, duzentos milhões de pessoas sonham em português.

(TV Zero, Disponível em: <http://www.tvzero.com/projeto/lingua-vidas-em-portugues/>>. Acesso em: 30 out. 2019).

O emprego da primeira vírgula do primeiro período do texto justifica-se em função de que:

- a) a oração em que se encontra é iniciada por um adjunto adnominal.
- b) é obrigatório o emprego da vírgula para separar o apostro dos demais termos da oração.
- c) o adjunto adverbial foi deslocado para o início da oração.
- d) a expressão que inicia o período é um vocativo.
- e) o período é iniciado por uma oração ordenada sindética.

Exercício 16

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema a seguir e responda à(s) questão(ões).

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo
Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– em que espelho ficou perdida
a minha face?

MEIRELES, Cecília. *Obra Poética de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

(Epcar (Afa) 2017) Assinale a alternativa que apresenta uma análise correta.

a) Os termos “calmo”, “triste” e “magro” (v. 2) acrescentam circunstâncias de modo ao verbo “ter” (do primeiro verso), exercendo, pois, a função de adjuntos adverbiais de modo.

b) A oração “que nem se mostra” (v. 8) está sintaticamente ligada ao substantivo coração, caracterizando-o; portanto, essa oração exerce a função sintática de adjunto adnominal.

c) O verbo “dar” (v. 9) significa notar, perceber e classifica-se como verbo transitivo direto, embora esteja ligado a seu complemento por meio de preposição.

d) O pronome pessoal “se” (v. 8) é recíproco e funciona como complemento do verbo mostrar; já o pronome “que” (v. 11) é relativo e funciona como adjunto adverbial de lugar.

Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto de Tales Ab'Sáber para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Há em Berlim uma casa que nunca fecha. Aquela noite que não termina jamais pode de fato começar a qualquer momento do dia, às sete da manhã ou ainda às dez. Lá todos os tempos se estendem e noite e dia se transformam em outra coisa. Naquela imensa boate que pretende expandir o seu plano de existência, seu tempo infinito, sobre a vida e a cidade, construída em uma antiga fábrica – uma antiga usina de energia nazista –, todo tipo de figura da noite se encontra, em uma festa fantástica alucinada que deseja não terminar jamais.

À luz da vida ¹tecno avançada, as ideias tradicionais de dia e de noite se revelam mais frágeis, bem mais insólitas do que a vida cotidiana sob o regime da produção nos leva a crer. Para alguns, o mundo do dia se tornará definitivamente vazio e apenas a noite excitada e veloz vai concentrar em si o valor do que é vivo.

Naquela boate, como em muitas outras, tudo se encerra apenas quando o efeito prolongado e sistemático da droga se encerra. Como uma pausa para respirar, às vezes tendo passado muitos dias entre uma jornada de diversão e sua suspensão momentânea. Para muitos, apenas pelo tempo mínimo da reposição das forças até a próxima jornada, extenuante, sem fim, pela política imaginária da noite.

E, ainda mais. Para outros tantos, o próprio efeito da droga sob a pulsação infinita da música eletrônica, experiência programática e enfeitada, não deveria se encerrar jamais: estes estariam destinados ao projeto de dissolução na pulsação sem eu da música tecno, seja a dissolução do espírito, em uma infantilização sem fim para os embates materiais da vida, seja a dissolução do corpo, ambos igualmente reais.

De fato, após uma noite de vida tecno, é forte a experiência radical de vazio que se torna o espírito do dia. A energia foi imensamente gasta à noite. Foi devastada, tornando o dia vazio de objeto, porém vivo. Vivo no vazio, muito bem articulado à busca pelo excedente absoluto de mais tarde, à noite.

A música do tempo infinito, 2012. Adaptado.

¹tecno: estilo de música eletrônica.

(Famerp 2017) “Há em Berlim uma casa **que nunca fecha**.” (1º parágrafo)

No período em que está inserida, a oração destacada tem valor e função, respectivamente, de

a) advérbio e adjunto adverbial.

b) substantivo e sujeito.

c) adjetivo e adjunto adnominal.

d) substantivo e objeto direto.

e) adjetivo e predicativo.

Exercício 18

(Mackenzie 1997) No voo do instante, ele sentiu uma coisinha caindo em seu coração, e advinhou que era tarde, que nada mais adiantava.

(Guimarães Rosa)

Assinale a alternativa correta quanto ao texto anterior.

a) O adjunto adverbial anteposto apresenta uma metáfora que expressa a fugacidade do tempo.

b) A oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio reforça, pela escolha lexical do verbo, a ideia de leveza, trazida pelo nome voo.

c) As duas orações subordinadas à oração /e advinhou/ apontam para a reversibilidade dos fatos.

d) Na primeira oração, o sujeito COISINHA mostra o agente da ação de voar.

e) A quinta oração justapõe-se à quarta, na ideia decrescente da perda.

Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I
O Espelho

É um retângulo de luar aquecido no quarto
- que a lua não recolheu na sua pressa noturna
Imitador como um plagiário
decalca servilmente a imagem que reflete.
Não tem memórias. Não guarda
na sua glacial retina indiferente
o brilho de um olhar e a flor de um gesto.
Entretanto
o corpo núbil dela deu-lhe estátuas
miraculosamente lindas!

(Menotti del Picchia)

TEXTO II
INTERROGAÇÕES

- 1 "Certa vez estranhei a ausência de espelhos nos sonhos.
- 2 Talvez porque neles não nos podemos ver, como no velho conto do homem que perdeu a sombra.
- 3 Pelo contrário, seremos tão nós mesmos a ponto de dispensar o testemunho dos reflexos?
- 4 Ou será tão outra a nossa verdadeira imagem - e aqui começa um arrepio de medo - que seríamos incapazes de reconhecer naquilo que de repente nos olhasse do fundo de um espelho?
- 5 Em todo caso, lá deve ter suas razões o misterioso cenarista dos sonhos..."

(Mario Quintana)

(Unirio 1998) Marque a opção INCORRETA quanto à função sintática do termo em destaque.

- a) "...QUE a lua não recolheu na sua pressa noturna..." (texto I - l. 2) - objeto direto
- b) "...o brilho DE UM OLHAR..." (texto I - l. 7) - adjunto adnominal
- c) "...o corpo núbil dela deu-LHE estátuas..." (texto I - l. 9) - objeto indireto
- d) "...que de repente NOS olhasse do fundo de um espelho?" (texto II - par. 4) - objeto direto
- e) "...LÁ deve ter suas razões o misterioso cenarista dos sonhos..." (texto II - par. 5) - adjunto adverbial de lugar

Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ALMA ESFÉRICA DO CARIOCA

"Chego do mato vendo tanta gente de cara triste pelas ruas, tanto silêncio de derrota dentro e fora das casas, como se o gosto da vida se tivesse encerrado, de vez, com as cinzas do finado carnaval dos últimos dias.

Imperdoável melancolia de quem sabe, e sabe muito bem, que esta deliciosa cidade não é samba, apenas; que o Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável - o futebol. Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

Por que, então, chorar a festa passada se ao breve ciclo da fantasia do samba logo se segue a ardente realidade do futebol? Desmontaram o palanque por onde desfilou a elite do samba? E daí? Lá está o Maracanã, rampas gigantescas, assentos intermináveis, tudo pronto para o grande desfile de angústias e paixões que precedem a glória de um chute. Agora mesmo, alguém me veio dizer, contente, que a grama está uma beleza, de área a área, e que, com as últimas chuvas, o verde rebentou verdíssimo.

Salgueiro, Fluminense, Mangueira, Flamengo, Império, Botafogo - milagrosa alternância de emoções na vida de uma cidade; passos e passes de uma gente que curtiu seu amor ao mesmo tempo no contratempo de um tamborim e no instante infinito de um gol. Mal se foi o Salgueiro, já vem chegando o Flamengo, preto e vermelho, apontando, ardente, na boca do túnel que se abre para a multidão em delírio.

Couro de gato, bola de couro, quicando e repicando pela glória de uma cidade que não tem por que chorar tristezas. Rio."

(Armando Nogueira)

(Unirio 2002) "Desmontaram O PALANQUE / POR ONDE desfilou A ELITE DO SAMBA?".

Os termos destacados, sintaticamente, são:

- a) sujeito / agente da passiva / objeto direto
- b) objeto direto / adjunto adverbial / sujeito
- c) sujeito / adjunto adverbial / sujeito
- d) objeto direto / agente da passiva / objeto direto
- e) sujeito / agente da passiva / sujeito

Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I:

Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece

O Mal cruel que nos abismos geme.

Cruz e Souza, *Perante a morte*.

TEXTO II:

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!

Gonçalves Dias, *I Juca Pirama*.

TEXTO III:

Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos*.

TEXTO IV:

Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...

Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno*.

TEXTO V:

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ... Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Castro Alves, *O navio negreiro*.

(Unifesp 2002) No texto V, o sintagma "no teu pranto" desempenha a função sintática de adjunto adverbial. Esta mesma função vem desempenhada por

a) perante a Morte (em I) e nos abismos (em I).

b) de lágrimas (em I) e do forte (em II).

c) momento da dor (em IV) e uma felicidade (em IV).

d) em presença da morte (em II) e correndo dividida (em III).

e) Mal cruel (em I) e Na presença de estranhos (em II).

Exercício 22

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a "Lira XVIII" da obra *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Não vês aquele velho respeitável,
Que, à muleta encostado,
Apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta!

Enrugaram-se as faces e perderam
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabelo em branca neve;
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
Nem tem uma beleza
Das belezas que teve.

Assim também serei, minha Marília,
Daqui a poucos anos,
Que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cairão, e os meus cabelos.
Ah! sentirei os danos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada:
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

As frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei contigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás um sítio ameno,
Onde os membros descanse,
E ao branco Sol me aquente.

Apenas me sentar, então, movendo
Os olhos por aquela
Vistosa parte, que ficar fronteira,
Apontando direi: *Ali falamos,*
Ali, ó minha bela,
Te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria;
Farão teus olhos ternos outro tanto;
Então darei, Marília, frios beijos
Na mão formosa e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente
Meu corpo suportando
Do tempo desumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
Quem, sentida, chorando,

Meus baços olhos cerra.

(Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 2002.)

(Fmj 2020) O verso em que o objeto direto e o objeto indireto estão antepostos ao verbo é:

- a) “Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,” (2ª estrofe)
- b) “Apenas mal se move e mal se arrasta?” (1ª estrofe)
- c) “Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,” (1ª estrofe)
- d) “Mas sempre passarei uma velhice” (4ª estrofe)
- e) “Aqui me buscarás um sítio ameno,” (5ª estrofe)

Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões).

O acesso ¹à Educação é o ponto de partida

Mozart Neves

A Educação tem resultados profundos e abrangentes no desenvolvimento de uma sociedade: contribui para o crescimento econômico do país, para a promoção da igualdade e bem-estar social, e também tem impactos decisivos na vida de cada um. Um deles, por exemplo, é na própria renda do trabalhador. Uma análise feita _____ alguns anos pelo economista Marcelo Neri mostrou que, a cada ano a mais de estudo, o brasileiro ganha 15% a mais de salário. Além disso, o estudo também mostrou que quem completou o Ensino Fundamental tem 35% a mais de chances de ocupação que um analfabeto. Esse número sobe para 122% na comparação com alguém que tenha o Ensino Médio e 387% com Ensino Superior.

Diante disso, o direito do acesso ²à Educação é o ponto de partida na formação de uma pessoa e, conseqüentemente, no desenvolvimento e prosperidade de uma nação. ³Não obstante os avanços alcançados pelo Brasil nas duas últimas décadas⁴, ⁵ainda ⁶há ⁷importantes desafios a superarmos no que tange esse direito. Se ⁸por um lado conseguimos universalizar o atendimento escolar no Ensino Fundamental, temos ⁹ainda, por outro lado, 2,8 milhões de crianças e jovens de 4 a 17 anos fora da escola. Isso corresponde _____ um país do tamanho do Uruguai. O desafio, em termos de acesso, é a universalização da Pré-Escola (crianças de 4 e 5 anos) e do Ensino Médio (jovens de 15 a 17 anos).

Há outro desafio em jogo¹⁰: o de como motivar 5,3 milhões de jovens de 18 a 25 anos que nem estudam e nem trabalham, a chamada ¹¹“geração nem-nem”, para trazê-¹²los de volta _____ escola e, posteriormente, ¹³incluí-los no mundo do trabalho. Isso é essencial para um país que passa por um bônus demográfico que se completará, ¹⁴segundo os especialistas, em 2025. O país, para seu crescimento econômico e sua sustentabilidade, não poderá abrir mão de nenhum de seus jovens.

No Ensino Superior, o ¹⁵desafio não é menor. O Brasil tem apenas 17% de jovens de 18 a 24 anos matriculados nesse nível de ensino. Em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE), o país precisará dobrar esse percentual nos próximos dez anos, ou seja, chegar _____ 33%. Para se ter uma ideia da complexidade dessa meta, esse era o percentual previsto no PNE que se concluiu em 2010. Isso exige – sem que haja perda de qualidade com essa expansão – que a educação básica melhore significativamente, tanto em acesso como em qualidade, tomando como referência os atuais índices de aprendizagem escolar.

O acesso ¹⁶à Educação é, ¹⁷portanto, ainda um desafio e, caso seja efetivado com qualidade, poderá contribuir decisivamente para que o país ¹⁸reduza o enorme hiato que separa o seu desenvolvimento econômico, medido pelo seu Produto Interno Bruto – PIB (o Brasil é o 7º PIB mundial) e o seu desenvolvimento social, medido pelo seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (o Brasil ocupa a 75ª posição no ranking mundial). Somente quando o país alinhar ¹⁹esses índices nas melhores posições do ranking mundial, teremos de fato um Brasil com menos desigualdade e menos pobreza. Para que isso aconteça, não se conhece nada melhor do que a Educação.

Disponível em: <<http://istoe.com.br/o-acesso-educacao-e-o-ponto-de-partida/>>.

Acesso em: 20 mar. 2017)

(G1 - ifsul 2017) Quanto à regência verbo-nominal, qual é a alternativa INCORRETA?

- a) A expressão à Educação, que complementa o substantivo acesso, presente no título do texto e nas referências 2 e 16, constitui um caso de regência nominal.
- b) O verbo incluir (referência 13) é bitransitivo, sendo o pronome los o objeto direto e a expressão no mundo do trabalho o objeto indireto.
- c) O pronome oblíquo los (referência 12) possui a função sintática de objeto direto e retoma a expressão 5,3 milhões de jovens de 18 a 24 anos que nem estudam e nem trabalham.
- d) A expressão importantes desafios (referência 7) desempenha a função sintática de objeto indireto do verbo haver.

Exercício 24

(Espcex (Aman) 2016) Assinale a oração em que o termo ou expressão grifados exerce a função de Objeto Indireto.

- a) Cumprimentei-*as* respeitosamente.
- b) Perderam-*na* para sempre.
- c) Amava mais *a ele* que aos outros.
- d) Eu culpo a tudo e *a todos*.
- e) Obedeceu-*lhe* prontamente.

Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) refere(m)-se ao texto a seguir.

A falácia do mundo justo e a culpabilização das vítimas

Por Ana Carolina Prado

“É claro que o cara que estuprou é o culpado, mas as mulheres também ficam andando na rua de saia curta e em hora errada!”. “O hacker que roubou as fotos dessas celebridades nuas está errado, mas ninguém mandou tirar as fotos!”. “Se você trabalhar duro vai ser bem-sucedido, não importa quem você seja. Quem morreu pobre é porque não se esforçou o bastante.” Você sabe o que essas afirmações têm em comum?

Há algum tempo falei aqui sobre como os humanos têm diversas formas de se enganar em relação à ideia que têm de si mesmos, quase sempre para proteger sua autoestima ou para saciar sua vontade de estar sempre certos. Mas nosso cérebro não nos engana só em relação a como vemos a nós mesmos: temos também a tendência de nos iludir em relação aos outros e à vida em geral. E as frases acima exemplificam uma maneira como isso pode acontecer: por meio da falácia do mundo justo.

Por exemplo, embora os estupros raramente tenham qualquer coisa a ver com o comportamento ou vestimenta da vítima e sejam normalmente cometidos por um conhecido e não por um estranho numa rua deserta, a maioria das campanhas de conscientização são voltadas para as mulheres, não para os homens — e trazem a absurda mensagem de “não faça algo que poderia levá-la a ser violentada”.

Em um estudo sobre *bullying* feito em 2010 na *Universidade Linköping*, na Suécia, dos adolescentes culpavam a vítima por ser “um alvo fácil”. Para os pesquisadores, esses julgamentos estão relacionados à noção — amplamente difundida na ficção — de que coisas boas acontecem a quem é bom e coisas más acontecem a quem merece.¹ A tendência a acreditar que o mundo é assim é chamada, na psicologia, de falácia do mundo justo. “Não importa quão liberal ou conservador você seja, alguma noção dela entra na sua reação emocional quando ouve sobre o sofrimento dos outros”, diz o jornalista David McRaney no livro “*Você não é tão esperto quanto pensa*”.⁴ Ele acrescenta que, embora muitas pessoas não acreditem conscientemente em carma, no fundo ainda acreditam em alguma versão disso, adaptando o conceito para a sua própria cultura.

E dá para entender por que somos levados a pensar assim: viver em um mundo injusto e imprevisível é meio assustador e queremos nos sentir seguros e no controle.³ O problema é que crer cegamente nisso leva a ainda mais injustiças, como o julgamento de que pessoas pobres ou viciadas em drogas são vagabundas [...], que mulher de roupa curta merece ser maltratada ou que programas sociais são um desperdício de dinheiro e uma muleta para preguiçosos. Todas essas crenças são falaciosas porque partem do princípio de que o sistema em que vivemos é justo e cada um tem exatamente o que merece.

²[...] a falácia do mundo justo desconsidera os inúmeros outros fatores que influenciam quão bem-sucedida a pessoa vai ser, como o local onde ela nasceu, a situação socioeconômica da sua família, os estímulos e situações pelas quais passou ao longo da

vida e o acaso.⁵ Programas sociais e ações afirmativas não rompem o equilíbrio natural das coisas, como seus críticos podem crer — pelo contrário, a ideia é justamente minimizar os efeitos da injustiça social.⁶ Uma pessoa extremamente pobre pode virar a dona de uma empresa multimilionária, mas o esforço que vai ter de fazer para chegar lá é muito maior do que o esforço de alguém nascido em uma família rica que sempre teve acesso à melhor educação e a bons contatos. “Se olhar os excluídos e se questionar por que eles não conseguem sair da pobreza e ter um bom emprego como você, está cometendo a falácia do mundo justo. Está ignorando as bênçãos não merecidas da sua posição”, diz McRaney.

Em casos de abusos contra outras pessoas, como *bullying* ou estupro, a injustiça é ainda maior, pois eles nunca são justificados — e aí a falácia do mundo justo se mostra ainda mais perversa. Portanto, toda vez que você se sentir movido a dizer coisas como “O estuprador é quem está errado, é claro, mas...”, pare por aí. O que vem depois do “mas” é quase sempre fruto de uma tendência a ver o mundo de uma forma distorcida só para ele parecer menos injusto.

Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs>>. Acesso em: 02 set. 2014 (Adaptado)

(G1 - cftmg 2015) “E as frases acima exemplificam uma maneira como isso pode acontecer: por meio da falácia do mundo justo.”

Nessa frase, o trecho em destaque é classificado sintaticamente como

a) adjunto adverbial.

b) agente da passiva.

c) objeto indireto.

d) aposto.

Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Fofoca: uma obra sem autor

O próprio som da palavra fofoca dá a ela um certo ar de frivolidade. Fofoca, mexerico, coisa sem importância. Difamação é crime,¹ mas fofoca é só uma brincadeira. O que seria da vida sem um bom diz que me diz que, não?

Não. Dispensar fofocas e fofoqueiros.² Quando alguém se aproxima de mim, segura no meu braço e olha para o lado antes de começar a falar, já sei que³ vem aí uma lama que não me diz respeito. Se não tiver como fugir, deixo que a indiscrição entre por um ouvido e saia pelo outro, dando assim o pior castigo para o meu interlocutor: não passarei adiante nem uma palavra.

Não recuso uma olhada na revista *Caras*, especialista em entregar⁴ quem dormiu com quem, quem traiu quem, quem faliu, quem casou, quem separou. É a única publicação do gênero que passa

alguma credibilidade,⁵ porque sei que os envolvidos foram escutados, deram declarações por vontade própria, deixaram-se fotografar. São fofocas profissionais, consentidas e quase sempre assinadas. Fofoca anônima é que é golpe baixo.

A fofoca nasce na boca de quem? Ninguém sabe. Ouviu-se falar. É uma afirmação sem fonte, uma suspeita sem indício, uma leviandade órfã de pai e mãe. Quem fabrica uma fofoca quer ter a sensação de poder. Poder o quê? Poder divulgar algo seu, ver seu “trabalho” passado adiante, provocando reações, mobilizando pessoas. Quem dera o criador da fofoca pudesse contribuir para a sociedade com um quadro, um projeto de arquitetura, um⁶ plano educacional, mas sem talento para tanto, ele gera boatos.

Quem faz intrigas sobre a vida alheia quer ter algo de sua autoria, uma obra que se alastre e cresça, que se torne pública e que seja muito comentada. Algo que lhe dê continuidade. É por isso que fofocar é uma tentação. Porque nos dá, por poucos minutos, a sensação de ser portador de uma informação valiosa que está sendo gentilmente dividida com os outros. Na verdade, está-se exercitando uma pequena maldade, não prevista no Código Penal. Fofocas podem provocar lesões emocionais.⁷ Por mais inocente ou absurda, sempre deixa um rastro de desconfiança. Onde há fumaça há fogo, acreditam todos, o que transforma toda fofoca numa verdade em potencial. Não há fofoca que compense. Se for mesmo verdade, é uma bala perdida. Se for mentira, é um tiro pelas costas.

MEDEIROS, Martha. *Almas gêmeas*, 20 set. 1999.

Disponível em:

<http://almas.terra.com.br/martha/martha_2D_09.htm/>. Acesso em: 7 dez. 2005.

(G1 - ifce 2012) Os termos destacados no trecho “Quando alguém se aproxima **de mim**, segura no meu braço e olha **para o lado** antes de começar a falar, já sei que vem aí **uma lama** que não me diz respeito.” (ref. 2) desempenham, respectivamente, as funções de

a) objeto indireto, complemento nominal e objeto direto.

b) objeto indireto, adjunto adverbial e sujeito.

c) complemento nominal, objeto indireto e objeto direto.

d) objeto indireto, objeto indireto e sujeito.

e) complemento nominal, adjunto adverbial e objeto direto.

Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

NÓS, OS BRASILEIROS

Uma editora europeia me pede que traduza poemas de autores estrangeiros sobre o Brasil.

Como sempre,¹⁴ eles falam da floresta amazônica, uma floresta muito pouco real, aliás. Um bosque poético, com

³mulheres de corpos alvíssimos espreitando entre os troncos das

árvores, e olhos de serpentes hirtas acariciando esses corpos como dedos amorosos”. Não faltam flores azuis, rios cristalinos e tigres mágicos.

¹¹Traduzo os poemas por dever de ofício, mas com uma secreta - e nunca realizada - vontade de inserir ali um grãozinho de realidade. ¹⁹Nas minhas idas (nem tantas) ao exterior, onde convivi sobretudo com escritores ou professores e estudantes universitários - portanto, gente razoavelmente culta -, fui invariavelmente surpreendida com a profunda ignorância a respeito de quem, como e o que somos.

⁵- A senhora é brasileira?- comentaram espantados alunos de uma universidade americana famosa. - Mas a senhora é loira!

¹³Depois de ler num congresso de escritores em Amsterdam um trecho de um dos meus romances traduzido em inglês, ¹⁷ouvi de um senhor elegante, dono de um antiquário famoso, que segurou comovido minhas duas mãos:

⁷- Que maravilha! ²³Nunca imaginei que no Brasil houvesse pessoas cultas!

²¹Pior ainda, no Canadá alguém exclamou incrédulo:

⁶- Escritora brasileira? ²²Ué, mas no Brasil existem editoras?

¹A culminância foi a observação de uma crítica berlinense, num artigo sobre um romance meu editado por lá, acrescentando, a alguns elogios, a grave restrição: “porém ⁸não parece um livro brasileiro, pois não fala nem de plantas nem de índios nem de bichos”.

¹²Diante dos três poemas sobre o Brasil, esquisitos para qualquer brasileiro, ²⁴pensei mais uma vez que ⁴esse desconhecimento não se deve apenas à natural (ou inatural) alienação estrangeira quanto ao geograficamente fora de seus interesses, mas também a culpa é nossa. ²Pois o que mais exportamos de nós é o exótico e o folclórico.

¹⁵Em uma feira do livro de Frankfurt, no espaço brasileiro, o que se via eram livros (não muito bem arrumados), muita caipirinha na mesa, e televisões mostrando carnaval, futebol, praia e... mato.

¹⁶E eu, mulher essencialmente urbana, escritora das geografias interiores de meus personagens neuróticos, ⁹me senti tão deslocada quanto um macaco em uma loja de cristais.

¹⁰Mesmo que tentasse explicar, ninguém acreditaria que eu era tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana vendendo acarajé nas ruas de Salvador. Porque o Brasil é tudo isso.

E nem a cor de meu cabelo e olhos, nem meu sobrenome, nem os livros que li na infância, ¹⁸nem o idioma que falei naquele tempo além do português, ²⁰me fazem menos nascida e vivida nesta terra de tão surpreendentes misturas: imensa, desaproveitada, instigante e (por que ter medo da palavra?) maravilhosa.

(LUFT, Lya. *Pensar e transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 49-51.)

(G1 - cftmg 2006) A função do substantivo destacado está corretamente identificada em:

a) "Ué, mas no Brasil existem EDITORAS?" (ref. 22) OBJETO DIRETO

b) "[...] eles falam da FLORESTA amazônica (...)" (ref. 14) OBJETO INDIRETO

c) "Nunca imaginei que no Brasil houvesse PESSOAS cultas!" (ref. 23) SUJEITO

d) "A culminância foi a observação de uma CRÍTICA berlinense, num artigo sobre um romance meu editado por lá (...)" (ref. 1) COMPLEMENTO NOMINAL

Exercício 28

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

(Ferreira Gullar)

(Cesgranrio 1994) Os termos "No povo" (v.7) e "Ao povo" (v.13), exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) objeto indireto - adjunto adverbial

b) objeto indireto - complemento nominal

c) complemento nominal - objeto indireto

d) adjunto adverbial - adjunto adverbial

e) adjunto adverbial - objeto indireto

Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua

espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

FIALHO DE ALMEIDA

(Faap 1997) "Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, porque não escolheremos nós o travesti do último?" A análise que se faz está correta, exceto:

a) tempo (sujeito)

b) os homens (objeto direto)

c) nós (sujeito)

d) travesti (objeto indireto)

e) o travesti (adjunto adnominal)

Exercício 30

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas,
chega ao ¹batel infernal, e diz:
Hou da barca!
Diabo – Quem vem aí?
Santo sapateiro honrado,
como vens tão carregado?
Sapateiro – Mandaram-me vir assi...
Mas para onde é a viagem?
Diabo – Para a terra dos danados.
Sapateiro – E os que morrem confessados
onde têm sua passagem?
Diabo – Não cures de mais linguagem!
que esta é tua barca, esta!
Sapateiro – Renegaria eu da festa
e da barca e da barcagem!
Como poderá isso ser, confessado e comungado?
Diabo – Tu morreste excomungado,
não no quiseste dizer.
Esperavas de viver;
calaste dez mil enganos,
tu roubaste bem trinta anos
o povo com teu mister.
Embarca, pobre de ti,
que há já muito que te espero!

Sapateiro – Pois digo-te que não quero!

Diabo – Que te pese, hás de ir, si, si!

(Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*. Adaptado.)

¹batel: pequena embarcação.

(Famema 2020) Transpondo-se a forma de tratamento para “você”, os versos “Embarca, pobre de ti, / que há já muito que te espero!” e “Pois digo-te que não quero!” assumem, de acordo com a norma-padrão, as seguintes redações:

a) “Embarque, pobre de você, / que há já muito que lhe espero!” e “Pois digo-lhe que não quero!”

b) “Embarque, pobre de você, / que há já muito que o espero!” e “Pois digo-lhe que não quero!”

c) “Embarque, pobre de você, / que há já muito que o espero!” e “Pois digo-o que não quero!”

d) “Embarque, pobre de você, / que há já muito que lhe espero!” e “Pois digo à você que não quero!”

e) “Embarque, pobre de você, / que há já muito que espero você!” e “Pois digo-o que não quero!”

Exercício 31

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Gerundismo - evite esse vício de linguagem

Tanto se tem falado a respeito de gerundismo, que já há quem tenha prática sobre o uso do gerúndio. Há até quem pergunte se o gerúndio não é mais usado ou se é errado o seu emprego. Então, antes que se comece a tomar o certo pelo duvidoso e o errado pelo certo, vamos nos lembrar de algumas regras gramaticais.

Começemos pelo significado da palavra “gerúndio”. Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação: “Gerúndio é uma das formas nominais do verbo que apresenta o processo verbal em curso e que desempenha a função de adjetivo ou advérbio”.

Ele apresenta-se de duas formas. A simples (Ex.: Chegando a hora da largada, a luz verde acendeu) e a composta (Ex.: Tendo chegado ao fim da corrida, o carro foi recolhido ao boxe).

O gerúndio expressa uma ação que está em curso ou que ocorre simultaneamente ou, ainda, que remete a uma ideia de progressão. Sua forma nominal é derivada do radical do verbo acrescida da vogal temática e da desinência -ndo. Exemplos: comendo; partindo.

Veja, a seguir, o uso do gerúndio na prática:

E a lama desceu pelo morro, destruindo tudo que encontrava pela frente.

Rindo, ele se lembrava com saudades dos dias felizes que tivera.

Abrindo o laptop, começou a escrever.

“Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta, fiz algumas reflexões sobre a morte” (Erico Veríssimo, *Solo de Clarineta*, p. 12).

Como vimos nos exemplos, o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que tenhamos praticado nenhuma heresia. Já com o gerundismo é outra história. Nesse caso, trata-se do uso inadequado do gerúndio. Um vício de linguagem que se alastrou de modo tão corriqueiro e insistente que até já virou piada.

Então, se você usa expressões como: “Vou estar pesquisando seu caso” ou “Vou estar completando sua ligação”, mude imediatamente sua fala para: “Vou pesquisar seu caso” e “Vou completar sua ligação”. Note que, nos dois casos, você passa a usar somente duas formas verbais (“vou” + “pesquisar” ou “vou” + “completar”) no lugar de três. Além disso, a ideia temporal a ser transmitida é a de futuro e não de presente em curso.

O gerundismo, portanto, é uma mania que peca pelo excesso, pela inadequação do verbo, que ocorre ao transformarmos, desnecessariamente, um verbo conjugado em um gerúndio.

(Fonte: UOL. Adaptado. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gerundismo-evite-esse-vicio-de-linguagem.htm>> Acesso em: 20 jan. 2019).

(G1 - ifmt 2020) Considerando a sentença: “[...] o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que **tenhamos praticado** nenhuma heresia”, em relação à locução verbal em destaque, podemos afirmar que:

a) “tenhamos” está flexionado na 3ª pessoa do plural e “praticado” está no particípio passado.

b) “tenhamos” está flexionado na 1ª pessoa do plural e “praticado” está no particípio passado.

c) “tenhamos” está flexionado na 2ª pessoa do plural e “praticado” está no pretérito perfeito.

d) “tenhamos” está flexionado na 1ª pessoa do plural e “praticado” está no pretérito imperfeito.

e) “tenhamos” está flexionado na 3ª pessoa do plural e “praticado” está no gerúndio.

Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema a seguir e responda:

Descreve a vida escolástica

Mancebo sem dinheiro, bom barrete,
Medíocre o vestido, bom sapato,
Meias velhas, calção de esfolado-gato,
Cabelo penteado, bom topete.
Presumir de dançar, cantar falsete,
Jogo de fidalguia, bom barato,
Tirar falsídica ao moço do seu trato,

Furtar a carne à ama, que promete;
A putinha aldeã achada em feira,
Eterno murmurar de alheias famas,
Soneto infame, sátira elegante;
Cartinhas de trocado para a freira,
Comer boi, ser Quixote com as damas,
Pouco estudo: isto é ser estudante.

WISNIK, J. M. (Org.). *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 173.

(Uel 2019) Sobre o poema, considere as afirmativas a seguir.

- I. O poema estabelece uma diferenciação entre o estudante rico, que tudo tem, e o estudante pobre, que é obrigado a “furtar carne à ama”.
- II. O poema tem início com uma distinção entre o bom e o mau estudante: “Mancebo sem dinheiro, bom barrete, /Medíocre o vestido, bom sapato [...]”.
- III. O poema é construído a partir de pequenos quadros que denotam as várias práticas do estudante, sendo que quase nenhuma delas está associada ao estudo.
- IV. A repetição de formas verbais no infinitivo indica uma permanência das características negativas elencadas a respeito do estudante.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 33

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

_____1_____ me perguntam: quantas palavras uma pessoa sabe?

Essa ¹é uma pergunta importante, ²principalmente para quem ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil para quem planeja um curso de francês ou japonês ter uma ³estimativa de quantas palavras um nativo conhece; e quantas os alunos precisam aprender para usar a língua com certa facilidade. ⁴Essas informações seriam preciosas para quem está preparando um manual que incluía, ⁵entre outras coisas, um planejamento cuidadoso da introdução ⁶gradual de vocabulário. À parte isso, a pergunta tem seu interesse próprio. Uma língua não é apenas composta de palavras: ela inclui também regras gramaticais e um mundo de outros elementos que também precisam ser dominados. Mas as palavras são particularmente numerosas, e é notável como qualquer pessoa, instruída ou não, _____2_____ acesso a esse ⁷acervo imenso de informação com facilidade e rapidez. Assim, perguntar quantas palavras uma

pessoa sabe é parte do problema geral de o que é que uma pessoa tem em sua mente e que _____3_____ permite usar a língua, falando e entendendo.

⁸Antes de mais nada, porém, o que é ⁹uma palavra? ¹⁰Ora, ¹¹alguém vai dizer, ¹²“todo mundo sabe o que é uma palavra”. Mas não é bem assim. Considere a palavra olho. É muito claro que isso aí é uma palavra – mas será que olhos é a mesma palavra (só que no plural)? Ou será outra palavra?

¹³Bom, há razões para responder das duas maneiras: é a mesma palavra, porque significa a mesma coisa (mas com a ideia de plural); e é outra palavra, porque se pronuncia diferentemente (olhos tem um “s” final que olho não tem, além da ¹⁴diferença de timbre das vogais tônicas). ¹⁵Entretanto, a razão ¹⁶principal por que ¹⁷julgamos que olho e olhos sejam a mesma palavra é que a relação entre elas é extremamente regular; ou seja, vale não apenas para esse par, mas para milhares de outros pares de elementos da língua: olho/olhos, orelha/orelhas, gato/gatos, etc. E, semanticamente, a relação é a mesma em todos os pares: a forma sem “s” denota um objeto só, a forma com “s” denota mais de um objeto. ¹⁸Daí se tira uma consequência importante: não é preciso aprender e guardar permanentemente na memória cada caso individual; aprendemos uma regra geral (“¹⁹faz-se o plural acrescentando um “s” ao singular”), e estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. *Semântica lexical*. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

(Ufrgs 2018) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas 1, 2 e 3, nessa ordem.

- a) Às vezes – têm – lhe
- b) Às vezes – tem – lhe
- c) As vezes – têm – o
- d) Às vezes – tem – o
- e) As vezes – têm – lhe

Exercício 34

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: “Mas eu seria

grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

(*Fábulas completas*, 2013.)

(Unifesp 2017) Os trechos “Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana” e “vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa” foram construídos em discurso indireto.

Ao se transpor tais trechos para o discurso direto, o verbo “entrasse” e a locução verbal “tinha visto” assumem, respectivamente, as seguintes formas:

a) “entrai” e “vira”.

b) “entrou” e “viu”.

c) “entre” e “vira”.

d) “entre” e “viu”.

e) “entrai” e “viu”.

Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Instrução: A(s) quest(ões) a seguir refere(m)-se ao texto abaixo.

Dia da Proclamação da República

¹_____ exatos 125 anos, em 15 de novembro de 1889, foi proclamada a república do Brasil.

Na época, o país era governado por D. Pedro II e passava por grandes problemas, em razão da abolição da escravidão, em 1888.

²Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os

³imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados, o que gerou insatisfação nos proprietários de terras.

As perdas também foram grandes para os coronéis, ⁴pois

⁵_____ gasto uma enorme ⁶quantidade de dinheiro investindo nos escravos, e o governo, após a abolição, não pagou nenhuma indenização a eles.

A guerra do Paraguai (1864 a 1870) também ajudou na luta

⁷contra o regime monárquico no Brasil. Soldados brasileiros se aliaram aos exércitos do Uruguai e da Argentina, recebendo orientações para implantarem a república no Brasil.

Os movimentos republicanos também já aconteciam no ⁸país, a ⁹imprensa trazia politização ¹⁰_____ população civil, ¹¹para lutarem pela libertação do país dos domínios de Portugal. Com isso, vários partidos teriam sido criados, desde 1870.

A Igreja também teve sua participação para que a república do Brasil fosse proclamada. Dois bispos foram nomeados para

¹²acatarem as ordens de D. Pedro II, tornando-se seus subordinados, ¹³mas não aceitaram tais imposições. Com isso, foram punidos com pena de prisão, levando ¹⁴_____ igreja ¹⁵_____ ir contra o governo.

Com as tensões aquecendo o mandato de D. Pedro II, o imperador dirigiu-se com sua família para a cidade de Petrópolis, também no

estado do Rio de Janeiro.

¹⁶Porém seu afastamento não foi nada favorável, fazendo com que fosse posto em prática um golpe militar, onde o Marechal Deodoro da Fonseca conspirava a derrubada de D. Pedro II. Boatos de que os responsáveis pelo plano seriam presos fizeram com que a armada acontecesse, recebendo o apoio de mais de seiscentos soldados.

No dia 15 de novembro de 1889, ao passar pela Praça da Aclamação, o Marechal, com espada em punho, declarou que, a partir daquela data, o país seria uma república.

Dom Pedro II recebeu a notícia de que seu governo ¹⁷havia sido derrubado e um decreto o expulsava do país, juntamente com sua família. Dias depois, voltaram a ¹⁸Portugal.

Para governar o Brasil República, os responsáveis pela conspiração montaram um governo provisório, mas o Marechal Deodoro da Fonseca permaneceu como presidente do país. Rui Barbosa, Benjamin Constant, Campos Sales e outros foram escolhidos para formar os ministérios.

(FONTE: Jussara de Barros, <http://www.brasilecola.com-Texto>
Adaptado)

(Imed 2015) As lacunas das referências 1, 5, 10, 14 e 15 ficam correta e respectivamente preenchidas por:

a) A – haviam – a – à – a

b) Há – havia – a – a – à

c) A – haviam – a – a – à

d) A – havia – à – à – à

e) Há – haviam – à – a – a

Exercício 36

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o conto “A cartomante”, de Lima Barreto (1881-1922), para responder à(s) questão(ões).

Não havia dúvida que naqueles atrasos e atrapalhões de sua vida, alguma influência misteriosa preponderava. Era ele tentar qualquer coisa, logo tudo mudava. Esteve quase para arranjar-se na Saúde Pública; mas, assim que obteve um bom “pistolão¹”, toda a política mudou. Se jogava no bicho, era sempre o grupo seguinte ou o anterior que dava. Tudo parecia mostrar-lhe que ele não devia ir para adiante. Se não fossem as costuras da mulher, não sabia bem como poderia ter vivido até ali. Há cinco anos que não recebia vintém de seu trabalho. Uma nota de dois mil-réis, se alcançava ter na algibeira por vezes, era obtida com auxílio de não sabia quantas humilhações, apelando para a generosidade dos amigos.

Queria fugir, fugir para bem longe, onde a sua miséria atual não tivesse o realce da prosperidade passada; mas, como fugir? Onde havia de buscar dinheiro que o transportasse, a ele, a mulher e aos filhos? Viver assim era terrível! Preso à sua vergonha como a uma calceta², sem que nenhum código e juiz tivessem condenado, que martírio!

A certeza, porém, de que todas as suas infelicidades vinham de uma influência misteriosa, deu-lhe mais alento. Se era “coisa feita”, havia de haver por força quem a desfizesse. Acordou mais alegre e se não falou à mulher alegremente era porque ela já havia saído. Pobre de sua mulher! Avelhantada precocemente, trabalhando que nem uma moura, doente, entretanto a sua fragilidade transformava-se em energia para manter o casal. Ela saía, virava a cidade, trazia costuras, recebia dinheiro, e aquele angustioso lar ia se arrastando, graças aos esforços da esposa. Bem! As coisas iam mudar! Ele iria a uma cartomante e havia de descobrir o que e quem atrasavam a sua vida. Saiu, foi à venda e consultou o jornal. Havia muitos videntes, espíritas, teósofos anunciados; mas simpatizou com uma cartomante, cujo anúncio dizia assim: “Madame Dadá, sonâmbula, extralúcida, deita as cartas e desfaz toda espécie de feitiçaria, principalmente a africana. Rua etc.”. Não quis procurar outra; era aquela, pois já adquirira a convicção de que aquela sua vida vinha sendo trabalhada pela mandinga de algum preto-mina³, a soldo do seu cunhado Castrioto, que jamais vira com bons olhos o seu casamento com a irmã. Arranjou, com o primeiro conhecido que encontrou, o dinheiro necessário, e correu depressa para a casa de Madame Dadá. O mistério ia desfazer-se e o malefício ser cortado. A abastança voltaria à casa; compraria um terno para o Zezé, umas botinas para Alice, a filha mais moça; e aquela cruciante vida de cinco anos havia de lhe ficar na memória como passageiro pesadelo. Pelo caminho tudo lhe sorria. Era o sol muito claro e doce, um sol de junho; eram as fisionomias risonhas dos transeuntes; e o mundo, que até ali lhe aparecia mau e turvo, repentinamente lhe surgia claro e doce. Entrou, esperou um pouco, com o coração a lhe saltar do peito. O consulente saiu e ele foi afinal à presença da pitonisa⁴. Era sua mulher.

(*Contos completos*, 2010.)

¹pistolão: recomendação de pessoa influente; indivíduo que faz essa recomendação.

²calceta: argola de ferro que, fixada no tornozelo do prisioneiro, ligava-se à sua cintura por meio de corrente de ferro.

³preto-mina: indivíduo dos pretos-minas (povo que habita a região do Grand Popo, no Sudoeste da África).

⁴pitonisa: profetisa.

(Uefs 2018) Em “Onde havia de buscar dinheiro que o transportasse, a ele, a mulher e aos filhos?” (3º parágrafo), o termo sublinhado refere-se ao substantivo “dinheiro” e exerce a função sintática de

a) sujeito.

b) objeto direto.

c) objeto indireto.

d) adjunto adnominal.

e) adjunto adverbial.

Exercício 37

(Eear 2017) Leia:

I. Lembrou-se **da pátria** com saudades e desejou sentir novamente os aromas de sua terra e de sua gente.

II. A defesa **da pátria** é o princípio da existência do militarismo.

Assinale a alternativa que apresenta correta afirmação sobre os termos destacados nas frases I e II.

a) As frases I e II apresentam em destaque adjuntos adnominais.

b) As frases I e II apresentam em destaque complementos nominais.

c) A frase I apresenta em destaque um objeto indireto e a frase II apresenta em destaque um complemento nominal.

d) A frase I apresenta em destaque um objeto indireto e a frase II apresenta em destaque um adjunto adnominal.

Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à(s) questão(ões).

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um ¹facinora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram ²Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta paixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingue. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”. Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo

segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

¹facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

(Unifesp 2016) “Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que **a esse** não **nos** matem.” (4º parágrafo)

Os termos “a esse” e “nos” constituem, respectivamente,

a) objeto indireto e objeto direto.

b) objeto indireto e objeto indireto.

c) objeto direto preposicionado e objeto direto.

d) objeto direto preposicionado e objeto indireto.

e) objeto direto e objeto indireto.

Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a poesia abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A mulher e a casa

Tua sedução é menos
de mulher do que de casa:
pois vem de como é por dentro
ou por detrás da fachada.

Mesmo quando ela possui
tua plácida elegância,
esse teu reboco claro,
riso franco de varandas,

uma casa não é nunca
só para ser contemplada;
melhor: somente por dentro
é possível contemplá-la.

Seduz pelo que é dentro,
ou será, quando se abra;
pelo que pode ser dentro
de suas paredes fechadas;

pelo que dentro fizeram
com seus vazios, com o nada;
pelos espaços de dentro,
não pelo que dentro guarda;

pelos espaços de dentro:
seus recintos, suas áreas,
organizando-se dentro
em corredores e salas,

os quais sugerindo ao homem
estâncias aconchegadas,
paredes bem revestidas
ou recessos bons de cavas,

exercem sobre esse homem
efeito igual ao que causas:
a vontade de corrê-la
por dentro, de visitá-la.

Disponível em:

<http://amoraroxa.blogspot.com.br/2008/02/mulher-e-casa-joo-cabral-de-melo-neto.html>. Acesso em: 24.09.2015

(G1 - ifba 2016) Fazendo a análise morfossintática da última estrofe, pode-se afirmar que, em “visitá-la”:

a) o verbo é intransitivo.

b) o “la” é objeto indireto.

c) o acento agudo é facultativo.

d) o “la” é complemento nominal.

e) o “la” é pronome oblíquo e assume a função de objeto direto.

Exercício 40

(G1 - cps 2015) *Comida* é o nome de uma das músicas dos Titãs. Leia um fragmento dela.

“A gente não quer só comida
A gente quer comida

Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte” (...)

(Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto)
(<http://tinyurl.com/lwl3v2c> Acesso em: 31.07.2014. Adaptado)

Podemos afirmar que os termos “*comida, diversão e arte*”, nesse trecho, exercem sintaticamente a função de

- a) complemento nominal.
- b) sujeito composto.
- c) objeto indireto.
- d) objeto direto.
- e) aposto.

Exercício 41

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O fim do *marketing*

A empresa vende ao consumidor — com a web não é mais assim.

Com a internet se tornando onipresente, os Quatro Ps do *marketing* — produto, praça, preço e promoção — não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades.

(...)

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tornando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e *marketing* de produtos.

(...)

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de “preço”, à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços.

(...)

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou *marketplace*) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou *marketspace*). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço

mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a *marketface* — a interface entre o *marketplace* e o *marketspace*.

(...)

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a “opinião pública” online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

(Don Tapscott. O fim do *marketing*. INFO, São Paulo, Editora Abril, janeiro 2011, p. 22.)

(Unesp 2012) *Nós criamos **produtos**; fixamos **preços**; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos **anúncios**. Nós controlamos a mensagem.*

Nas orações que compõem os dois períodos transcritos, os termos destacados exercem a função de

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) objeto indireto.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

Exercício 42

(Fgv 2003) Em cada uma das alternativas a seguir, está destacado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo NÃO É OBJETO INDIRETO.

- a) O rapaz aludiu ÀS HISTÓRIAS PASSADAS, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
- b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia À NOVELA DA GLOBO, todos os dias.
- c) Quem disse A JOAQUINA que as batatas deveriam cozer-se devagar?
- d) Com a aterrissagem, o avião logo transmitiu AO PÚBLICO a melhor das impressões.
- e) Foi fiel À LEI durante todos os anos que passou nos Açores.

Exercício 43

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
SEM DATA

1 Há seis ou sete dias que eu não ia ao Flamengo. Agora à tarde lembrou-me lá passar antes de vir para casa. Fui a pé; achei

aberta a porta do jardim, ⁵entrei e parei logo.

2 "Lá estão eles", disse comigo.

3 Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. ⁶Hesitei entre ir adiante ³ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua, vi-lhes no rosto e na atitude ²uma expressão a que não acho nome certo ou claro: digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e ⁴mal se podiam consolar. ¹Consolava-os a saudade de si mesmos.

(ASSIS, Machado de. "Memorial de Aires". In: *OBRA COMPLETA*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1989.)

(Ufrj 1999) "... digo O QUE ME pareceu ..."

Quanto à função sintática os termos em destaque são, respectivamente:

a) objeto direto - objeto direto - objeto direto.

b) objeto direto - sujeito - objeto indireto.

c) sujeito - sujeito - complemento nominal.

d) objeto indireto - sujeito - objeto indireto.

e) adjunto adnominal - objeto indireto - objeto direto.

Exercício 44

(Uel 1997) Assinale a alternativa em que a função sintática do termo destacado está INCORRETA.

Faltariam ALGUMAS RESPOSTAS (a) para que o trabalho ficasse COMPLETO (b) e os meninos se dispuseram A OUTRAS TAREFAS (c) MAIS ADAPTADAS (d) A SEU NÍVEL (e).

a) objeto direto

b) predicativo do sujeito

c) objeto indireto

d) adjunto adnominal

e) complemento nominal

Exercício 45

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda à(s) questão(ões).

Marte é o Futuro

O pouso na Lua não foi só o ápice da corrida espacial. Foi também o passo inicial do turbocapitalismo que dominaria as três décadas seguintes. Dependente, porém, de matérias-primas do século 19: aço, carvão, óleo. ⁵Lançar-se ao espaço implicava algum reconhecimento dos limites da Terra. Ela era azul, mas finita. Com

o império da tecnociência, ascendeu também sua nêtese, o movimento ambiental. Fixar Marte como objetivo para dentro de 20 ou 30 anos, hoje, parece ²tão louco quanto chegar à Lua em dez, como determinou John F. Kennedy. ⁶Não há um imperialismo visionário como ele à vista, e isso é bom. ⁷A ISS (estação espacial internacional) representa a prova viva de que certas metas só podem ser alcançadas pela humanidade como um todo, não por ¹nações forjadas no tempo das caravelas. ⁸Marte é o futuro da humanidade. ⁹Ele nos fornecerá a experiência vívida e a imagem perturbadora de um planeta devastado, inabitável. Destino certo da Terra em vários milhões de anos. ³Ou, mais provável, em poucas décadas, ⁴se prosseguir o saque a descoberto da energia fóssil pelo hipercapitalismo globalizado, inflando a bolha ambiental.

(Adaptado de: LEITE, M. Caderno Mais!. *Folha de São Paulo*. São Paulo, domingo, 26 jul. 2009. p. 3.)

(Uel 2010) Quanto à predicação verbal, é correto afirmar:

a) Em “Lançar-se ao espaço implicava algum reconhecimento” (ref. 5), o verbo implicar, nesse contexto, é um verbo transitivo direto, por isso seu complemento não exige preposição.

b) Em “Não há um imperialismo visionário como ele à vista” (ref. 6), o verbo haver é considerado um verbo de ligação, pois estabelece relação entre sujeito e seu predicativo.

c) Em “A ISS (estação espacial internacional) representa a prova viva” (ref. 7), o verbo representar é intransitivo, portanto, não necessita complemento.

d) Em “Marte é o futuro da humanidade” (ref. 8), o verbo ser é classificado como verbo transitivo direto e indireto, ou seja, possui um complemento precedido de preposição e outro não.

e) Em “Ele nos fornecerá a experiência vívida e a imagem” (ref. 9), o verbo fornecer é classificado como verbo defectivo, pois não apresenta a conjugação completa.

Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Namorado: ter ou não, é uma questão

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Quem não tem namorado é alguém que tirou férias não remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namorado de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, de saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia.

2. Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil. Mas namorado, mesmo, é muito difícil.

3. Namorado não precisa ser o mais bonito, mas aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio e quase desmaia pedindo proteção. A proteção dele não precisa ser parruda, decidida, ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo de aflição.

4. Quem não tem namorado não é quem não tem um amor: é quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem três

pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes, mesmo assim pode não ter namorado.

5. Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria ou drible no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pactos de amor apenas com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com felicidade ainda que rápida, escondida, fugidia ou impossível de durar.

6. Não tem namorado quem não sabe o valor de mãos dadas; de carinho escondido na hora em que passa o filme; de flor catada no muro e entregue de repente; de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar; de gargalhada quando fala junto ou descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.

7. Não tem namorado quem não gosta de dormir agarrado, fazer sesta abraçado, fazer compra junto. Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor, nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele, abobalhados de alegria pela lucidez do amor. Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e a do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beira d'água, show do Milton Nascimento, bosques enlazarados, ruas de sonhos ou musical da Metro.

8. Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não chateia com o fato de o seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar: quem gosta sem curtir; quem curte sem aprofundar. Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou meio-dia de sol em plena praia cheia de rivais. Não tem namorado quem ama sem se dedicar; quem namora sem brincar; quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem esperar o outro ir junto com ele. Não tem namorado quem confunde solidão com ficar sozinho e em paz. Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo e quem tem medo de ser afetivo.

9. Se você não tem namorado porque não descobriu que o amor é alegre e você vive pesando duzentos quilos de grilos e de medo, ponha a saia mais leve, aquela de chita, e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim. Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo de sua janela.

10. Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteria. Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido.

11. Enlou-cresça.

(Ufv 1996) Dependendo da frase, um verbo normalmente empregado como transitivo direto pode tornar-se verbo de ligação. Assinale a alternativa em que aparece um exemplo:

a) "Não tem namorado..."

b) "... quem transa sem carinho..."

c) "... quem acaricia sem vontade..."

d) "... de virar sorvete ou lagartixa..."

e) "... e quem ama sem alegria."

Exercício 47

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do poema “Amor feinho”, de Adélia Prado.

Eu quero amor feinho.

Amor feinho não olha um pro outro.

Uma vez encontrado é igual fé,

não teologa mais.

Duro de forte, o amor feinho é magro, doido por sexo

e filhos tem os quantos haja.

Tudo que não fala, faz.

Planta beijo de três cores ao redor da casa

e saudade roxa e branca,

da comum e da dobrada.

Amor feinho é bom porque não fica velho.

Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:

eu sou homem você é mulher.

Amor feinho não tem ilusão,

o que ele tem é esperança:

eu quero amor feinho.

(*Bagagem*, 2011.)

(Famema 2021) “Eu quero amor feinho.”

O verbo sublinhado é transitivo direto, assim como o verbo sublinhado em:

a) “Amor feinho não olha um pro outro.”

b) “não teologa mais.”

c) “Uma vez encontrado é igual fé,”

d) “Amor feinho é bom porque não fica velho.”

e) “Planta beijo de três cores ao redor da casa”

Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MAIS QUE ORWELL, HUXLEY PREVIU NOSSO TEMPO

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro 1984, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos (...)¹ A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. (...) ²O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

³Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (⁴Nos divertindo até morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no The Guardian. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. ⁵Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”

⁶No futuro pintado por Huxley, (...) não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde ⁷grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; ⁸não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; ⁹não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

¹⁰Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. “A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo”, diz o líder. “Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava.” A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem “qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada” e de sua dose diária de soma. “Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade.”

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. “Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos”, escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. (...) O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da

palavra impressa. ¹¹O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: “O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar”.

Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p. 67.

Distopia = Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia. (BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p. 533).

(Epcar (Afa) 2018) Assinale a opção cuja figura de linguagem NÃO tem como elemento central um verbo.

a) “O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia.” (ref. 2)

b) “No futuro pintado por Huxley, (...) não há mães, pais ou casamentos.” (ref. 6)

c) “O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam...” (ref. 11)

d) “Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.” (ref. 5)

Exercício 49

(Eear 2017) Relacione as colunas e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

I. Predicado Verbal

II. Predicado Nominal

III. Predicado Verbo-nominal

() Receava que eu **me tornasse rancorosa**.

() As irmãs **saíram da missa assustadas**.

() Da janela da igreja, os padres **assistiam à cena**.

a) II – I – III

b) III – I – II

c) I – III – II

d) II – III – I

Exercício 50

(G1 - ifba 2016) Leia a anedota de Ziraldo e indique a opção que corresponde aos tipos de predicado presentes na fala atribuída à professora, obedecendo à ordem em que eles aparecem no texto.

A inspetora da escola visitando todas as turmas quando o Juquinha levou um tombo no corredor e berrou todos os palavrões que conhecia.

Escandalizada, a inspetora perguntou:

– Onde essa criança aprendeu tanto palavrão?

E a professora, muito sem graça:

– Aprendeu nada! Isso é dom natural.

(Fonte: Ziraldo. *Mais anedotinhas do Bichinho da Maçã*. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993. p. 10-11)

a) Nominal e Verbal.

b) Verbal e Nominal.

c) Verbal e Verbo-Nominal.

d) Verbo-Nominal e Verbal.

e) Verbo-Nominal e Nominal.

Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Outro Marido

¹⁴Era conferente da Alfândega – mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irredutível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliem pela casca. ⁹Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). ³Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário.

¹⁰Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de Dona Laurinha. Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que Dona Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; era de fato, objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradoado.

¹Ao aparecerem nele as primeiras dores, Dona Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal. Santos parecia ⁶comprazer-se em estar doente. ¹¹Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a Dona Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral com certo orgulho de estar assim tão afetado.

– Quando você ficar bom...

– Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para Dona Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma de Padre Eustáquio, que vela por nós. ²Começou a fatigar-se com a importância que o

reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito

¹²quando ele anunciou que ia internar-se no hospital Gaffré e Guinle.

– Você não sentirá falta de nada – assegurou-lhe Santos. – Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

– Vou visitar você todo domingo, quer?

– É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. ⁴Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

– Pelo rádio – explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

– ⁵É tarde – respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais que a mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. ¹³Dona Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço. Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

– Sou eu a viúva – disse Dona Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, Dona Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na Ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos.

Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, ⁷a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

– Desculpe, foi engano. ⁸A pessoa a que me refiro não é esta – disse Dona Laurinha, despedindo-se.

(Carlos Drummond de Andrade)

(Espcex (Aman) 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (ref.4), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:

a) ação – ação – ação – ação

b) ação – estado – ação – estado

c) estado – ação – estado – ação

d) estado – ação – ação – ação

e) ação – ação – estado – ação

Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

OS POEMAS

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Mário Quintana, *Nariz de Vidro*

(G1 - cftmg 2007) O verbo destacado possui transitividade em:

- a) "(...) o alimento deles já estava em ti ..."
- b) "Os poemas são pássaros que chegam ...".
- c) "E olhas, então, essas tuas mãos vazias, ..."
- d) "(...) não se sabe de onde e pousam no livro que lê."

Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

BRASIL, MOSTRA A TUA CARA

A busca de uma identidade nacional é preocupação deste século

João Gabriel de Lima

1 Ao criar um livro, um quadro ou uma canção, o artista ¹¹brasileiro dos dias atuais tem uma preocupação a menos: parecer brasileiro. A noção de cultura nacional é algo tão incorporado ao cotidiano do país que deixou de ser um peso para os ¹²criadores. Agora, em vez de servir à pátria, eles podem servir ao próprio talento. ⁶Essa é uma ⁷conquista deste século. Tem como marco a Semana de Arte Moderna de 1922, ¹uma espécie de ⁸grito de independência artística do país, cem anos depois da ²independência política. Até esta data, o ¹³brasileiro era, antes de tudo, um ¹⁴envergonhado. Achava que pertencia a uma raça inferior e que a única solução era imitar os modelos culturais importados. Para acabar com esse complexo, foi preciso que um grupo de artistas de diversas áreas se reunisse no Teatro Municipal de São Paulo e bradasse que ser brasileiro era bom. O escritor Mário de Andrade lançou o projeto de uma língua nacional. Seu colega Oswald de Andrade propôs o conceito de "antropofagia", segundo o qual a cultura brasileira criaria um caráter próprio depois de digerir as influências externas.

2 A semana de 22 foi só um marco, mas pode-se dizer que ela realmente criou uma agenda cultural para o país. Foi tentando inventar uma língua brasileira que Graciliano Ramos e Guimarães Rosa escreveram suas obras, ³as mais significativas do ⁹século, no país, no campo da prosa. Foi recorrendo ao bordão da antropofagia que vários artistas jovens, nos anos 60, inventaram a cultura pop brasileira, no movimento conhecido como tropicalismo. No plano das ideias, o século gerou três obras que se tornariam clássicos da reflexão sobre o país. "Os Sertões", do carioca Euclides da Cunha, escrito em 1902, é ainda influenciado por teorias racistas do século passado, que achavam que a mistura entre negros, ¹⁵brancos e índios provocaria ⁴um "enfraquecimento" da raça brasileira. Mesmo assim, é ⁵um livro essencial, porque o repórter Euclides, que trabalhava no jornal "O Estado de S. Paulo", foi a campo cobrir a guerra de Canudos e viu na frente de ¹⁸combate muitas coisas que punham em questão as teorias formuladas em gabinete. "Casa-Grande & Senzala", do pernambucano Gilberto Freyre, apresentava pela primeira vez a miscigenação como algo positivo e buscava nos primórdios da colonização portuguesa do país as origens da sociedade que se formou aqui. Por último, o paulista Sérgio Buarque de Holanda, em "Raízes do Brasil", partia de premissas parecidas mas propunha uma visão crítica, que influenciaria toda a sociologia produzida a partir de então.

VEJA, 22 de dezembro, 1999. p. 281-282.

(Ufsm 2001) Analise o padrão das seguintes frases:

Vários artistas jovens, nos anos 60, inventaram a cultura pop brasileira.

O repórter Euclides viu muitas coisas na frente de combate.

Nas duas frases, NÃO ocorre

- a) sujeito.
- b) verbo transitivo.
- c) objeto direto.
- d) predicativo.
- e) adjunto adverbial.

Exercício 54

(Mackenzie 1996) (...) "Do Pantanal, corra até Bonito, onde um mundo de águas cristalinas faz tudo parecer um imenso aquário." ("O Estado de São Paulo")

Assinale a alternativa que apresenta a correta classificação dos verbos do período acima, quanto à sua predicação.

- a) intransitivo - transitivo direto - de ligação
- b) transitivo indireto - transitivo direto - de ligação
- c) intransitivo - transitivo direto - transitivo direto

d) transitivo indireto - transitivo direto - transitivo direto

e) intransitivo - intransitivo - intransitivo

Exercício 55

(Fei 1994) Assinalar a alternativa cuja oração contém o predicado do mesmo tipo da seguinte oração:

"A marquesa, no centro do cadafalso, chorou muito ansiada":

a) Frequentes são também os desvios da estrada.

b) A imagem da pátria continuava viva em sua lembrança.

c) Os inoportunos roubam-nos o tempo.

d) Busco anelante o palácio encantado da Ventura.

e) De repente, os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar.

Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

01 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.

02 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.

03 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão-somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, equidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

04 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheio de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre,

igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

05 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

06 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

07 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

08 Jogue por alto todas as jogadas, estratégias, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo o coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.

09 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.

10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da forma. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz."

(TÁVOLA, Arthur da. "Para quem quer aprender a amar". In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. "Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação". Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

(Uece 1996) "Ponha a mão na consciência", parágrafo 4, se classifica como predicado:

a) verbal, com verbo transitivo direto

b) verbo-nominal, com verbo transitivo direto

c) verbal, com verbo transitivo direto e indireto

d) verbo-nominal, com verbo transitivo direto e indireto

Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; ¹o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida ²SEM LUTA é um mar morto no centro do organismo universal.

DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA ³de cães; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ⁴ao pé deles estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães ¹⁽⁶⁾mordiam-se, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala ⁵DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia EM ÊXTASE.

- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando.

Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga ²⁽⁷⁾cessou INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, ⁶posto contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que ³⁽⁸⁾disputam aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

(Ita 1996) Quanto à predicação, os verbos "mordiam(1), cessou(2), disputam(3)", classificam-se, no texto, respectivamente, como:

a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.

b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.

c) transitivo, ligação, t. direto e indireto.

d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.

e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
TERRA

1 Tudo tão pobre. Tudo tão longe do conforto e da civilização, da boa cidade com as suas pompas e as suas obras. Aqui, a gente tem apenas o mínimo e até esse mínimo é chorado.

2 Nem paisagem tem, no sentido tradicional de paisagem. Agora, por exemplo, fins d'águas e começos de agosto, o mato já está todo zarolho. E o que não é zarolho é porque já secou. Folha que resta é vermelha, caíram as últimas flores das catingueiras e dos paus-d'arco, e não haveria mais flor nenhuma não fossem as campânulas das salsas, roxas e rasteiras.

3 No horizonte largo tudo vai ficando entre sépia e cinza, salvo as manchas verdes, aqui e além, dos velhos juazeiros ou das novatas algarobas. E os serrotes de pedra do Quixadá também trazem a sua nota colorida; até mesmo quando o sol bate neles de chapa, tira faísca de arco-íris.

4 E a água, a própria água, não dá impressão de fresca: nos pratos-d'água espelhantes ela tem reflexos de aço, que dói nos olhos.

5 A casa fica num alto lavado de ventos. Casa tão rústica, austera como um convento pobre, as paredes caiadas, os ladrilhos vermelhos, o soalho areado. As instalações rudimentares, a lenha a queimar no fogão, a água de beber a refrescar nos potes. O encanamento novo é um anacronismo, a geladeira entre os móveis primitivos de camaru parece sentir-se mal.

6 Não tem jardim: as zínias e os manjericões que levantavam um muro colorido ao pé dos estacotes, estão ressequidos como ramos bentos guardados num baú. Também não tem pomar, fora os coqueiros e as bananeiras do baixio.

7 Não tem nada dos encantos tradicionais do campo, como os conhecemos pelo mundo além. Nem sebes floridas, nem regatos arrulhantes, nem sombrios frescos de bosque - só se a gente der para chamar a caatinga de bosque.

8 Não, aqui não há por onde tentar a velha comparação, a clássica comparação dos encantos do campo aos encantos da cidade. Aqui não há encantos. Pode-se afirmar com segurança que isto por aqui não chega sequer a ser campo. É apenas sertão e caatinga as lombadas, o horizonte redondo e desnudo, o vento nordeste varrendo os ariscos.

9 Comparo este mistério do Nordeste ao mistério de Israel. Aquela terra árida, aquelas águas mornas, aqueles pedregulhos, aqueles cardos, aquelas oliveiras de parca folhagem empoeirada - por que tanta luta por ela, milênios de amor, de guerra e saudade?

10 Por que tanto suor e carinho no cultivo daquele chão que aparentemente só dá pedra, espinho e garrancho?

11 Não sei. Mistério é assim: está aí e ninguém sabe. Talvez a gente se sinta mais puros, mais nus, mais lavados. E depois a gente sonha. Naquele cabeça limpo vou plantar uma árvore enorme. Naquelas duas ombreiras a cavaleiro da gruta dá para fazer um açudinho. No pé da parede caberão uns coqueiros e no choro da revência, quem sabe, há de dar umas leiras de melancia. Terei melancia em novembro.

.....
12 Aqui tudo é diferente. Você vê falar em ovelhas - e evoca prados relvosos, os brancos carneirinhos redondos de lã. Mas as nossas ovelhas se confundem com as cabras e têm pelo vermelho e curto de cachorro-do-mato; verdade que os cordeirinhos são lindos.

13 Sim, só comparo o Nordeste à Terra Santa. Homens magros, tostados, ascéticos. A carne de bode, o queijo duro, a fruta de lavra seca, o grão cozido n'água e sal. Um poço uma lagoa é como um sol líquido, em torno do qual gravitam as plantas, os homens e os bichos. Pequenas ilhas d'água cercadas de terra por todos os lados e em redor dessas ilhas a vida se concentra.

14 O mais é paz, o sol, o mormaço.

(Raquel de Queirós)

(Unirio 1998) Assinale a opção correta quanto à predicação atribuída ao verbo em maiúsculo na passagem do texto.

a) "A casa FICA num alto lavado de ventos." (par.5) - ligação

b) "Aqui não HÁ encantos." (par.8) - intransitivo

c) "...que LEVANTAVAM um muro colorido ao pé dos estacotes," (par.6) - transitivo direto e indireto

d) "Sim, só COMPARO o Nordeste à Terra Santa." (par.13) - intransitivo

e) "...em torno do qual GRAVITAM as plantas, os homens e os bichos." (par.13) - intransitivo

Exercício 59

(Unicamp 2012) O texto abaixo é parte de uma campanha promovida pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas).

Surfamos a Internet, Nadamos em revistas

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

E essas duas mídias estão crescendo.

Um dado que passou quase despercebido em meio ao barulho da Internet foi o fato de que a circulação de revistas aumentou nos últimos cinco anos. Mesmo na era da Internet, o apelo das revistas segue crescendo. Pense nisto: o Google existe há 12 anos. Durante esse período, o número de títulos de revistas no Brasil cresceu 234%. Isso demonstra que uma mídia nova não substitui uma mídia que já existe. Uma mídia estabelecida tem a capacidade de seguir prosperando, ao oferecer uma experiência única. É por isso que as pessoas não deixam de nadar só porque gostam de surfar.

(Adaptado de *Imprensa*, n. 267, maio 2011, p. 17.)

a) O verbo *surf* pode ser usado como transitivo ou intransitivo. Exemplifique cada um desses usos com enunciados que aparecem no texto da campanha. Indique, justificando, em qual desses usos o verbo assume um sentido necessariamente figurado.

b) Que relação pode ser estabelecida entre o título da campanha e o trecho reproduzido a seguir? Como essa relação é sustentada dentro da campanha?

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

Exercício 60

(Ufv 1999) Dadas as frases:

(1) Fui doente durante dois anos (e estou são).

(2) Fui doente para Buenos Aires (e voltei são).

Analise as formas "Fui doente":

a) em termos morfológicos, "fui" constitui flexão de que verbo(s) em (1) e (2)?

b) em termos sintáticos, que tipo de predicado temos em (1) e (2)?

c) em termos semânticos, o que distingue "fui" em (1) e (2)?

Exercício 61

(G1 1996) Em: "IA com ela no navio, o mar BATIA com raiva no meu barco e a água ENCHIA o casco. Só se VIA céu e mar,"

Quanto à predicação verbal os verbos são respectivamente:

1) ia: _____

2) batia: _____

3) enchia: _____

4) via: _____

Exercício 62

(G1 1996) Qual a diferença entre o verbo transitivo e o intransitivo?

Exercício 63

(G1 1996) Localize o verbo e o classifique quanto à predicação (VTD - VTDI - VI - VL - VTI).

a) A família de Alexandre recebeu a notícia alegre.

b) Alexandre parecia cansado.

c) Seu relato terminou.

d) Velasco nomeou os tubarões pontuais.

e) Rufino morreu afogado.

Exercício 64

(G1 1996) Assinale as orações em que os verbos são intransitivos:

() O preço dos alimentos subiu.

() Ele comprou um novo disco.

() Peço desculpas a você.

() O pássaro voa alto.

() Este relógio funciona bem.

Exercício 65

(G1 1996) Assinale as orações em que os verbos são transitivos:

() O dia ESCURECEU depressa.

() TENHO novidades para você.

() Eles PRECISAM de dinheiro.

() Ela só DIZ a verdade.

() Todos SAÍRAM calados.

Exercício 66

(G1 1996) Relacione as colunas a seguir:

1. verbo intransitivo

2. verbo transitivo direto

3. verbo transitivo indireto

4. verbo de ligação

() A menina GANHOU uma boneca.

() Ele É inteligente e bondoso.

() DESOBEDECERAM aos regulamentos.

- () NASCI em Porto Alegre.
() A festa ESTAVA animada.

Exercício 67

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do livro *O oráculo da noite*, do neurocientista Sidarta Ribeiro.

A palavra sonho, do latim *somnium*, significa muitas coisas diferentes, todas vivenciadas durante a vigília, e não durante o sono. Realizei “o sonho da minha vida”, “meu sonho de consumo” são frases usadas cotidianamente pelas pessoas para dizer que pretendem ou conseguiram alcançar algo. Todo mundo tem um sonho, no sentido de plano futuro. Todo mundo deseja algo que não tem. Por que será que o sonho, fenômeno normalmente noturno que tanto pode evocar o prazer quanto o medo, é justamente a palavra usada para designar tudo aquilo que se quer ter?

O repertório publicitário contemporâneo não tem dúvidas de que o sonho é a força motriz de nossos comportamentos. Desejo é o sinônimo mais preciso da palavra “sonho”. [...] Na área de desembarque de um aeroporto nos Estados Unidos, uma foto enorme de um casal belo e sorridente, velejando num mar caribenho em dia ensolarado, sob a frase enigmática: “Aonde seus sonhos o levarão?”, embaixo o logotipo da empresa de cartão de crédito. Deduz-se do anúncio que os sonhos são como veleiros, capazes de levar-nos a lugares idílicos, perfeitos, altamente... desejáveis. As equações “sonho é igual a desejo que é igual a dinheiro” têm como variável oculta a liberdade de ir, ser e principalmente ter, liberdade que até os mais miseráveis podem experimentar no mundo de regras frouxas do sonho noturno, mas que no sonho diurno é privilégio apenas dos detentores de um mágico cartão plástico.

A rotina do trabalho diário e a falta de tempo para dormir e sonhar, que acometem a maioria dos trabalhadores, são cruciais para o mal-estar da civilização contemporânea. É gritante o contraste entre a relevância motivacional do sonho e sua banalização no mundo industrial globalizado. [...] A indústria da saúde do sono, um setor que cresce aceleradamente, tem valor estimado entre 30 bilhões e 40 bilhões de dólares. Mesmo assim a insônia impera. Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente com o toque insistente do despertador, ainda sonolentos e já atrasados para cumprir compromissos que se renovam ao infinito, se tão poucos se lembram que sonham pela simples falta de oportunidade de contemplar a vida interior, quando a insônia grassa e o bocejo se impõe, chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho.

E, no entanto, sonha-se. Sonha-se muito e a granel, sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade, da incessante faina da vida e da tristeza das perspectivas. Dirá a formiga cética que quem sonha assim tão livre é o artista, cigarra de fábula que vive de brisa. [...] Na peça teatral *A vida é sonho*, o espanhol Pedro Calderón de la Barca dramatizou a liberdade de construir o próprio destino. O sonho é a imaginação sem freio nem controle, solta para temer, criar, perder e achar.

(*O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*, 2019.)

(Unifesp 2021) Pode ser reescrito na voz passiva o seguinte trecho do texto:

- a) “Pedro Calderón de la Barca dramatizou a liberdade de construir o próprio destino” (4º parágrafo).
b) “É gritante o contraste entre a relevância motivacional do sonho e sua banalização no mundo industrial globalizado” (3º parágrafo).
c) “O sonho é a imaginação sem freio nem controle, solta para temer, criar, perder e achar” (4º parágrafo).
d) “Mesmo assim a insônia impera” (3º parágrafo).
e) “Desejo é o sinônimo mais preciso da palavra ‘sonho’” (2º parágrafo).

Exercício 68

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto do crítico de arte Jorge Coli para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única.

Entretanto, se pedirmos a qualquer pessoa que possua um mínimo contato com a cultura para nos citar alguns exemplos de obras de arte ou de artistas, ficaremos certamente satisfeitos. Todos sabemos que a *Mona Lisa*, que a *Nona sinfonia* de Beethoven, que a *Divina comédia*, que *Guernica* de Picasso ou o *Davi* de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo “arte”. Além disso, a nossa atitude diante da ideia “arte” é de admiração: sabemos que Leonardo ou Dante são gênios e, de antemão, diante deles, predispomos-nos a tirar o chapéu.

Podemos, então, ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. Infelizmente, esta tranquilidade não dura se quisermos escapar ao superficial e escavar um pouco mais o problema. O *Davi* de Michelangelo é arte, e não se discute. Entretanto, eu abro um livro consagrado a um artista célebre do século XX, Marcel Duchamp, e vejo entre suas obras, conservado em museu, um aparelho sanitário de louça, absolutamente idêntico aos que existem em todos os mictórios masculinos do mundo inteiro. Ora, esse objeto não corresponde exatamente à ideia que eu faço da arte.

Assim, a questão que há pouco propusemos – como saber o que é ou não é obra de arte – de novo se impõe. Já vimos que responder com uma definição que parte da “natureza” da arte é tarefa vã. Mas, se não podemos encontrar critérios a partir do interior mesmo da noção de obra de arte, talvez possamos descobri-los fora dela.

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. Num museu, numa galeria, sei de antemão que encontrarei obras de arte; num cinema “de arte”, filmes que escapam à “banalidade” dos circuitos normais; numa sala de concerto, música “erudita” etc. Esses locais garantem-me assim o rótulo “arte” às coisas que apresentam, enobrecendo-as.

Desse modo, para ¹gáudio meu, posso despreocupar-me, pois nossa cultura prevê instrumentos que determinarão, por mim, o que é ou não arte. Para evitar ilusões, devo prevenir que a situação não é assim tão rósea. Mas, por ora, o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai.

(*O que é arte*, 2013. Adaptado.)

¹gáudio: alegria; júbilo.

(Famema 2019) Em “Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto.” (5º parágrafo), o termo sublinhado refere-se a

- a) “arte”.
- b) “locais”.
- c) “objeto”.
- d) “estatuto”.
- e) “cultura”.

Exercício 69

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

O homem deve reencontrar o Paraíso...

Rubem Alves

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para se navegar. Puseram-se então a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco:

manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse certo poeta: *Navegar é preciso*, a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam *mais ou menos*. Assim, eles se tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento de grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os exóticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo quem quisesse navegar nas rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

De nada valiam, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar seu palpite, ficaram em silêncio. Os computadores não têm preferências – falta-lhes essa sutil capacidade de *gostar*, que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde se estava indo.

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber *como as coisas funcionam*, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa preciosa. Disse certo poeta: *Viver não é preciso*. Primeiro vem o impreciso desejo. Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.

Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas. Ezra Pound inicia seus *Cânticos* dizendo: *E pois com a nau no mar/ assestamos a quilho contra as vagas...* Cecília Meireles: *Foi, desde sempre, o mar! A solidez da terra, monótona/ parece-nos fraca ilusão! Queremos a ilusão do grande mar / multiplicada em suas malhas de perigo*. E Nietzsche: *Amareis a terra de vossos filhos, terra não descoberta, no mar mais distante. Que as vossas velas não se cansem de procurar esta terra! O nosso leme nos conduz para a terra dos nossos filhos...* Viver é navegar no grande mar!

Não só os poetas: C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem novos, mais perfeitos. O ritmo da remadas acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: *O porto não nos importa. O que importada é a velocidade com que navegamos*.

C Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio duma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de *para onde* navegamos. *Para onde?* Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do *para onde*. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como *sonho*

impossível de ser realizado. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direção.

Mário Quintana explicou a utopia com um verso: *Se as coisas são inatingíveis... ora! não é um motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora/ A mágica presença das estrelas!* Karl Mannheim, outro sociólogo sábio que poucos leem, já na década de 1920 diagnosticava a doença da nossa civilização: Não temos consciência de direções, não escolhemos direções. Faltam-nos estrelas que nos indiquem o destino.

Hoje, ele dizia, as únicas perguntas que são feitas, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é produzir o objeto) e pelo objetivismo da ciência (o importante é saber como funciona), são: *Como posso fazer tal coisa? Como posso resolver este problema concreto em particular?* E conclui: *E em todas essas perguntas sentimos o eco intimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo.*

Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz e sem rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso, sua polia, sua vela, seu mastro.

Dizem que seu dever é produzir conhecimento. Se forem bem-sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se lhes pergunta: *Para onde seu barco está navegando?*, eles respondem: *Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico.*

E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo. Não posso pensar a missão das escolas, começando com as crianças e continuando com os cientistas, como outra que não a da realização do dito poeta: *Navegar é preciso. Viver não é preciso.*

É necessário ensinar os precisos saberes da navegação enquanto ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação: *A terra dos filhos dos meus filhos, no mar distante...* Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com navegar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas.

O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: *O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso.* O paraíso é o jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para os homens e mulheres. Mas há um pesadelo que me atormenta: o deserto. Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado *progresso*. Está na bandeira nacional... E, *quilha contra as vagas*, a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção. E é assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

(Efomm 2018) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado **NÃO** cumpre a função de sujeito.

- a) *Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber.*
- b) *Disse certo poeta: 'Navegar é preciso', a ciência da navegação é saber preciso (...).*
- c) *É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação.*
- d) *Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas.*
- e) *O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard (...).*

Exercício 70

(Efomm 2018) *Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas.*

Observando o período acima, nota-se que a partícula sublinhada cumpre uma função específica, que aparece nas outras alternativas, **EXCETO** em

- a) *Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria (...)*
- b) *(...) velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam 'mais ou menos'.*
- c) *É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação.*
- d) *Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com os sonhos.*
- e) *Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado 'progresso'. Está na bandeira nacional...*

Exercício 71

(Eear 2017) Assinale a alternativa em que o se é índice de indeterminação do sujeito na frase.

- a) Não se ouvia o barulho.
- b) Perdeu-se um gato de estimação.
- c) Precisa-se de novos candidatos militares.
- d) Construíram-se casas e apartamentos na rua pacata.

Exercício 72

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à(s) questão(ões) abaixo.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se

estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo. É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, Dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

(Unesp 2017) O trecho “As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe.” (2º parágrafo) foi construído na voz passiva. Ao se adaptar tal trecho para a voz ativa, a locução verbal “foram substituídas” assume a seguinte forma:

- a) substitui. .
- b) substituíram.
- c) substituiriam.
- d) substituiu.
- e) substituem.

Exercício 73

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantes e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-

los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. ¹Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, ²devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. ³As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. ⁴Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entramos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] ⁵A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. ⁶Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). ⁷“Os vários tipos de receptor situam-se numa ⁸complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. ⁹Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do *Jornal Nacional* acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. ¹⁰“A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846. Acesso em 13/07/2016.)

(Ita 2017) Assinale a opção em que o verbo destacado está na voz passiva pronominal.

a) Assim, **fomentou-se** a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica. (ref. 1)

b) As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não **são recebidas** automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. (ref. 3)

c) “Os vários tipos de receptor **situam-se** numa complexa rede de referências [...]” (ref. 7)

d) “[...]complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática **se completam** e modificam” [...] (ref. 8)

e) “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não **podem ser antecipadas** por ninguém; [...]” (ref. 10)

Exercício 74

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei ¹ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer², ³e o Brasil que designa um povo, uma ⁴nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida⁵, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de ⁶se reproduzir como sistema. ⁷Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, ⁸isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre ⁹si¹⁰; como é que cada um depende do outro; e ¹¹como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “¹²pátria”.

¹³Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses ¹⁴ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “¹⁵jeitos” de cada grupo humano.

¹⁶Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? ¹⁷A pergunta, ¹⁸na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer,

dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, ¹⁹o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos ²⁰português e não ²¹francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “²²coisas” (e de experiências) ²³para se construir como algo único. ²⁴Nessa perspectiva, a chave para entender a ²⁵sociedade brasileira é uma ²⁶chave dupla. ²⁷E, ²⁸para mim, a capacidade relacional — do antigo com o moderno — tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, ²⁹portanto, discutir o Brasil como uma ³⁰moeda. Como algo que tem dois lados. ³¹E mais: como uma realidade que nos tem ³²iludido, precisamente porque ³³nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o ³⁴brasil, ³⁵Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade.

In:_____. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

(Ufrgs 2017) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

a) **como os dois formam uma realidade única** (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.

b) **Trata-se, sempre, da questão de identidade** (ref. 16) – é tratado, sempre, da questão de identidade.

c) **A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante** (ref. 17) – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.

d) **o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses** (ref. 19) – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.

e) **nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora** (ref. 33) – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

Exercício 75

(G1 - ifsp 2016) Considerando a norma padrão da Língua Portuguesa, marque (VP), para voz passiva, (VA), para voz ativa e assinale a alternativa correta.

- I. O jogador marcou um belo gol na última semana. ()
- II. O ônibus atrasou bastante na tarde de ontem. ()
- III. A bola foi atrasada de modo muito forte pelo zagueiro. ()
- IV. O computador foi desligado inadequadamente na última vez. ()

a) VA, VP, VP, VA.

b) VP, VA, VA, VP.

c) VA, VA, VP, VP.

d) VP, VP, VA, VA.

e) VP, VA, VP, VA.

Exercício 76

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Os princípios da conversa

José Luiz Fiorin

As condições gerais de linguagem que permitem fazer inferências na troca verbal

Uma anedota conhecida conta que um agente alfandegário pergunta a um passageiro que desembarcara de um voo internacional e passava pela aduana:

– Licor, conhaque, grapa...?

O passageiro responde:

– Para mim, só um cafezinho.

A graça da piada reside no fato de que o passageiro fez, propositadamente ou não, uma inferência errada nessa situação de comunicação. Inferiu que o fiscal aduaneiro lhe oferecia um digestivo, como no final de uma refeição num restaurante, quando, na realidade, a inferência correta é se ele trazia alguma bebida alcoólica na bagagem. Ele violou o princípio de pertinência que rege o uso da linguagem.

Chama-se inferência pragmática aquela que resulta do uso dos princípios que governam a utilização da linguagem na troca verbal. Paul Grice (1975) postula que um princípio de cooperação preside à comunicação. Ele enuncia-se assim: sua contribuição à comunicação deve, no momento em que ocorre, estar de acordo com o objetivo e a direção em que você está engajado.

Categorias

Esse princípio é explicitado por quatro categorias gerais – a da quantidade das informações dadas, a de sua verdade, a de sua pertinência e a da maneira como são formuladas, que constituem as máximas conversacionais. (...)

Não são regras

Pode-se infringir uma máxima para não transgredir outra, cujo respeito é considerado mais importante.

No exemplo que segue, a resposta do interlocutor viola a máxima da quantidade para não desobedecer à da qualidade:

– Onde João trabalha? Ele saiu daquela firma?

– No Rio de Janeiro.

Com efeito, quem pergunta quer de fato saber é a firma onde João presta serviços. A resposta mais vaga permite inferir que o interlocutor não sabe exatamente onde João trabalha.

Pode-se explorar a infringência de uma máxima com vistas a criar um dado efeito de sentido. Por exemplo, a ironia é a exploração de uma transgressão da máxima da qualidade. O que o texto irônico está dizendo não é verdade. Deve-se entendê-lo pelo avesso. No exemplo que segue, “modesto” quer dizer o oposto: “‘Tenho uma voz conhecida, então não é qualquer narrador, é o Falabella contando a história’, diz o modesto autor-locutor” (+ Miguel Falabella) (Veja, 11/1/2012, p. 109)

MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Máximas da quantidade

a) Que sua contribuição contenha o tanto de informação exigida;

b) Que sua contribuição não contenha mais informação do que é exigido.

Máximas da qualidade (da verdade)

a) Que sua contribuição seja verídica;

b) Não diga o que pensa que é falso;

c) Não afirme coisa de que não tem provas.

Máxima da relação (da pertinência)

Fale o que é concernente ao assunto tratado (seja pertinente).

Máximas de maneira

Seja claro.

a) Evite exprimir-se de modo obscuro;

b) Evite ser ambíguo;

c) Seja breve (evite a prolixidade inútil);

d) Fale de maneira ordenada.

<http://revistalingua.com.br/textos/100/artigo304577-1.asp>.

(Adaptado).

(Uemg 2016) Julgue estas afirmações:

I. A construção “Ele enuncia-se assim...” equivale à construção “Ele é enunciado assim...”.

II. O pronome *lhe*, do trecho “Inferiu que o fiscal aduaneiro lhe oferecia um digestivo”, substitui o nome *passageiro*.

III. No trecho “Pode-se infringir uma máxima para não transgredir outra, cujo respeito é considerado mais importante”, o pronome *cujo* exprime ideia de *posse*.

IV. No trecho “Com efeito, quem pergunta quer de fato saber é a firma onde João presta serviços”, a expressão “com efeito” equivale a “não obstante”.

Estão **CORRETAS** apenas:

a) I e IV.

b) I e II.


c) II e III.

d) III e IV.

Exercício 77

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Onde há maior engajamento das pessoas no trabalho? Para responder essa pergunta, a consultoria Marcus Buckingham Company fez uma pesquisa em 13 países, entrevistando cerca de mil pessoas de várias empresas em cada um. Os Estados Unidos e a China estão empatados em primeiro lugar (com de engajamento total cada), o que não chega a ser uma surpresa diante da potência de suas economias. Mas aí começam as novidades: em segundo lugar está a Índia, com  e em terceiro, o Brasil, com de engajamento, acima de países como a Inglaterra, o Canadá, a Alemanha, a Itália e a França. Solicitou-se aos entrevistados hierarquizar oito afirmações básicas, como “no trabalho, sei claramente o que esperam de

mim” ou “serei reconhecido se fizer um bom trabalho”. Para os autores, a diferença de engajamento em cada país seria explicada de acordo com o grau de confiança que o entrevistado teria sobre a utilização de suas capacidades pessoais no trabalho. Mas há nuances: no Brasil, assim como na França, Canadá e Argentina, a afirmação “meus colegas me apoiam” recebeu também grande destaque, enquanto na Inglaterra e na Índia se valoriza mais o fato de ter colegas que compartilhem os mesmos valores.

(Adaptado de: NOGUEIRA, P. E. A preguiça é mito? *Época Negócios*. ago. 2015. n.102. p. 21.)

(Uel 2016) Com base no trecho “Solicitou-se aos entrevistados hierarquizar oito afirmações básicas”, assinale a alternativa que apresenta a sua correta reescrita.

- a) A hierarquia de oito afirmações básicas foi solicitada aos entrevistados.
- b) Hierarquizar oito afirmações básicas foi a solicitação dos entrevistados.
- c) Oito afirmações básicas foram solicitadas aos entrevistados hierarquizados.
- d) Solicitaram a hierarquia dos entrevistados através de oito afirmações básicas.
- e) Solicitou-se hierarquizar os entrevistados com oito afirmações básicas.


Exercício 78

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir estão relacionadas ao texto abaixo.


Quando a ¹economia ²política clássica nasceu, no Reino Unido e na França, ao final do século XVIII e início do século XIX, a questão da distribuição da renda já se encontrava no centro de todas as análises. Estava claro que ³transformações radicais entraram em curso, propelas pelo crescimento ⁴demográfico sustentado – inédito até então – e pelo início do êxodo rural e da Revolução Industrial. Quais seriam as consequências sociais dessas mudanças?

Para Thomas Malthus, que ⁵publicou em 1798 seu *Ensaio sobre o princípio da população*, não restava dúvida: a superpopulação era uma ameaça. Preocupava-se especialmente com a situação dos

franceses  vésperas da Revolução de 1789, quando havia miséria generalizada no campo. ⁶Na época, a França era ⁷de longe o país mais populoso da Europa: por volta de 1700, já contava com mais de 20 milhões de habitantes, enquanto o Reino Unido tinha pouco mais de 8 milhões de pessoas. A ⁸população francesa se expandiu em ritmo crescente ao longo do século XVIII, aproximando-se dos 30 milhões. Tudo leva a crer que esse ⁹dinamismo demográfico, desconhecido nos séculos anteriores, contribuiu para a ¹⁰estagnação dos salários no campo e para o aumento dos rendimentos associados à ¹¹propriedade da terra,

sendo, portanto, um dos fatores que levaram 

Revolução Francesa. ¹²Para evitar que torvelinho ¹³similar vitimasse o Reino Unido, Malthus argumentou que ¹⁴toda assistência aos ¹⁵pobres deveria ser suspensa de imediato e a taxa de natalidade deveria ser severamente controlada. Já David Ricardo, que publicou em 1817 os seus *Princípios de economia política e tributação*, preocupava-se com a ¹⁶evolução do preço da terra. Se o crescimento da população e, ¹⁷consequentemente, da produção agrícola se prolongasse, a terra tenderia a se ¹⁸tornar escassa. De acordo com a lei da oferta e da procura, o preço do bem escasso – a terra – deveria subir de modo contínuo. No limite, ¹⁹os donos da terra receberiam uma parte cada vez mais significativa da renda nacional, e o ²⁰restante da população, uma parte cada vez mais reduzida, ²¹destruindo o equilíbrio social. De fato, ²²o valor da terra permaneceu alto por algum tempo, mas, ao longo de século XIX, caiu em relação

 outras formas de riqueza, à medida que diminuía o peso da agricultura na renda das nações. ²³Escrevendo nos anos de 1810, Ricardo não poderia antever a importância que o progresso tecnológico e o crescimento industrial teriam ao longo das décadas seguintes para a evolução da distribuição da renda.

Adaptado de: PIKETTY, T. *O Capital no Século XXI*. Trad. de M. B. de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p.11-13.

(Ufrgs 2016) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) *transformações radicais entraram em curso* (ref. 3) – transformações radicais foram entradas em curso.
- b) *Para evitar que torvelinho similar vitimasse o Reino Unido* (ref. 12) – Para evitar que o Reino Unido fosse vitimado por torvelinho similar.
- c) *toda assistência aos pobres deveria ser suspensa de imediato e a taxa de natalidade deveria ser severamente controlada* (ref. 14) – os pobres deveriam suspender de imediato toda assistência e deveriam controlar severamente a taxa de natalidade.
- d) *os donos da terra receberiam uma parte cada vez mais significativa da renda nacional* (ref. 19) – a renda nacional seria recebida por uma parte cada vez mais significativa dos donos da terra.
- e) *o valor da terra permaneceu alto por algum tempo* (ref. 22) – o valor da terra foi permanecido alto por algum tempo.

Exercício 79


TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

História do humor

¹“O humor está presente na civilização desde as sociedades mais primitivas – ele é uma capacidade que o ser humano tem de olhar a realidade e ressignificá-la, tornando-a algo engraçado e conferindo-lhe olhar crítico. No passado, ele era até uma forma de sobrevivência às adversidades e de união do grupo”, de acordo

com o professor da Escola de Comunicações e Artes, Ricardo Alexino Ferreira.

Alexino conta que, a partir dos anos  os humoristas passaram a retratar frequentemente de forma pejorativa grupos minorizados da sociedade, como negros, mulheres, idosos e deficientes. ²Segundo ele, os comediantes consideraram esse humor fácil, pois muitas vezes se limitava a imitar essas pessoas. “Parte do humor se tornou sem repertório e um reforçador de estereótipos, uma caricatura do ‘outro’”, diz.

(Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/10/quando-a-piada-perde-a-graca-e-vira-ofensa/> Acesso em: 08/09/2015)

(G1 - cp2 2016) Releia o seguinte trecho destacado do texto “História do Humor”: “Segundo ele, os comediantes consideraram esse humor fácil, pois muitas vezes se limitava a imitar essas pessoas.” (ref. 2).

Assinale a alternativa que apresenta a forma correspondente da oração sublinhada na voz passiva.

- a) Esse humor fácil foi considerado pelos comediantes.
- b) Esse humor é considerado fácil pelos comediantes.
- c) Considerou-se esse humor fácil pelos comediantes.
- d) Esse humor foi considerado fácil pelos comediantes.

Exercício 80

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. ¹Vendeu. Vendeu. ²Ganhou. Ganhou. Ganhou. ³Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. Escondeu. Burlou. Safou-se. Comprou. Vendeu. Assinou. Sacou. Depositou. Depositou. Depositou. Associou-se. Vendeu-se. Entregou. Sacou. Depositou. Despachou. Repreendeu. ⁴Suspendeu. Demitiu. Negou. Explorou. Desconfiou. Vigiou. Ordenou. Telefonou. Despachou. Esperou. Chegou. Vendeu. Lucrou. Lesou. Demitiu. Convocou. Saiu. Despiu-se. Dirigiu-se. Chegou. Beijou. Negou. Lamentou. Dormiu. Roncou. Sonhou. Sobressaltou-se. Acordou. Preocupou-se. Temeu. Suou. Ansiou. Tentou. Bebeu. Dormiu. Dormiu. Dormiu. Acordou. Levantou-se. Aprontou-se...

MINO. Como se conjuga um empresário. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/como-se-conjuga-um-empresario.html>>. Acesso em: 18 jan. 2016. Adaptado.

(Uefs 2016) Sobre análise linguística dos aspectos que estruturam o texto e de seus efeitos de sentido, está correto o

que se afirma em

- I. O uso constante da terceira pessoa do singular sugere a indeterminação do sujeito da ação verbal.
- II. O pronome “se” que aparece ao longo do texto é sempre reflexivo, indicando situações em que a personagem é, ao mesmo tempo, agente e paciente dos atos realizados.
- III. A repetição das formas verbais “Vendeu” (ref. 1), “Ganhou” (ref. 2) e “Lucrou” (ref. 3) sugere acontecimentos reiterados no cotidiano de uma pessoa de negócios, que a deixam sufocada e oprimida diante da realidade por ela vivenciada.
- IV. O apagamento dos complementos de verbos flexionados no pretérito, como “Suspendeu. Demitiu. Negou. Explorou.” (ref. 4), insinua fatos rotineiros, independentemente do elemento ou do ser que eles possam impactar.
- V. O ponto de continuação, após cada procedimento, diferencia-se do emprego das reticências, no final do texto, na medida em que evidencia processos verbais concluídos, que não irão se repetir.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e V.

Exercício 81

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir estão relacionada(s) ao texto abaixo.

⁴À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, ¹⁴Chagas e Silva ⁶postava-se de palito à boca, como ¹⁹se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. ⁸Longe ²¹disso! A Rua da Praia que ²³o diga, ou ²²melhor, que o dissesse. ²⁴O faz de conta do ⁷inefável personagem ⁵ligava-se mais à ²⁵importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. ¹⁵Ele, que tanto marcou a rua, tinha ²⁷franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava ²⁸dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e ¹⁰uns olhinhos apertados na ¹_____ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, ²⁹era o ⁹toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. ¹⁶Fixou-²⁰se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de ¹²indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. ¹⁷Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e ¹¹fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas ³³e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que “trocava” por dinheiro.

Não era de meu propósito ³¹ocupar-me do "doutor" Chagas ³⁴e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava. Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, ³⁰dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. ¹⁸Essas casas punham ao alcance dos *gourmets* virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e ²_____ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a ²⁶dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados ³_____ maiores ou menores, tabernas ³⁵ou simples tascas. A Cidade ³²divertia-se também ¹³pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

(Ufrgs 2015) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

a) ***Chagas e Silva postava-se de palito à boca*** (ref. 14) - Chagas e Silva era postado de palito à boca

b) ***Ele, que tanto marcou a rua*** (ref. 15) - A rua, que tanto foi marcada por ele

c) ***Fixou-se na Rua da Praia*** (ref. 16) - Foi fixado na Rua da Praia

d) ***Os estudantes tomaram conta dele*** (ref. 17) - Ele foi tomado conta pelos estudantes

e) ***Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e molhados"*** (ref. 18) - Os *gourmets* eram postos ao alcance de virtuosíssimos "secos e molhados" por essas casas

Exercício 82

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Felicidade Clandestina

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. (...) Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (...)

Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. (...)

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. (...) E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. (...) Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. (...)

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! (...)

Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. (...) Chegando em casa, não comeci a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. (...) Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. (...)

(<http://tinyurl.com/veele-contos> Acesso em: 27.08.14. Adaptado)

(Fatec 2015) Observe o trecho do texto: “e assim **recebi o livro** na mão(...)”

Ao passar a oração sublinhada nesse trecho para a voz passiva analítica, teremos:

a) O livro era recebido por mim.

b) O livro é recebido por mim.

c) O livro será recebido por mim.

d) O livro foi recebido por mim.

e) O livro seria recebido por mim.

Exercício 83

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O que havia de tão revolucionário na Revolução Francesa?

Soberania popular, liberdade civil, igualdade perante a lei – ¹as palavras hoje são ditas com tanta facilidade que somos incapazes de imaginar seu caráter explosivo em 1789. Para os franceses do Antigo Regime, ⁶os homens eram ⁸desiguais, e a desigualdade era uma boa coisa, adequada à ordem hierárquica que ²fora posta na natureza pela própria obra de Deus. A liberdade significava privilégio – isto é, literalmente, ¹²“lei privada”, uma prerrogativa ¹³especial para fazer algo negado a outras pessoas. O rei, como fonte de toda a lei, distribuía privilégios, ³pois havia sido ¹⁹ungido como ¹⁶o agente de Deus na terra.

Durante todo ¹⁷o século XVIII, os filósofos do Iluminismo questionaram esses ⁹pressupostos, e os panfletistas profissionais conseguiram ¹⁴empanar ²⁰a aura sagrada da coroa. Contudo, a desmontagem do quadro mental do Antigo Regime demandou violência iconoclasta, destruidora do mundo, revolucionária.

⁷Seria ótimo se pudéssemos associar ¹⁸a Revolução exclusivamente à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, mas ela nasceu na violência e imprimiu seus princípios em um mundo violento. Os conquistadores da Bastilha ²⁴não se limitaram a destruir ²¹um símbolo do despotismo real. ⁴Entre eles, 150 foram mortos ou feridos no assalto à prisão e, quando os sobreviventes apanharam o diretor, cortaram sua cabeça e desfilaram-na por ²⁵Paris ²²na ponta de uma lança.

Como podemos captar esses momentos de loucura, quando tudo parecia possível e o mundo se afigurava como uma tábula rasa, apagada por uma onda de comoção popular e pronta para ser redesenhada? Parece incrível que um povo inteiro fosse capaz de se levantar e transformar as condições da vida cotidiana.

Duzentos anos de experiências com admiráveis mundos ²⁶novos tornaram-nos ¹⁵céticos quanto ao ¹⁰planejamento social.

²⁷Retrospectivamente, a Revolução pode parecer um ²³prelúdio ao ¹¹totalitarismo.

Pode ser. Mas um excesso de visão ²⁸histórica retrospectiva pode distorcer o panorama de 1789. Os revolucionários franceses não eram nossos contemporâneos. E eram um conjunto de pessoas não excepcionais em circunstâncias excepcionais. Quando as coisas se ²⁹desintegraram, eles reagiram a uma necessidade imperiosa de dar-lhes sentido, ordenando a sociedade segundo novos princípios. Esses princípios ainda permanecem como uma denúncia da tirania e da injustiça. ⁵Afinal, em que estava

empenhada a Revolução Francesa? Liberdade, igualdade, fraternidade.

Adaptado de: DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. In: _____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 30-39.

(Ufrgs 2014) Assinale a alternativa que contém a correta passagem de um segmento que ocorre em voz passiva no texto para a voz ativa.

a) **dizemos as palavras hoje com tanta facilidade...** (ref. 1)

b) **que a própria obra de Deus pusera na natureza.** (ref. 2)

c) **pois o agente de Deus na terra o ungira.** (ref. 3)

d) **Entre eles, 150 feriram-se ou mataram-se no assalto à prisão...** (ref. 4)

e) **Afinal, em que se empenhou a Revolução Francesa?** (ref. 5)

Exercício 84

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

(Unifesp 2013) Assinale a alternativa em que a eliminação do pronome em destaque implica, contextualmente, mudança do sujeito do verbo.

a) *Ali vê-se um ataviado dandy* [...].

b) [...] *aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos* [...].

c) *O velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo* [...].

d) [...] *mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente* [...].

e) [...] *daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala* [...].

Exercício 85

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Buscando a excelência

Lya Luft

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeira. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delinea com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista *Veja*, de 26.09.2012. Adaptado).

(G1 - ifsp 2013) Assinale a alternativa em que se apresenta o emprego da voz passiva analítica.

a) (...) *a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país* (...).

b) *Estamos carentes de excelência*.

c) (...) *as universidades, que aos poucos (...) vão se tornando reduto de pobreza intelectual*.

d) (...) *não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre*.

e) (...) *parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens* (...).

Exercício 86

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

E SE...

... a água potável acabar?

As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne.¹ Mas não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no País, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

A vida nas metrópoles será mais difícil. Só a grande São Paulo consome atualmente 80,5 bilhões de litros por mês. A água que abastece a região virá de Santos, uma das grandes cidades do litoral que passarão a investir em dessalinização. O problema é que, para obter 1 litro de água dessalinizada, são necessários 4 litros de água do mar, a um custo de até US\$ 0,90 o m²,² segundo a International Desalination Association. Só São Paulo gastaria quase R\$ 140 milhões em dessalinização por mês, Como

resultado, a água custaria muito mais do que os R\$ 3 por m³ de hoje.

Mas há quem não concorde com esse cenário caótico. ³“Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”, diz Antônio Felix Domingues, da Agência Nacional de Águas. [...]

Rafael Soeiro. In *Revista Superinteressante*. São Paulo. Abril. Edição 305, junho/2012, p. 42.

(Uepb 2013) O termo “se”, usado nos fragmentos abaixo, não estabelece declaração de condicionante em:

- a) “Se alguém exceder 55 litros de consumo [...]”
- b) “E se... a água potável acabar?”
- c) “Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne.”
- d) “[...] se não há água para você, imagine para o gado.”
- e) “Á água só acaba se você acabar com o ciclo dela”

Exercício 87

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

22 de maio

¹Eu hoje estou triste. ²Estou nervosa. ³Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos.

⁴Cosinhei as batatas, eles comeram. ⁵Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros.

Zanguei com ele. ⁶Onde já se viu favelado com estas finezas?
... Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole.
Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. ⁷Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ⁸ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste ⁹viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. ¹⁰Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

¹¹– Mamãe, ¹²vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome eu fui pedir auxílio ao ¹³propalado Serviço Social. Foi lá que ¹⁴eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver ¹⁵os dramas que ali se desenrola. A ironia com que

são tratados os pobres. ¹⁶A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, pp. 41 e 42.

(Udesc 2019) Analise as proposições em relação ao trecho apresentado e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

- () Em “Onde já se viu favelado com estas finezas?” (ref. 6) as palavras destacadas são, na morfologia, sequencialmente, pronome interrogativo, advérbio, conjunção subordinada integrante, preposição e pronome demonstrativo.
- () A obra retrata que Carolina era uma mulher forte, com planos e objetivos determinados e que em momento algum, durante o período em que viveu na favela, deixou-se abater pela pobreza e pelas dificuldades encontradas.
- () Da estrutura “A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços os pobres” (ref. 16) percebe-se a crítica de Carolina em relação à assistência social aos necessitados, uma crítica aos órgãos governamentais assistencialistas para quem deles precisa.
- () Da leitura do período “vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida” (ref. 12), infere-se que a maior necessidade da família de Carolina é a sobrevivência, e que a maior mazela da classe social, a que Carolina pertence, é a fome.
- () Em “Eu hoje estou triste” e “Estou nervosa” (ref. 1 e 2) as duas orações, quanto à sintaxe, têm predicado nominal, e as palavras destacadas são predicativo do sujeito.

Assinale a alternativa **correta**, de cima para baixo.

- a) V – V – F – F – V
- b) F – F – V – V – V
- c) F – V – F – V – V
- d) V – V – V – V – F
- e) F – V – V – V – F

Exercício 88

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema “Pátria”, de Olavo Bilac, para responder à(s) questão(ões).

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

<<http://tinyurl.com/pk5bmca>> Acesso em: 20.08.2015.

(G1 - cps 2016) Analisando o verso “É um seio de mãe a **transbordar** carinhos...” é correto afirmar que a predicação da expressão verbal destacada

a) depende de um termo que lhe complete, ligando-se a ele com auxílio de uma preposição.

b) depende de um termo que lhe complete, ligando-se a ele sem auxílio de uma preposição.

c) depende de um termo que lhe complete, ligando-se a ele com auxílio de um advérbio.

d) não depende de um termo que lhe complete o sentido, pois tem sentido por si só.

e) não depende de um termo que lhe complete o sentido, pois expressa um estado.

Exercício 89

(Ufpr 2012) A sentença “Ele anda ouvindo música” pode ser interpretada de duas formas: a) ele ouve música enquanto caminha – neste caso, o verbo “andar” funciona como verbo pleno, significando “caminhar”; b) a atividade de ele ouvir música tem se repetido ultimamente – neste caso, o verbo “andar” se esvazia de seu sentido pleno e funciona como elemento gramatical, um auxiliar. Podemos identificar no português outros verbos que podem ter esses dois usos: um com seu sentido lexical pleno e outro funcionando como elemento gramatical. Tendo isso em vista, considere os conjuntos de sentenças abaixo:

1. Ele chegou na festa e bagunçou o tempo todo.

Ele chegou a interferir no processo, mas foi neutralizado.

2. Ela está querendo comer camarão.

Ela está querendo ficar doente.

3. O que ela fez com a faca que estava no chão? Ela pegou e guardou na gaveta.

Como ele agiu quando se deparou com o grupo? Ah, ele pegou e foi batendo em todo mundo.

4. Todos trabalham pela causa.

Eles trabalham vendendo computadores.

Em qualquer caso, independente do contexto, o verbo grifado pode ser interpretado com sentido lexical pleno em ambas as ocorrências:

a) do conjunto 3 apenas.

b) do conjunto 4 apenas.

c) dos conjuntos 1 e 4 apenas.

d) dos conjuntos 1 e 2 apenas.

e) dos conjuntos 2, 3 e 4 apenas.

Exercício 90

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e responda à(s) quest(ões) a seguir.

Quando se pergunta à população brasileira, em uma pesquisa de opinião, qual seria o problema fundamental do Brasil, a maioria indica a precariedade da educação. Os entrevistados costumam apontar que o sistema educacional brasileiro não é capaz de preparar os jovens para a compreensão de textos simples, elaboração de cálculos aritméticos de operações básicas, conhecimento elementar de física e química, e outros fornecidos pelas escolas fundamentais.

[...]

Certa vez, participava de uma reunião de pais e professores em uma escola privada brasileira de destaque e notei que muitos pais expressavam o desejo de ter bons professores, salas de aula com poucos alunos, mas não se sentiam responsáveis para participarem ativamente das atividades educacionais, inclusive custeando os seus serviços. Se os pais não conseguiam entender que esta aritmética não fecha e que a sua aspiração estaria no campo do milagre, parece difícil que consigam transmitir aos seus filhos o mínimo de educação.

Para eles, a educação dos filhos não se baseia no aprendizado dos exemplos dados pelos pais. Que esta educação seja prioritária e ajude a resolver outros problemas de uma sociedade como a brasileira parece lógico. No entanto, não se pode pensar que a sua deficiência depende somente das autoridades. Ela começa com os próprios pais, que não podem simplesmente terceirizar essa responsabilidade. Para que haja uma mudança neste quadro é preciso que a sociedade como um todo esteja convencida de que todos precisam contribuir para tanto, inclusive elegendo representantes que partilhem desta convicção e não estejam pensando somente nos seus benefícios pessoais.

Sobre a educação formal, aquela que pode ser conseguida nos muitos cursos que estão se tornando disponíveis no Brasil, nota-se que muitos estão se convencendo de que eles ajudam na sua ascensão social, mesmo sendo precários. O número daqueles que trabalham para obter o seu sustento e para ajudar a família, e ao mesmo tempo se dispõem a fazer um sacrifício adicional frequentando cursos até noturnos, parece estar aumentando. A demanda por cursos técnicos que elevam suas habilidades para o bom exercício da profissão *está* em alta. É tratada como prioridade tanto no governo como em instituições representativas das empresas. O mercado observa a carência de pessoal qualificado para elevar a eficiência do trabalho.

Muitos reconhecem que o Brasil é um dos países emergentes que estão melhorando, a duras penas, a sua distribuição de renda. Mas, para que este processo de melhoria do bem-estar da população seja sustentável, há que se conseguir um aumento da produtividade do trabalho, que permita, também, o aumento da

parcela da renda destinada à poupança, que vai sustentar os investimentos indispensáveis.

A população que deseja melhores serviços das autoridades precisa ter a consciência de que uma boa educação, não necessariamente formal, é fundamental para atender melhor *as suas aspirações*.

(YOKOTA, Paulo. *Os problemas da educação no Brasil*. Em <http://www.cartacapital.com.br/educacao/os-problemas-da-educacao-no-brasil-657.html> - Com adaptações)

(G1 - col. naval 2015) Assinale a opção na qual o termo oracional foi classificado corretamente.

- a) “[...] inclusive elegendos representantes que partilhem desta convicção e não estejam pensando somente nos seus benefícios pessoais.” (5º §) (núcleo do predicado verbal)
- b) “[...] e notei que muitos pais expressavam o desejo de ter bons professores [...].” (2º §) (predicativo do sujeito)
- c) “O mercado observa a carência de pessoal qualificado para elevar a eficiência do trabalho.” (7º §) (objeto indireto)
- d) “[...] mas não se sentiam responsáveis para participarem ativamente das atividades educacionais, [...].” (2º §) (complemento nominal)
- e) “[...] parece difícil que consigam transmitir aos filhos o mínimo de educação.” (2º §) (objeto direto)

Exercício 91

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO

¹A população urbana brasileira, principalmente a de grandes centros, vive constantemente em situação ambiental muito ruim. ²Tênuos esforços públicos são levados a cabo em véspera de desastre, para evitar o mal maior. Mas, de maneira geral, o ⁵brasileiro não está educado nem conscientizado para a necessidade de mudar de hábitos e efetivamente melhorar o ambiente e a qualidade de vida urbana, em vez de só evitar o mal maior. Iniciativas tímidas como o rodízio de carros particulares em São Paulo, entre 1996 e 1998, ⁴deram mostras de seu potencial em melhorar a qualidade do ar e de reduzir o caos no transporte. ³Porém, esbarram no individualismo da solução automotiva e no status que o carro tem na nossa contemporaneidade.

(BUYS, Bruno. In: MACHADO, Anna Raquel et al. *Resenha: leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos*. São Paulo: Parábola editorial, 2004, p. 44)

(G1 - cftsc 2008) Analise as afirmativas a seguir, com base no texto.

I - Em "A população urbana brasileira, principalmente a de grandes centros, vive constantemente em situação ambiental muito ruim" (ref. 1), a oração foi interrompida por uma explicação; por isso, há vírgulas separando o sujeito do predicado.

II - Em "Tênuos esforços públicos são levados a cabo em véspera de desastre" (ref. 2), o verbo ser (são) está no plural porque concorda com o sujeito composto.

III - O sujeito de "Porém, esbarram no individualismo da solução automotiva" (ref. 3), no contexto do parágrafo, é indeterminado.

IV - Em "deram mostras de seu potencial" (ref. 4), o pronome seu refere-se a brasileiro (ref. 5).

São CORRETAS apenas as afirmativas:

- a) II e III.
- b) I, II e IV.
- c) I e IV.
- d) III e IV.
- e) II, III e IV.

Exercício 92

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

QUEM É O CRIMINOSO?

"Outro dia, durante uma conversa despretensiosa, um dos líderes da Central Única de Favela (Cufa), entidade surgida no Rio de Janeiro para representar os favelados do país, descrevia uma cena que presenciou durante anos a fio em sua vida: 'É o bacana da Zona Sul estacionar seu Mitsubishi no pé do morro e comprar cocaína de um garotinho de 12 anos'. Em seguida, fez uma pergunta perturbadora: 'Quem é o criminoso? O bacana da Zona Sul ou o garoto de 12 anos?'. E deu a resposta: 'Para vocês, o garoto de 12 anos tem de ser preso porque ele é um traficante de drogas. Para nós, tem de prender o bacana da Zona Sul porque ele está aliciando menores para o crime'. Não resta dúvida de que a situação retrata um dilema poderoso: de um lado, tem-se uma vítima do vício induzida ao crime de comprar drogas e, de outro, tem-se uma vítima da pobreza e da desigualdade ⁵induzida ao crime de vendê-las. Na cegueira legal em que vivemos, a solução é simples: prendem-se vendedor e comprador.

(...)

Começa agora a surgir uma alternativa mais realista com a intenção do governo federal de implantar a chamada ¹política de redução de danos'. Ou seja: em vez de punir os ³usuários, tratando-os como criminosos, passa-se a encará-los como doentes e atendê-los de modo a reduzir os riscos a que estão ⁴expostos - como a overdose, aids, hepatite e outras doenças. É mais realista porque ⁶a repressão do uso de drogas é uma política bem-intencionada, na qual se pretende a purificação pela via da punição, mas que tem se mostrado sistematicamente falha. A ideia brasileira - já em uso em outros países, e não apenas na Holanda - é um pedaço de bom senso e humildade. ²Encarar um viciado como doente é um enfoque justo e generoso."

André Petry. Revista *VEJA*, 24 de novembro de 2004, p. 50.

(G1 - cftce 2007) "... a repressão do uso de drogas é uma política bem-intencionada" (ref. 6) - verifica-se que o predicado é:

- a) verbal
- b) nominal
- c) verbo-nominal
- d) nominal, porque o verbo é intransitivo
- e) verbal, porque o verbo é de ligação

Exercício 93

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidades,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no
campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião. 10 livros de poesia*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

(Uerj 2002) É comum encontrar nos livros escolares a definição de predicado como aquilo que se declara sobre o sujeito de uma oração.

Essa definição de predicado, entretanto, não é suficiente para identificá-lo em todas as suas ocorrências.

O exemplo em que NÃO se poderia identificar o predicado pela definição dada é:

- a) "falta-lhes / não sei que atributo essencial," (v. 3-4)
- b) "Toda a expressão deles mora nos olhos" (v.11)

c) "neles há pouca montanha," (v. 14)

d) "sons que se despedaçam" (v. 22)

Exercício 94

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
CONSIDERAÇÃO DO POEMA
(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

(Fei 1997) Observe o verso:

"As palavras não nascem amarradas"

Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:

- a) sujeito composto e predicado nominal
- b) sujeito simples e predicado verbo-nominal
- c) sujeito composto e predicado verbal
- d) sujeito simples e predicado nominal
- e) sujeito simples e predicado verbal

Exercício 95

(Mackenzie 1996) "Há uma gota de sangue em cada poema."

Assinale a alternativa que contém uma observação correta sobre a sintaxe dessa frase.

- a) sujeito: uma gota de sangue
- b) verbo intransitivo
- c) adjuntos adverbiais: uma e de sangue
- d) complemento nominal: em cada poema
- e) predicado verbal: toda a oração

Exercício 96

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Procura-se algum lugar no planeta
onde a vida seja sempre uma festa
onde o homem não mate
nem bicho nem homem
e deixe em paz
as árvores da floresta.

Procura-se algum lugar no planeta onde a vida seja sempre uma dança e mesmo as pessoas mais graves tenham no rosto um olhar de criança.

MURRAY, Roseana. Disponível em <https://www.orelhadelivro.com.br/livros>

(G1 - ifpe 2019) Acerca de gêneros textuais, classes de palavras e termos da oração, assinale a alternativa CORRETA em relação ao texto acima.

a) Nos versos “onde a vida seja sempre uma festa” e “onde a vida seja sempre uma dança”, os termos em destaque exercem a função de predicativos do sujeito “vida”.

b) Em “onde a vida seja sempre uma festa”, o advérbio “sempre” expressa intensidade em relação à festa em que a vida se tornará.

c) Em “as árvores da floresta” e em “tenham no rosto um olhar de criança”, os termos sublinhados desempenham a função de complementos nominais.

d) No verso “nem bicho nem homem” são explicitados os termos sujeitos do verbo “matar”, presente no terceiro verso da primeira estrofe.

e) O verso “Procura-se algum lugar no planeta” está na voz passiva, estrutura comum ao gênero do texto – anúncio classificado, comumente veiculado em jornais, com o objetivo de se realizar venda, aluguel ou troca de algo.

Exercício 97

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Outro Marido

¹⁴Era conferente da Alfândega – mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irredutível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliem pela casca. ⁹Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). ³Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário.

¹⁰Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de Dona Laurinha. Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que Dona Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; era de fato, objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradoado.

¹Ao aparecerem nele as primeiras dores, Dona Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do

casal. Santos parecia ⁶comprazer-se em estar doente. ¹¹Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a Dona Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral com certo orgulho de estar assim tão afetado.

– Quando você ficar bom...

– Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para Dona Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma de Padre Eustáquio, que vela por nós. ²Começou a fatigar-se com a importância que o reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito ¹²quando ele anunciou que ia internar-se no hospital Gaffré e Guinle.

– Você não sentirá falta de nada – assegurou-lhe Santos. – Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

– Vou visitar você todo domingo, quer?

– É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. ⁴Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

– Pelo rádio – explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

– ⁵É tarde – respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais que a mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. ¹³Dona Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço. Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

– Sou eu a viúva – disse Dona Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, Dona Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na Ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos.

Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, ⁷a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

– Desculpe, foi engano. ⁸A pessoa a que me refiro não é esta – disse Dona Laurinha, despedindo-se.

(Espcex (Aman) 2011) “... a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.” (ref.7)

Os termos sublinhados são

a) núcleos do sujeito composto.

b) núcleos do objeto direto.

c) predicativos do sujeito.

d) predicativos do objeto.

e) adjuntos adverbiais.

Exercício 98

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Emoções na montanha-russa (fragmento)

Uma das sensações mais intensas e perturbadoras ⁴que se pode experimentar, neste nosso mundo atual, é um passeio na montanha-russa. Só não é nem um pouco recomendável para quem tenha problemas com os nervos ou com o coração, nem para aqueles com o sistema digestivo sensível. A própria decisão de entrar na brincadeira já requer alguma coragem, a gente sabe ¹que a emoção pode ser forte até demais e ²que podem decorrer consequências imprevisíveis. Entra quem quer ou quem se atreve, mas sabe-se também ³que muita gente entra forçada por amigos e pessoas queridas, meio que contra a vontade, pressionada pela vergonha de manifestar sentimentos de prudência ou o puro medo. Mas, uma vez que se entra, ⁵que se aperta a trava de segurança e a geringonça se põe em movimento, a situação se torna irremediável. Bate um frio na barriga, o corpo endurece, as mãos cravam nas alças do banco, a respiração se torna cada vez mais difícil e forçada, o coração descompassa, um calor estranho arde no rosto e nas orelhas, ondas de arrepios descem do pescoço pela espinha abaixo.

Nicolau Sevckenko: *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.*

(G1 - ifce 2012) Sobre as expressões do primeiro período “uma das sensações mais intensas e perturbadoras” e “um passeio na montanha-russa”, uma análise possível, correta e coerente é a de que

a) do ponto de vista semântico-referencial, ou seja, no nível denotativo, têm significados diferentes, isto é, denotam ou referem o mesmo objeto; já, do ponto de vista sintático, são idênticas: enquanto a primeira assume a função do sujeito, a segunda assume a do predicativo do sujeito.

b) do ponto de vista semântico-referencial, ou seja, no nível denotativo, são equivalentes, isto é, denotam ou referem o mesmo objeto; já, do ponto de vista sintático, não se equivalem: enquanto a primeira assume a função do sujeito, a segunda assume a do predicativo do sujeito.

c) do ponto de vista semântico-referencial, ou seja, no nível denotativo, são correspondentes, mas denotam ou referem objetos distintos; já, do ponto de vista sintático, são divergentes: enquanto a primeira assume a função do predicativo do sujeito, a segunda assume a do sujeito.

d) do ponto de vista semântico-referencial, ou seja, no nível denotativo, não são correspondentes, pois não denotam nem referem o mesmo objeto; já, do ponto de vista sintático, são divergentes: enquanto a primeira assume a função do adjunto adnominal, a segunda assume a do complemento nominal.

e) do ponto de vista semântico, uma refere o objeto em nível denotativo e a outra refere o mesmo objeto, mas em nível conotativo; já, do ponto de vista sintático, são idênticas: enquanto a primeira assume a função do adjunto adnominal, a segunda assume a do adjunto adverbial.

Exercício 99

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/blog-do-lute-1.366314/charge-do-dia-12-03-2019-1.700110> acesso em: 25 de out de 2019

(S1 - ifce 2020) Na expressão “minha agenda pra consultoria”, a expressão em destaque é classificada como

a) adjunto adverbial.

b) complemento nominal.

c) predicativo.

d) adjunto adnominal.

e) aposto.

Exercício 100

(G1 1996) Destaque com letra maiúscula o predicado e classifique-o (PV - PN - PVN)

a) A família de Alexandre recebeu a notícia alegre.

b) Alexandre parecia cansado.

c) Seu relato terminou.

d) Velasco nomeou os tubarões pontuais.

e) Rufino morreu afogado.

Exercício 101

(G1 1996) Nas orações a seguir, separe o sujeito do predicado, grife o sujeito, circule o núcleo e o classifique em simples, composto ou oculto:

- a) As andorinhas e as gaivotas voavam juntas.
- b) Ficou humilhada a noiva branca.
- c) O pombo marcou um encontro mas chegou atrasado.
- d) Concordou com alegria e pudor a pomba.
- e) Gritavam esganadas as gaivotas do mar.
- f) O pombo chegou e explicou o atraso.

Exercício 102

(G1 1996) Qual a diferença entre Predicado nominal e Predicado verbal?

Exercício 103

(Fear 2019) Marque a alternativa que apresenta, em destaque, complemento nominal.

- a) O conflito **contra o ódio** é o início da paz.
- b) Os preceitos **contra os quais luto** são muitos.
- c) Brigue **pelas boas causas** sem desistir do amor.
- d) Aludia **aos problemas corriqueiros da relação**.

Exercício 104

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Política pública de saneamento básico: as bases do saneamento como direito de cidadania e os debates sobre novos modelos de gestão


Ana Lucia Britto

Professora Associada do PROURB-FAU-UFRJ

Pesquisadora do INCT Observatório das Metrópoles

A Assembleia Geral da ONU reconheceu em 2010 que o acesso à água potável e ao esgotamento sanitário é indispensável para o pleno gozo do direito à vida. É preciso, para tanto, fazê-lo de modo financeiramente acessível e com qualidade para todos, sem discriminação. Também obriga os Estados a eliminarem progressivamente as desigualdades na distribuição de água e esgoto entre populações das zonas rurais ou urbanas, ricas ou pobres.

No Brasil, dados do Ministério das Cidades indicam que cerca de 35 milhões de brasileiros não são atendidos com abastecimento de água potável, mais da metade da população não tem acesso à coleta de esgoto, e apenas de todo o esgoto gerado são tratados. Aproximadamente da população que compõe o déficit de acesso ao abastecimento de água possuem renda

domiciliar mensal de até  salário mínimo por morador, ou seja, apresentam baixa capacidade de pagamento, o que coloca em pauta o tema do saneamento financeiramente acessível. Desde 2007, quando foi criado o Ministério das Cidades, identificam-se avanços importantes na busca de diminuir o déficit já crônico em saneamento e pode-se caminhar alguns passos em

direção à garantia do acesso a esses serviços como direito social. Nesse sentido destacamos as Conferências das Cidades e a criação da Secretaria de Saneamento e do Conselho Nacional das Cidades, que deram à política urbana uma base de participação e controle social.

Houve também, até 2014, uma progressiva ampliação de recursos para o setor, sobretudo a partir do PAC 1 e PAC 2; a instituição de um marco regulatório (Lei 11.445/2007 e seu decreto de regulamentação) e de um Plano Nacional para o setor, o PLANSAB, construído com amplo debate popular, legitimado pelos Conselhos Nacionais das Cidades, de Saúde e de Meio Ambiente, e aprovado por decreto presidencial em novembro de 2013.

Esse marco legal e institucional traz aspectos essenciais para que a gestão dos serviços seja pautada por uma visão de saneamento como direito de cidadania: a) articulação da política de saneamento com as políticas de desenvolvimento urbano e regional, de habitação, de combate à pobreza e de sua erradicação, de proteção ambiental, de promoção da saúde; e b) a transparência das ações, baseada em sistemas de informações e processos decisórios participativos institucionalizados.

A Lei 11.445/2007 reforça a necessidade de planejamento para o saneamento, por meio da obrigatoriedade de planos municipais de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgotos, drenagem e manejo de águas pluviais, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos. Esses planos são obrigatórios para que possam ser estabelecidos contratos de delegação da prestação de serviços e para que possam ser acessados recursos do governo federal (OGU, FGTS e FAT), com prazo final para sua elaboração terminando em 2017. A Lei reforça também a participação e o controle social, através de diferentes mecanismos como: audiências públicas, definição de conselho municipal responsável pelo acompanhamento e fiscalização da política de saneamento, sendo que a definição desse conselho também é condição para que possam ser acessados recursos do governo federal.

O marco legal introduz também a obrigatoriedade da regulação da prestação dos serviços de saneamento, visando à garantia do cumprimento das condições e metas estabelecidas nos contratos, à prevenção e à repressão ao abuso do poder econômico, reconhecendo que os serviços de saneamento são prestados em caráter de monopólio, o que significa que os usuários estão submetidos às atividades de um único prestador.

FONTE: adaptado de

<http://www.assemae.org.br/artigos/item/1762-saneamento-basico-como-direito-de-cidadania>

(Espcex (Aman) 2019) “Mais da metade da população não tem acesso à coleta de esgoto”.

No fragmento, é correto afirmar que há

- a) sujeito simples e predicado nominal.
- b) verbo intransitivo e predicado verbal.
- c) verbo transitivo e objetos direto e indireto.

d) sujeito composto e objeto indireto.

e) sujeito simples e complemento nominal.

Exercício 105

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Noruega como Modelo de Reabilitação de Criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam "Por quê?". E eu pergunto: "Por que não?" O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia. A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida

pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar. A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

LUIZ FLÁVIO GOMES, jurista, diretor-presidente do Instituto Avante Brasil e coeditor do Portal atualidadesdodireito.com.br.

Estou no blogdoflg.com.br.

** Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

FONTE: Adaptado de <http://institutoavantebrasil.com.br/noruega-como-modelo-de-reabilitacao-de-criminosos/>.
Acessado em 17 de março de 2017.

(Espcex (Aman) 2018) Em "A população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso", o termo destacado tem a função de:

a) Adjunto Adnominal

b) Agente da Passiva

c) Objeto Direto

d) Objeto Indireto

e) Complemento Nominal

Exercício 106

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Fiu-fiu

Luis Fernando Veríssimo

Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha?

Lançaram agora um celular à prova d'água, que você pode usar no chuveiro. Ou em qualquer outro lugar embaixo d'água. No mar,

por exemplo.

– Bem, não me espere para o jantar...

– Onde você está?

– Sabe a nossa pesca submarina?

– O que houve?

¹– Pensei que fosse uma garoupa e era um tubarão. E ele está vindo na minha direção.

– Você ainda está embaixo d'água?!

– Estou.

– E o seu arpão?

– O tubarão engoliu!

– Ligue para a Guarda Costeira!

²São cada vez mais raros os lugares em que você pode se ver livre de celulares, e agora nem as piscinas estão seguras. Os celulares são práticos e se tornaram indispensáveis, eu sei, mas empobreceram a vida social. ³Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha? Ou um casal em outra mesa, os dois mergulhados nos respectivos celulares sem nem se olharem, ⁴o que dirá se falarem – a não ser que estejam trocando mensagens silenciosas entre si, o que é ainda mais triste.

⁵Os celulares podem ser perigosos de várias maneiras, mesmo que não derretam o cérebro, como se andou espalhando há algum tempo. Imagino uma velhinha que ganhou um celular dos netos sem que estes se dessem ao trabalho de explicar seu funcionamento para a vovó. Não contaram, por exemplo, que o celular dado assobia quando recebe uma mensagem. É um assovio humano, um nítido fiu-fiu avisando que alguém ligou, e que pode soar a qualquer hora do dia ou da noite. ⁶E imagino a vovó, que mora sozinha, dormindo e, de repente, acordando com o assovio. Um fiu-fiu no meio da noite! A vovó, se não morrer imediatamente do coração, pode ficar apavorada. Quem está lá? Um ladrão ou um fantasma assoviador? E o assovio tem algo de galante. A vovó pode muito bem sair da cama, sem saber se está acordada ou sonhando, e caminhar na direção do fiu-fiu sedutor, como se tivessem vindo buscá-la. Alguém pensou nas vovós solitárias quando inventou o assovio?

⁷O fato é que não há mais refúgio. Nem castelos anti-smartphones com um fosso em volta. Eles agora podem atravessar o fosso.

Jornal *O Globo*, 03/08/2014. Disponível em
<<https://oglobo.globo.com/opiniaofiu-fiu-13464128>>. Último
acesso em 30 de setembro de 2017.

(G1 - cmrj 2018) O termo “fiu-fiu” aparece três vezes no penúltimo parágrafo do texto. Que recurso estilístico ele representa e que funções sintáticas assume nas três ocorrências, respectivamente?

a) Onomatopeia; núcleo do sujeito, parte de frase nominal, núcleo do complemento nominal.

b) Prosopopeia; núcleo do aposto, núcleo do sujeito, núcleo do adjunto adnominal.

c) Interjeição; núcleo do sujeito, parte de frase nominal, núcleo do adjunto adnominal.

d) Metonímia; núcleo do aposto, núcleo do sujeito, núcleo do complemento nominal.

e) Eufemismo; núcleo do sujeito, núcleo do objeto direto, núcleo do adjunto adnominal.

Exercício 107

(Espcex (Aman) 2017) Marque a alternativa correta quanto à função sintática do termo grifado na frase abaixo.

“Em Mariana, a igreja, cujo sino é de ouro, foi levada pelas águas”.

a) adjunto adnominal

b) objeto direto

c) complemento nominal

d) objeto indireto

e) vocativo

Exercício 108

(G1 - ifce 2016) Na frase “Isto **lhe** será bastante útil”, o termo em destaque é um

a) adjunto adverbial.

b) complemento nominal.

c) adjunto adnominal.

d) predicativo do sujeito.

e) objeto indireto.

Exercício 109

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões).

SOMOS TODOS ESTRANGEIROS

Volta e meia, em nosso mundo redondo, colapsa o frágil convívio entre os diversos modos de ser dos seus habitantes. ¹Neste momento, vivemos uma nova rodada ²dessas com os inúmeros refugiados, famílias fugitivas de suas guerras civis e massacres. Eles tentam entrar na mesma Europa que já expulsou seus famintos e judeus. Esses movimentos introduzem gente destoante no meio de outras culturas, estrangeiros que chegam falando atravessado, comendo, amando e rezando de outras maneiras. Os diferentes se estranham. Fui duplamente estrangeira, no Brasil por ser uruguaia, em ambos os países e nas escolas públicas por ser judia. A instrução era

tentar mimetizar-se, falar com o menor sotaque possível, ficar invisível no horário do Pai Nosso diário.

Certamente todos conhecem esse sentimento de sentir-se estrangeiro, ficar de fora, de não ser tão autêntico quanto os outros, ou não ser escolhido para o que realmente importa. Na ³infância, tudo é grande demais, amedronta e entendemos fragmentariamente, como recém-chegados. Na puberdade, perdemos a familiaridade com nossos familiares: o que antes parecia natural começa _____ soar como estrangeiro. ⁴Na ⁵adolescência, sentimo-nos estranhos _____ quase tudo, andamos por aí enturmados com os da mesma idade ou estilo, tendo apenas uns aos outros como cúmplices para existir. O fim desse desencontro deveria ocorrer no começo da vida adulta, quando trabalhamos, procriamos e tomamos decisões de repercussão social. Finalmente ⁶deveríamos sentir-nos legítimos cidadãos da vida. ⁷Porém, julgamos ser uma fraude: ⁸imaginávamos que os adultos eram algo maior, mais consistente do que sentimos ser. Logo em seguida disso, já começamos a achar que perdemos o bonde da vida. O tempo nos faz estrangeiros _____ própria existência.

Uma das formas mais simples de combater todo esse ⁹mal-estar é encontrar outro para chamar de diferente, de inadequado.

¹⁰Quem pratica o *bullying*, quer seja entre alunos ou com os que têm hábitos e aparência distintos do seu, conquista momentaneamente a ilusão da legitimidade. Quem discrimina arranja no grito e na violência um lugar para si.

Conviver com as diferentes cores de pele, interpretações dos gêneros, formas de amar e casar, vestimentas, religiões ou a falta delas, línguas faz com que todos sejam estrangeiros. Isso produz a mágica sensação de inclusão universal: ¹¹se formos todos diferentes, ninguém precisa sentir-se excluído. Movimentos migratórios misturam povos, a eliminação de barreiras de casta e de preconceitos também. Já pensou que delícia se, no futuro, entendermos que na vida ninguém é nativo. ¹²A existência de cada um é como um barco em que fazemos um trajeto ao final do qual sempre partiremos sem as malas.

Texto adaptado de Diana Corso, publicado em 12 de setembro de 2015. Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2015/09/12/artigo-somos-todos-estrangeiros/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 19 out. 2015

(G1 - ifsul 2016) Na frase “Quem pratica o *bullying*, quer seja entre alunos ou com os que têm hábitos e aparência distintos do seu, conquista momentaneamente a ilusão *da legitimidade*” (ref. 10), a expressão em destaque representa a função sintática de

a) adjunto adnominal.

b) complemento nominal.

c) aposto.

d) objeto indireto

Exercício 110

(Espcex (Aman) 2014) A oração que apresenta complemento nominal é:

a) O povo necessita de alimentos.

b) Caminhar a pé lhe era saudável.

c) O cigarro prejudica o organismo.

d) O castelo estava cercado de inimigos.

e) As terras foram desapropriadas pelo governo.

Exercício 111

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que aflorasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.

In: MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. R. Janeiro: Objetiva, 2000.

(Insper 2012) Em “... não *lhe* passou pela cabeça que pudesse ser *ele* o centro das atenções”, os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

a) objeto indireto, sujeito.

b) complemento nominal, objeto direto.

c) adjunto adnominal, sujeito.

d) objeto indireto, predicativo do objeto.

e) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

Exercício 112

(Mackenzie 1996) "Não NOS eram favoráveis tantas dúvidas, que NOS jogavam para campos opostos e causavam-NOS angústia."

Os termos em destaque apresentam, respectivamente, a função sintática de:

- a) objeto indireto, objeto direto e objeto indireto.
- b) complemento nominal, objeto direto e objeto indireto.
- c) objeto direto, objeto indireto e objeto direto.
- d) complemento nominal, objeto indireto e objeto direto.
- e) objeto indireto, complemento nominal e objeto direto.

Exercício 113

(Uel 1995) Na frase "Nomeá-los nossos REPRESENTANTES é revesti-los do direito AO MANDATO por três anos", as palavras em destaque são, respectivamente,

- a) predicativo do sujeito - adjunto adnominal.
- b) objeto direto - objeto indireto.
- c) predicativo do objeto - complemento nominal.
- d) objeto direto - adjunto adnominal.
- e) predicativo do objeto - objeto indireto.

Exercício 114

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MAIS QUE ORWELL, HUXLEY PREVIU NOSSO TEMPO

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro 1984, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos (...) ¹A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. (...) ²O mundo da "pós-verdade", dos "fatos alternativos" e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

³Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (⁴Nos divertindo até morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no The Guardian. "Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história", escreveu Postman. "Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. ⁵Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância."

⁶No futuro pintado por Huxley, (...) não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma

de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde ⁷grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. "O mundo agora é estável", diz um líder civilizado. "As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; ⁸não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; ⁹não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma."

¹⁰Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. "A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo", diz o líder. "Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava." A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem "qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada" e de sua dose diária de soma. "Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade."

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. "Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos", escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. (...) O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa. ¹¹O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: "O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar".

Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p. 67.

Distopia = Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia. (BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p. 533).

(Epcar (Afa) 2018) Analise as assertivas que dizem respeito ao trecho a seguir.

"Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (Nos divertindo até

morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no The guardian.” (ref. 3)

I. O primeiro período é constituído de uma oração absoluta sem sujeito.

II. Está de acordo com a Norma Gramatical Brasileira a seguinte reescrita ☐ Não se trata de uma tese nova: esta tese foi levantada pela primeira vez em 1985.

III. O termo Neil Postman classifica-se como agente da passiva, uma vez que é o elemento que realiza a ação expressa na locução verbal indicativa de voz passiva.

IV. O termo do teórico da comunicação americano associa-se a um substantivo, especificando-lhe o sentido, sendo, portanto, um adjunto adnominal.

V. O substantivo livreto encontra-se flexionado no grau diminutivo sintético para representar uma relação de tamanho.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I e III.
- b) II e IV.
- c) II e III.
- d) IV e V.

Exercício 115

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Sobre o mar e o navio

Na guerra naval, existem ainda algumas peculiaridades que merecem ser abordadas.

Uma delas diz respeito ao cenário das batalhas: o mar. Diferente, em linhas gerais, dos teatros de operações terrestres, o mar não tem limites, não tem fronteiras definidas, a não ser nas proximidades dos litorais, nos estreitos, nas baías e enseadas.

Em uma batalha em mar aberto, certamente, poderão ser empregadas manobras táticas diversas dos engajamentos efetuados em área marítima restrita. Nelas, as forças navais podem se valer das características geográficas locais, como fez o comandante naval grego Temístocles, em 480 a.C. ao atrair as forças persas para a baía de Salamina, onde pôde proteger os flancos de sua formatura, evitando o envolvimento pela força naval numericamente superior dos invasores persas.

As condições meteorológicas são outros fatores que também afetam, muitas vezes de forma drástica, as operações nos teatros marítimos. O mar grosso, os vendavais, ou mesmo as longas calmarias, especialmente na era da vela, são responsáveis por grandes transtornos ao governo dos navios, dificultando fainas e manobras e, não poucas vezes, interferindo nos resultados das ações navais ou mesmo impedindo o engajamento. É oportuno lembrar que o vento e a força do mar destruíram as esquadras persa (490 a.C.), mongol (1281) e a incrível Armada Espanhola (1588), salvando respectivamente a Grécia, o Japão (que denominou de *kamikaze* o vento divino salvador) e a Inglaterra daqueles invasores vindos do mar.

O cenário marítimo também é o responsável pela *causa mortis* da maioria dos tripulantes dos navios afundados nas batalhas navais, cujas baixas por afogamento são certamente mais numerosas do que as causadas pelos ferimentos dos impactos dos projéteis, dos estilhaços e dos abalroamentos. Em maio de 1941, o cruzador de batalha britânico HMS Hood, atingido pelo fogo da artilharia do Bismarck, afundou, em poucos minutos, levando para o fundo cerca de ☐ tripulantes, dos quais apenas três sobreviveram.

Aliás, o instante do afundamento de um navio é um momento crucial para a sobrevivência daqueles tripulantes que conseguem saltar ou são jogados ao mar, pois o efeito da sucção pode arrastar para o fundo os tripulantes que estiverem nas proximidades do navio no momento da submersão. Por sua vez, os naufragos podem permanecer dias, semanas, em suas balsas à deriva, em um mar batido pela ação dos ventos, continuamente borrifadas pelas águas salgadas, sofrendo o calor tropical escaldante ou o frio intenso das altas latitudes, como nos mares Ártico, do Norte ou Báltico, cujas baixas temperaturas dos tempos inverniais limitam cabalmente o tempo de permanência n'água dos naufragos, tornando fundamental para a sua sobrevivência a rapidez do socorro prestado.

O navio também é um engenho de guerra singular. Ao mesmo tempo morada e local de trabalho do marinheiro, graças à sua mobilidade, tem a capacidade de conduzir homens e armas até o cenário da guerra. Plataforma bélica plena e integral, engaja batalhas, sofre derrotas, naufraga ou conquista vitórias, tornando-se quase sempre objeto inesquecível da história de sua marinha e país.

(CESAR, William Carmo. Sobre o mar e o navio. In: _____. *Uma história das Guerras Navais*: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013. p. 396-398)

(Esc. Naval 2016) Marque a opção em que a função sintática do pronome relativo está corretamente indicada.

- a) “[...] que merecem ser abordadas.” (1º parágrafo) – objeto direto
- b) “[...] onde pôde proteger [...]” (3º parágrafo) – adjunto adverbial
- c) “[...] cujas baixas por afogamento [...]” (5º parágrafo) – aposto
- d) “[...] dos quais apenas três [...]” (5º parágrafo) – objeto indireto
- e) “[...] que conseguem saltar [...]” (6º parágrafo) – adjunto adnominal

Exercício 116

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Quando se pergunta à população brasileira, em uma pesquisa de opinião, qual seria o problema fundamental do Brasil, a maioria

indica a precariedade da educação. Os entrevistados costumam apontar que o sistema educacional brasileiro não é capaz de preparar os jovens para a compreensão de textos simples, elaboração de cálculos aritméticos de operações básicas, conhecimento elementar de física e química, e outros fornecidos pelas escolas fundamentais.

[...]

Certa vez, participava de uma reunião de pais e professores em uma escola privada brasileira de destaque e notei que muitos pais expressavam o desejo de ter bons professores, salas de aula com poucos alunos, mas não se sentiam responsáveis para participarem ativamente das atividades educacionais, inclusive custeando os seus serviços. Se os pais não conseguiam entender que esta aritmética não fecha e que a sua aspiração estaria no campo do milagre, parece difícil que consigam transmitir aos seus filhos o mínimo de educação.

Para eles, a educação dos filhos não se baseia no aprendizado dos exemplos dados pelos pais. Que esta educação seja prioritária e ajude a resolver outros problemas de uma sociedade como a brasileira parece lógico. No entanto, não se pode pensar que a sua deficiência depende somente das autoridades. Ela começa com os próprios pais, que não podem simplesmente terceirizar essa responsabilidade. Para que haja uma mudança neste quadro é preciso que a sociedade como um todo esteja convencida de que todos precisam contribuir para tanto, inclusive elegendo representantes que partilhem desta convicção e não estejam pensando somente nos seus benefícios pessoais. Sobre a educação formal, aquela que pode ser conseguida nos muitos cursos que estão se tornando disponíveis no Brasil, nota-se que muitos estão se convencendo de que eles ajudam na sua ascensão social, mesmo sendo precários. O número daqueles que trabalham para obter o seu sustento e para ajudar a família, e ao mesmo tempo se dispõem a fazer um sacrifício adicional frequentando cursos até noturnos, parece estar aumentando. A demanda por cursos técnicos que elevam suas habilidades para o bom exercício da profissão *está* em alta. É tratada como prioridade tanto no governo como em instituições representativas das empresas. O mercado observa a carência de pessoal qualificado para elevar a eficiência do trabalho. Muitos reconhecem que o Brasil é um dos países emergentes que estão melhorando, a duras penas, a sua distribuição de renda. Mas, para que este processo de melhoria do bem-estar da população seja sustentável, há que se conseguir um aumento da produtividade do trabalho, que permita, também, o aumento da parcela da renda destinada à poupança, que vai sustentar os investimentos indispensáveis. A população que deseja melhores serviços das autoridades precisa ter a consciência de que uma boa educação, não necessariamente formal, é fundamental para atender melhor *as suas aspirações*.

(YOKOTA, Paulo. *Os problemas da educação no Brasil*. Em <http://www.cartacapital.com.br/educacao/os-problemas-da-educacao-no-brasil-657.html> - Com adaptações)

(G1 - col. naval 2015) Qual das orações abaixo traz o adjunto adnominal em destaque?

- a) “[...] qual seria o problema fundamental do Brasil, a maioria indica a precariedade da educação.” (1º §)
- b) “Para eles, a educação dos filhos não se baseia no aprendizado dos exemplos dados pelos pais.” (3º §)
- c) “A demanda por cursos técnicos que elevam suas habilidades para o bom exercício da profissão está em alta.” (7º §)
- d) “[...] a compreensão de textos simples, elaboração de cálculos aritméticos de operações básicas, [...].” (1º §)
- e) “No entanto, não se pode pensar que a sua deficiência depende somente das autoridades.” (4º §)

Exercício 117

O texto abaixo serve como base para a(s) questão(ões) a seguir.

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou e disse à Emília, que andava rondando por ali:

– Vá perguntar à vovó o que quer dizer folk-lore.

– Vá? Dobre a sua língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor. — Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

– ¹Emilinha do coração — disse ele —, faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folk-lore, sim, teteia? — Emília foi e voltou com a resposta.

– Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos.

Os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe.

Depois disse: — Uma ideia que eu tive. ²Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos. – Não está má a ideia, não, Pedrinho!

³Às vezes, a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

Fonte: do livro *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Globo, 2009.

(S1 - ifce 2020) A função sintática da expressão contida no trecho “Emilinha do coração” (referência 1) é

- a) adjunto adnominal.
- b) objeto direto.
- c) aposto.
- d) vocativo.
- e) complemento nominal.

Exercício 118

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A Marselhesa do subúrbio

Sérgio Martins

¹Tchudum, tchá, tchá, tchá, tchá, tchudum, tchá, tchá, tchá, tchá, tchudum\ São 2 horas da manhã numa casa noturna de São Paulo e os frequentadores estão dançando uma batida eletrônica repetitiva. Dali a uma hora e meia, MC Guimê, o principal nome do funk ostentação, fará seu show, acompanhado de um DJ e de duas dançarinas, e com a participação especial do rapper Emicida. /.../ Encontram-se ali jovens de bairros suburbanos – ²os meninos com correntes douradas, as meninas com saia bem curtinha, e todos com roupas de grife – e também os chamados “playboys”. Quando Guimê finalmente sobe ao palco, a temperatura da casa parece subir. ³Por quarenta minutos, ele intercala canções de seu repertório com sucessos de outros funkeiros, canta o rap do quarteto Racionais MC’s e cita o Salmo 23 (“O senhor é meu pastor / Nada me faltará”). Nada falta mesmo: suas letras carregam uma tal profusão de marcas – carros, roupas, perfumes, bebidas – que até se poderia suspeitar de vultosos contratos de merchandising. Não é o caso. Para Guimê, natural da periferia de Osasco, cidade da Grande São Paulo, falar desses objetos de consumo – e, acima de tudo, adquiri-los – é uma aspiração realizada, uma senha para a entrada na sociedade. ⁴O público não só entende como compartilha o sonho de Guimê: muitos fãs, no meio da dança, erguem garrafas de uísque escocês como se fossem troféus. ⁵Festas e shows assim se repetem por outras cidades e clubes. Como tantos gêneros musicais que vieram das áreas urbanas mais pobres, o funk já conquistou parte da classe média. Mas é sobretudo entre a garotada da periferia que ele tem a ressonância de uma Marselhesa: um hino de cidadania e identidade para os jovens das classes C, D e E. /.../

(Revista *Veja*, 29 de janeiro de 2014, p. 73 e 74)

(G1 - epcar (Cpcar) 2019) (ADAPTADA) Observe os termos sublinhados em cada alternativa e assinale aquela cuja análise, entre parênteses, está adequada.

- a) “... MC Guimê, o principal nome do funk ostentação, fará seu show...” – (Aposto)
- b) “Por quarenta minutos, ele intercala canções de seu repertório com sucessos de outros funkeiros...” – (Adjunto Adverbial de Tempo)
- c) “Para Guimê, natural da periferia de Osasco, cidade da grande São Paulo...” – (Adjunto Adverbial de Lugar)
- d) “Como tantos gêneros musicais que vieram das áreas urbanas mais pobres...” – (Explicativa)

Exercício 119

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o cartum abaixo para responder à(s) questão(ões).



Disponível em: <<http://www.arionaurocartuns.com.br/2016/09/charge-salada-agrotoxicos.html>>. Acesso em: 07 maio 2019.

(G1 - ifpe 2019) Em relação à vírgula presente em “Filhinho, come a salada toda [...]” (cartum), é CORRETO afirmar que ela é empregada com o objetivo de

- a) separar o advérbio antecipado.
- b) separar o sujeito “filhinho” do verbo.
- c) indicar que “filhinho” é um aposto, pois explica a quem a mãe se refere.
- d) isolar uma expressão explicativa.
- e) isolar o vocativo “filhinho” do restante da oração.

Exercício 120

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia este texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Saudade de escrever

Apesar da concorrência (internet, celular), a carta continua firme e forte. Basta uma folha de papel, selo, caneta e envelope para que uma pessoa do Rio Grande do Norte, por exemplo, fique por dentro das fofocas registradas por um amigo em São Paulo, dois dias depois. “Adoro receber cartas, fico super ansiosa para descobrir o que está escrito”, conta Lívia Maria, de 9 anos. Mas ela admite que faz tempo que não escreve nenhuma cartinha. “As últimas foram para a Angélica e para um dos programas do Gugu.”

Isabela, de 9 anos, lembra que, quando morava em Curitiba, no Paraná, trocava correspondência com sua amiga Raquel, que vive em Belo Horizonte, Minas Gerais. “Eu ficava sabendo das novidades e não gastava dinheiro com telefonemas.”

Já Amanda, de 10 anos, também gosta de receber cartinhas, mas prefere enviar e-mails. “Atualmente estou conversando com meu primo que está nos Estados Unidos via computador, já que a mensagem chega mais rápido e não pago interurbano.”

TOURRUCCO, Juliana. Saudade de escrever. *O Estado de São Paulo*, p.5, 25 jul.1998. Suplemento infantil.

(G1 - ifal 2018) Quanto à análise morfossintática dos elementos textuais, apenas uma alternativa está errada, contrariando o que prescreve a norma padrão da Língua Portuguesa.

Assinale-a.

a) Na frase ***Basta uma folha de papel, selo, caneta e envelope....***, o verbo está no singular concordando com ***folha***, o núcleo mais próximo do sujeito composto.

b) O verbo ***Basta*** também poderia ficar no plural se o sujeito composto fosse ***papel, selo, caneta e envelope***.

c) Pelas regras ortográficas atuais, quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal, sendo assim, a expressão ***superansiosa***, no segundo parágrafo, deveria se constituir num só vocábulo.

d) As expressões que, no texto, indicam a idade das crianças são apostos, razão por que vêm separadas dos termos antecedentes por vírgulas.

e) As expressões adverbiais ***no Paraná e Minas Gerais***, no segundo parágrafo, funcionam como vocativo, por isso estão isoladas por vírgulas.

Exercício 121

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Transferência de Neymar ao PSG é golpe de ‘soft power’ do Catar a países do Golfo, dizem especialistas

A transferência do ¹fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de marketing e um golpe de ‘soft power’ do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado. Esta é a análise de especialistas ouvidos pela agência de notícias France Presse e do ²comentarista da GloboNews, Marcelo Lins. Neymar se tornou o jogador mais caro da história do futebol, com o pagamento da cláusula de rescisão no valor de € 222 milhões (R\$ 812 milhões).

Segundo Mathieu Guidere, ³especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP, o anúncio da transferência do jogador ao PSG, ⁴que é de um fundo de investimentos do Catar, “foi testado entre catarianos como uma espécie de estratégia de comunicação que ofuscaria o debate em torno de outras considerações, como o terrorismo”.

Marcelo Lins, comentarista da GloboNews, ⁵afirmou que a transferência beneficia a imagem do Catar. “Um pequeno país riquíssimo em petróleo, do Golfo, que bota tanto dinheiro para dar alegria a uma torcida, ou a milhões de torcedores espalhados pelo mundo... você tem uma volta disso na imagem do Catar, que é muito grande”, ⁶disse à GloboNews. “É uma grande jogada de marketing do Catar como um todo”, acrescentou.

O Catar enfrenta a sua pior crise política em décadas, com a Arábia Saudita e outros países do Golfo tendo cortado relações diplomáticas com o emirado por acusações de apoio a grupos terroristas. O Catar nega as acusações e diz que o objetivo é prejudicar o emirado rico em gás.

Com a transferência de Neymar, Doha pode estar de olho em investir em ‘soft power’. O conceito de ⁷‘soft power’ (⁸‘poder suave’, em tradução livre) foi elaborado para definir a influência

de países nas relações internacionais por meio de investimentos em ações positivas.

“Esse é um golpe de ‘soft power’”. ⁹O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio”, ¹⁰disse à AFP Andreas Krieg, ¹¹analista de risco político no King’s College de Londres. “Ter o melhor jogador do mundo mostra ao resto do mundo que se o Catar é determinado, eles ainda têm os maiores recursos para tirar e, se necessário, usar o dinheiro que têm para promover a sua agenda”, acrescentou.

O custo da transferência de Neymar “envia um sinal muito forte para o mundo esportivo e um sinal muito forte de desafio contra os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita”, disse Krieg. “Eles queriam esse jogador e usaram o dinheiro para comprá-lo a qualquer preço”. [...]

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/transferenciade-neymar-ao-psg-e-golpe-de-soft-power-docatar-a-paises-do-golfo-dizem-especialistas.ghtml>

(Uece 2018) Sobre o uso de expressões apositivas no texto, é INCORRETO afirmar que

a) o aposto “especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP” (referência 3), para se referir a Mathieu Guidere, é empregado com o mesmo sentido do utilizado para descrever Andreas Krieg como “analista de risco político no King’s College de Londres” (referência 11), qual seja: o de autorizar a legitimidade de um discurso.

b) embora possa ser classificado gramaticalmente como uma oração adjetiva, o enunciado “que é de um fundo de investimentos do Catar” (referência 4) tem, no texto, o mesmo valor sintático e semântico de um aposto explicativo: o de relacionar-se a um termo antecedente, explicando-o.

c) o aposto “comentarista da GloboNews” (referência 2) tem sentido semelhante aos apostos “especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP” (referência 3) e “analista de risco político no King’s College de Londres” (referência 11), a saber: autorizar a legitimidade de um discurso.

d) ainda que não venha entre vírgulas, mas entre parênteses, a expressão “‘poder suave’, em tradução livre” (referência 8), pode funcionar perfeitamente como um aposto, na medida em que serve para explicar/traduzir o termo que lhe antecede, “soft power” (referência 7).

Exercício 122

(G1 - epcar (Cpcar) 2016) Analise as afirmativas abaixo.



(Disponível em cafelivroearte.blogspot.com, acesso em 06/06/2015)

- I. A vírgula utilizada depois da palavra “**contente**” separa um vocativo, enquanto os dois pontos empregados depois de “**doente**” introduzem apostos.
- II. Na frase “**Eu estaria sendo hipócrita**”, há dois verbos e duas orações.
- III. O vocábulo “**Ai**” marca a coloquialidade do diálogo e poderia ser substituído, em um registro mais formal, pela expressão “desse modo”, sem modificação do sentido.
- IV. Em “**analisar o que me deixa**”, o pronome “**que**”, sintaticamente, exerce a função de objeto direto.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s)

- a) II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) III e IV.

Exercício 123

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema do português Eugênio de Castro (1869-1944) para responder às questões a seguir.

MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta!
Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,

Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

(*Obras poéticas*, 1968.)

(Unesp 2016) Na última estrofe do poema, os termos “Afilhadas do luar”, “mãos de rainha” e “Mãos que sois um perpétuo amanhecer” funcionam, no período de que fazem parte, como

- a) orações intercaladas.
- b) apostos.
- c) adjuntos adverbiais.
- d) vocativos.
- e) complementos nominais.

Exercício 124

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões).

Um leitor de *La Repubblica* perguntou o que podemos fazer para escapar da situação alarmante em que nos encontramos depois da crise do crédito e como evitar suas consequências possivelmente ¹catastróficas.

Essas são ²perguntas que nos ³fazemos todos os dias; afinal, não foi só o sistema bancário e a bolsa de valores que sofreram duros e sucessivos golpes – nossa confiança nas estratégias de vida, nos modos de agir, nos padrões de sucesso e no ideal de ⁴felicidade que, dia após dia, nos últimos anos, nos disseram que valia a pena seguir também ⁵foi abalada e ⁶perdeu parte considerável de ⁷sua autoridade e poder de atração. Nossos ídolos, ⁸versões líquido-modernas do bezerro de ouro bíblico, ⁹derreteram ao mesmo tempo que a ¹⁰confiança na economia! Pensando em ¹¹retrospecto, os anos anteriores à crise do crédito parecem ter sido tempos tranquilos e alegres do tipo “aproveite agora, pague depois”; uma época em que nós agíamos com a certeza ¹²de que haveria riqueza suficiente e até maior no dia seguinte, anulando qualquer preocupação com o crescimento das dívidas de hoje, desde que fizéssemos ¹³o que se exigia para aderir aos “caras mais inteligentes da turma” e seguir seu exemplo. Naqueles dias que ficaram para trás, o exercício de subir montanhas cada vez mais altas e ter acesso a paisagens cada vez mais arrebatadoras, eclipsar as grandiosas montanhas de ontem com o perfil das colinas de hoje e aplinar as colinas de ontem na gentil ondulação das planícies de hoje parecia durar para sempre.

Uma possível reação à crise econômica atual é o que Mark Furlong denominou de “militarização do eu”. É o que vão fazer, sem dúvida, os produtores e comerciantes interessados em capitalizar a catástrofe transformando-a em lucro acionário,¹⁴ como de hábito. A indústria farmacêutica já está em plena atividade, tentando invadir, conquistar e colonizar a nova “terra virgem” da depressão pós-crise a fim de vender sua “nova geração” de *smart drugs*, começando por semear, cultivar e fazer crescer as novas ilusões que tendem a propulsionar a demanda. Já estamos ouvindo falar de drogas fantásticas que prometem “melhorar tudo”, memória, humor, potência sexual e a energia de quem as ingere com regularidade, proporcionando assim total controle sobre a construção do próprio ego e sua preponderância sobre o ego de outros.

¹⁵Contudo há outra possibilidade. Existe a opção de tentar chegar às raízes do problema atual e (¹⁶como sugeriu Furlong) “fazer o contrário do que estamos acostumados: inverter o padrão e organizar nosso pensamento não mais a partir daquele em que o ‘indivíduo’ está no centro, mas segundo uma ordem alternativa centrada em práticas éticas e estéticas que privilegiem a relação e o contexto”.

¹⁷Trata-se, sem dúvida, de uma possibilidade remota (¹⁸inverossímil ou pretensiosa, diriam alguns), que exige um período prolongado, tortuoso e muitas vezes doloroso de autocrítica e reajuste. Nascemos e crescemos numa sociedade completamente “individualizada”, na qual a autonomia, a autossuficiência e o egocentrismo do ¹⁹indivíduo eram ²⁰axiomas que não exigiam provas (nem as admitiam), e que dava pouco espaço, se é que dava, à discussão. Só que mudar nossa visão de mundo e assumir uma compreensão adequada do lugar e do papel que temos na sociedade não é fácil nem se faz de um dia para o outro. No entanto, essa mudança parece ser ²¹imperativa, na verdade, ²²inevitável.

BAUMAN, Zygmunt. Como escapar da crise? In: *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 161-165. Tradução de: *44 Letters from the Liquid Modern World*. Adaptado.

(Uefs 2016) O aspecto linguístico do texto e seus efeitos de sentido estão devidamente analisados em

a) A forma verbal “fazemos” (ref. 3) destaca uma ação reflexiva praticada pelo interlocutor do texto, que assume posturas diferentes do próprio autor.

b) A expressão “versões líquido-modernas do bezerro de ouro bíblico” (ref. 8) é um aposto metafórico, evidenciando uma relação por similaridade da importância dada a um ícone bíblico, no passado, e aos “ídolos”, no presente.

c) A oração “de que haveria riqueza suficiente” (ref. 12) é um complemento verbal que traduz uma ideologia que se concretizou somente no presente, modificando os modos de agir e as estratégias para viver.

d) O termo “se”, em “o que se exigia” (ref. 13) possui o mesmo valor morfossintático do “se”, presente em “Trata-se” (ref. 17), visto que, nas duas estruturas, ele permite a indeterminação do agente verbal, consolidando o discurso imparcial e distanciado do locutor.

e) O prefixo, nos vocábulos “inverossímil” (ref. 18), “indivíduo” (ref. 19), “imperativa” (ref. 21) e “inevitável” (ref. 22), apresenta a mesma função, que é a de derivar vocábulos que denotam ideia de privação ou negação.

Exercício 125

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Armandinho. Disponível em: http://www.partesdesign.com.br/ims/abril_2013/. Acesso em 12 set. 2015).

(G1 - ifsc 2016) Tendo por base a afirmação da tirinha, “Eu não tenho amigos por interesse, minha senhora!” (3º quadrinho), assinale a alternativa **CORRETA**

a) A expressão “por interesse” exerce função sintática de objeto direto.

b) O termo “amigos” exerce função sintática de sujeito composto.

c) O verbo “tenho” está conjugado no presente do modo subjuntivo.

d) A vírgula é utilizada antes de “minha senhora” para separar o vocativo.

e) Em “Mas o cachorro...”, o termo em destaque é uma preposição.

Exercício 126

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

No português, encontramos variedades históricas, tais como a representada na cantiga trovadoresca de João Garcia de Guilhade, ilustrada a seguir.

*Non chegou, madre, o meu amigo,
e oje est o prazo saído!
Ai, madre, moiro d'amor!*

*Non chegou, madre, o meu amado,
e oje est o prazo passado!
Ai, madre, moiro d'amor!*

*E oje est o prazo saído!
Por que mentiu o desmentido?
Ai, madre, moiro d'amor!*

*E oje, est o prazo passado!
Por que mentiu o perjurado?
Ai, madre, moiro d'amor!*

(Ifsp 2013) No verso – *Ai, madre, moiro d’amor!* – a função sintática do termo *madre* é a seguinte:

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) adjunto adnominal.
- d) vocativo.
- e) aposto.

Exercício 127

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O preto Henrique tomou o caneco das mãos da preta velha e bebeu dois tragos.

- Ainda tá quente, meu filho? É o restinho...
- ¹Tá, tia. Bota mais.
- Quando acabou, disse:
- Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?
- Que histórias?
- Essas histórias de escravidão...
- O que é que tem?
- ²Você vai esquecer elas todas.
- Quando?
- No dia em que nós for dono disso...
- Dono de quê?
- Disso tudo... Da Bahia... do Brasil...
- Como é isso, meu filho?
- ³Quando a gente não quiser mais ser escravo dos ricos, titia, e acabar com eles...
- Quem é que vai fazer feitiço tão grande ⁴pros ricos ficar tudo pobre?
- Os pobres mesmo, titia.
- Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele.
- O negro é liberto, tia.
- Eu sei. Foi a Princesa Isabel, no tempo do Imperador. Mas negro continua a respeitar o branco...
- Mas a gente agora livra o preto de vez, velha.
- ⁵Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo, Henrique?
- Não.
- Não sabe o que é? É cavalo. Se não fosse cavalo, branco montava em negro...
- Adap. AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1984, 43ª ed., p.43/44.

(Ufrj 2005) O texto é praticamente todo composto por diálogos, sem verbos de elocução - aqueles que indicam quem está falando. O recurso gramatical utilizado pelo autor, em substituição aos verbos de elocução, para que o leitor possa identificar quem está com a palavra, foram

- a) os períodos curtos.

- b) os travessões.

- c) os vocativos.

- d) as frases interrogativas.

- e) as reticências.

Exercício 128

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

INSTRUÇÃO: As questões seguintes são relacionadas a uma passagem bíblica e a um trecho da canção *Cálice*, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944 -) e Gilberto Gil (1942 -).

TEXTO BÍBLICO

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)

(In: *Bíblia de Jerusalém*. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

TRECHO DE CANÇÃO

Pai, afasta de mim esse cálice!

Pai, afasta de mim esse cálice!

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.

.....

(In: www.uol.com.br/chicobuarque/)

(Unifesp 2003) Os três primeiros versos de "Cálice" apresentam a mesma estrutura sintática, cujos elementos constitutivos são, na sequência,

- a) um sujeito, PAI; um verbo no presente do indicativo, na segunda pessoa do singular, AFASTA; objeto indireto, DE MIM; objeto direto, ESSE CÁLICE.

- b) um vocativo, PAI; um sujeito oculto, TU; um verbo no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, AFASTA; objeto indireto, DE MIM; objeto direto, ESSE CÁLICE.

- c) uma interjeição de chamamento, PAI; um sujeito oculto, TU; um verbo no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, AFASTA; objeto indireto, DE MIM; objeto direto, ESSE CÁLICE.

- d) um vocativo, PAI; um sujeito oculto, TU; um verbo no imperativo afirmativo, na segunda pessoa do singular, AFASTA; objeto indireto, DE MIM; objeto direto, ESSE CÁLICE.

e) um vocativo, PAI; um sujeito oculto, TU; um verbo no presente do subjuntivo, na terceira pessoa do singular, AFASTA; adjunto adnominal de posse, DE MIM; sujeito, ESSE CÁLICE.

Exercício 129

(G1 1996) Assinalar a alternativa que classifique correta e respectivamente os termos em maiúsculo das orações a seguir:

1. "Não me refiro ÀS TORTURADAS MÃES DE FAMÍLIA".
2. "Ai do guarda que vier com essa história de multa, SÍMBOLO DO ODIOSO REINADO MASCULINO!".
3. "... a não oferecer lugar para as mulheres nos ônibus, para não humilhá-LAS..."
4. "Falo de um estilo oriundo DAS BATALHAS FEMINISTAS".

a) objeto direto; aposto; objeto indireto; objeto indireto;

b) objeto indireto; vocativo; objeto direto; complemento nominal;

c) objeto indireto; aposto; objeto direto; adjunto adnominal;

d) adjunto adverbial; vocativo; objeto indireto; adjunto adnominal;

e) objeto indireto; aposto; objeto direto; complemento nominal.

Exercício 130

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
A FUGA

Mal colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

- Para com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar.

Com três anos, já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, só estava empurrando uma cadeira.

- Pois então para de empurrar a cadeira.

- Eu vou embora - foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano, era sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? a mãe mais tarde irá saber), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

- Viu um menino saindo desta casa? - gritou para o operário que descansava diante da obra, do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

- Saiu agora mesmo com uma trouxinha - informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro.

A trouxe, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de um cruzeiro. Chamou-o mas ele apertou o passinho e abriu a correr em direção à avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia à distância.

- Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto.

O menino, assustado arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como um animalzinho:

- Que susto você me passou, meu filho - e apertava-o contra o peito comovido.

- Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

- Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

- Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala - tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

- Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

FERNANDO SABINO

(G1 1996) "MEU FILHO, cuidado!" As palavras em destaque correspondem, em análise sintática a:

a) Sujeito.

b) Objeto Direto.

c) Vocativo.

d) Complemento Nominal.

e) Objeto Indireto.

Exercício 131

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada, entra, e sob este teto encontrarás carinho:

Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho.

Vives sozinha sempre e nunca foste amada.

A neve anda a branquear lividamente a estrada, e a minha alcova tem a tepidez de um ninho. Entra, ao menos até que as curvas do caminho se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua, podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:

Há de ficar comigo uma saudade tua...

Hás de levar contigo uma saudade minha...

(Alceu Wamosy)

(Faap 1996) "podes partir de novo, Ó NÔMADE FORMOSA".

A expressão em destaque exerce a função sintática de:

- a) vocativo
- b) aposto
- c) sujeito
- d) predicativo
- e) objeto direto

Exercício 132

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A última romântica

Cigarros, isqueiros, copos com drinques coloridos, garrafas vazias - de vodca, do licor de coco Malibu... Às flores, velas, retratos e mensagens de praxe os fãs acrescentaram em frente à casa de Amy Winehouse esses objetos que dão prazer, podem viciar e fazem mal à saúde. Para além da homenagem, era uma forma de participar do universo de excessos da cantora.

É curioso o apelo de Amy num mundo conservador, cada vez mais antitabagista e alerta para os riscos das drogas - um mundo onde vamos sendo ensinados a comprar produtos sem gordura trans e onde até as garotas de esquerda consomem horas dentro da academia.

Numa época em que as pessoas são estimuladas a abdicar de certos prazeres na expectativa de durar bastante, simplesmente para durar, Winehouse fez o roteiro oposto - intenso, autodestrutivo, suicida.

Sob o aspecto clínico, era uma viciada grave, necessitando desesperadamente da ajuda que insistia em recusar. Uma de suas canções mais famosas trata exatamente disso.

Amy foi presa fácil do jornalismo de celebridades, voltado à escandalização da intimidade dos famosos (quanto pior, melhor). Foi também, num tempo improvável, a herdeira de Janis Joplin, morta aos 27 em 1970, e de Billie Holiday, morta aos 44, em 1959, ambas por overdose.

Como suas antecessoras, Amy leva ao extremo o éthos romântico - do artista que vive em conflito permanente e se rebela contra o curso prosaico e besta do mundo. Na sua figura atormentada e em constante desajuste, o autoflagelo quase sempre se confunde com o ódio às coisas que funcionam. Numa cultura inteiramente colonizada pelo dinheiro e que convida à idolatria, fazer sucesso parecia uma espécie de vexame e de vileza, o supremo fiasco existencial, contra o qual era preciso se resguardar.

Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio - Lautréamont, Rimbaud e outros poetas do inferno humano, que tinham plena consciência da vergonha de dar certo.

(SILVA, Fernando de Barros e. *Folha de São Paulo*, 26/07/2011)

(Insper 2012) Se a frase “Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio” for reescrita na voz passiva analítica, a forma verbal correta será

- a) são evocados.

- b) evocam-se.

- c) foram evocados.

- d) tinham evocado.

- e) eram evocados.

Exercício 133

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ameaça de uma bomba atômica está mais viva do que nunca.

Os conflitos ⁵étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho. Agora uma boa notícia: a paz mundial pode estar a caminho. Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está bem menos sangrento do que já foi. Cerca de 250 mil pessoas morrem por ano em consequência de algum conflito armado. É bem menos do que no século 20, que teve 800 mil mortes anuais em sua 2ª. metade e 3,8 milhões por ano até 1950.

O que aconteceu? O psicólogo Steven Pinker ⁶diz que o aumento do número de democracias ajudou. Assim como a nossa saúde¹: como a expectativa de vida subiu, temos mais medo de ³arriscar o pescoço. ⁴Até a globalização teria contribuído²: um mundo mais integrado é um mundo mais tolerante, diz Pinker.

Revista *Superinteressante*

(Mackenzie 2010) *Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho.*

De acordo com a norma padrão, passando-se essa frase para a voz passiva analítica, a forma verbal correspondente será:

- a) foram mortos.

- b) estavam sendo mortos.

- c) eram mortos.

- d) matou-se.

- e) morreram.

Exercício 134

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

1 Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas. - Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. ¹Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.

2 Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. ³Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.

3 Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. ²Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.

(Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L. p. 134-135. *Psicologia Social das Organizações*. São Paulo: Atlas, 1970.)

Obs.: "Asseverando" significa afirmando com certeza, assegurando.

(Fgv 2003) Observe, o seguinte período:

"Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações" (ref. 2). Nele, ocorre voz passiva analítica; a voz ativa correspondente está indicada em:

a) Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.

b) Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.

c) De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.

d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.

e) Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

Exercício 135

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia os títulos e subtítulos a seguir.

TEXTO I

Energias renováveis: o vento tem a resposta

As usinas eólicas são as que mais crescem no mundo – mas falta ainda torná-las baratas. No Brasil, o potencial é de dez Itaipus.

Revista Veja. 30 dez. 2009

TEXTO II

Propaganda: vende-se mobilização

Chocar com anúncios vale para divulgar uma marca, mas serve também de ativismo em nome das boas causas ambientais.

Revista Veja. 30 dez. 2009

(G1 - ifal 2012) Dadas as proposições seguintes:

I. Os dois-pontos, presentes nos títulos, poderiam ser substituídos por vírgula sem alteração de sentido.

II. Em: "... são as que mais crescem..." (1º subtítulo), o vocábulo destacado é um pronome demonstrativo.

III. Em: "... vende-se mobilização" (2º título) tem-se a forma passiva analítica.

IV. Se, no 2º título, trocássemos a palavra "*mobilização*" por "*mobilizações*", a forma verbal continuaria sem flexão.

Verifica-se que:

a) todas são verdadeiras.

b) apenas I e II são verdadeiras.

c) apenas I, II e III são verdadeiras.

d) apenas II, III e IV são verdadeiras.

e) apenas III e IV são verdadeiras.

Exercício 136

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Amava Simão uma sua vizinha, menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem-nascida. Da janela do seu quarto é que ele a vira a primeira vez, para amá-la sempre. Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos.

Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos, como paixão perigosa, única e inflexível. Alguns prosadores de romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor dos quinze anos é uma brincadeira; é a última manifestação do amor às bonecas; é a tentativa da avezinha que ensaia o voo fora do ninho, sempre com os olhos fitos na ave-mãe, que a está da fronde próxima chamando; tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Teresa de Albuquerque devia ser, porventura, uma exceção no seu amor.

Camilo Castelo Branco - *Amor de perdição*

(Mackenzie 2003) "Da janela do seu quarto é que ELE A VIRA PELA PRIMEIRA VEZ". Passando-se a oração em destaque para a voz passiva analítica, a forma verbal correspondente é

- a) foi vista.
- b) havia visto.
- c) estava sendo visto.
- d) seria vista.
- e) fora vista.

Exercício 137

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Língua para inglês ver

A incorporação da língua inglesa aos idiomas nativos dos mais diversos países não é novidade. Traduz, no âmbito da linguagem, uma hegemonia que os Estados Unidos consolidaram desde a década de 50. Com a globalização e o encurtamento das distâncias entre as nações obtido pelo avanço dos meios de comunicação, a contaminação das demais línguas pelo inglês ficou ainda mais patente.

O fenômeno não é em si mesmo nocivo. Pode até enriquecer um idioma ao permitir que se incorporem informações vindas de fora que ainda não têm correspondência local. A Internet é um exemplo nesse sentido.

Outra coisa, porém, bem diferente, é o uso gratuito de palavras em inglês como o que se verifica hoje no Brasil. A não ser pela vocação novidadeira - e caipira - de quem se deslumbra diante de qualquer coisa que o aproxima do "estrangeiro", não há nenhuma razão para que se diga "sale" no lugar de liquidação, ou qualquer motivo para falar "off" em vez de desconto. Tais anomalias são um dos sintomas do subdesenvolvimento e exprimem, no seu ridículo involuntário, a mentalidade de quem confunde modernidade com uma temporada em Miami.

Um país como a Alemanha, menos vulnerável à influência da colonização da língua inglesa, discute hoje uma reforma ortográfica para "germanizar" expressões estrangeiras, o que já é regra na França. O risco de se cair no nacionalismo tosco e na xenofobia é evidente.

Não é preciso, porém, agir como Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, que queria transformar o tupi em língua oficial do Brasil para recuperar o instinto de nacionalidade. No Brasil de hoje já seria um avanço se as pessoas passassem a usar, entre outros exemplos, a palavra "entrega" em vez de "delivery".

FOLHA DE S. PAULO - 20/10/97

(Ufal 2000) Transpondo para a forma passiva analítica a frase "Ao permitir que se incorporem informações vindas de fora", obtém-se a forma "Ao permitir que...

a) seja incorporado informações vindo de fora".

b) seja incorporadas informações vindo de fora".

c) sejam incorporado informações vindas de fora".

d) sejam incorporadas informações vindas de fora".

e) sejam incorporada informações vindo de fora".

Exercício 138

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

"Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina. Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca. Suas qualidades pessoais importam pouco. Quando prevaricam, eles são punidos no inferno, como aconteceu, na opinião de muita gente boa, com o Papa Bonifácio VIII, simoníaco reconhecido. Mas o carisma é da própria Igreja, não de seus ministros. A prova de que ela é divina, dizia um erudito, é que os homens ainda não a destruíram.

Outras associações humanas, como a universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras. Sem a ciência rigorosa e objetiva, ela pode atingir situações privilegiadas de mando, como ocorreu com a Sorbonne. Nesse caso, ela é mais temida do que estimada pelos cientistas, filósofos, pesquisadores. Jaques Le Goff mostra o quanto a universidade se degradou quando se tornou uma polícia do intelecto a serviço do Estado e da Igreja.

As instituições políticas não possuem nem Deus nem a ciência como fonte de autoridade. Sua justificativa é impedir que os homens se destruam mutuamente e vivam em segurança anímica e corporal. Se um Estado não garante esses itens, ele não pode aspirar à legítima obediência civil ou armada. Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa. Só resta a força bruta ou a propaganda mentirosa para amparar uma potência política falida.

O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos. Há uma espécie de aura a ser mantida, através do essencial decoro. Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias. No Executivo, no Parlamento e, sobretudo, no Judiciário, esta é a raiz do poder legítimo.

Com a fé pública, os dirigentes podem governar em sentido estrito, administrando as atividades sociais, econômicas, religiosas, etc. Sem ela, os governantes são reféns das oligarquias instaladas no próprio âmbito do Estado. Essas últimas, sugando para si o excedente econômico, enfraquecem o Estado, tornando-o uma instituição inane."

(Roberto Romano, excerto do texto "Salários de Senadores e legitimidade do Estado", publicado na *Folha de São Paulo*, 17/10/1994, 1º caderno, página 3)

(Unitau 1995) Indique a alternativa em que existe voz passiva analítica:

a) As instituições políticas não possuem nem Deus nem a ciência como fonte de autoridade.

b) Com a fé pública, os dirigentes podem governar em sentido estrito, administrando as atividades sociais, econômicas, religiosas, etc.

c) Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca.

d) Só resta a força bruta ou a propaganda mentirosa para amparar uma potência política falida.

e) Se um Estado não garante esses itens, ele não pode aspirar à legítima obediência civil.

Exercício 139

(G1 1996) Transforme a voz ativa em voz passiva analítica, se possível:

- a) As sereias descobriram a tripulação.
- b) Penélope espera Ulisses.
- c) De manhãzinha, uma voz quebrou o silêncio.
- d) Telêmaco tranquiliza a mãe.
- e) O gigante separou algumas cabras e ovelhas.

Exercício 140

(G1 1996) Em "Serão cobrados os impostos" a oração encontra-se na voz passiva analítica. Transformando-a numa passiva sintética, teremos: _____.

Exercício 141

(G1 1996) Em "O mestre já havia dado as notas" temos uma oração na voz ativa. Transformando-a numa passiva analítica, teremos: "_____".

Exercício 142

(G1 1996) Transforme voz passiva sintética em analítica:

- 1) Vendem-se discos.
- 2) Compram-se jornais velhos.
- 3) Consertam-se aparelhos domésticos.
- 4) Realizou-se o concurso.
- 5) Alugam-se apartamentos.

Exercício 143

(G1 1996) Em "Será realizada a exposição no teatro municipal" a oração encontra-se na voz passiva analítica. Transformando-a numa passiva sintética, teremos: "_____".

Exercício 144

(G1 1996) Em "Seriam enviadas tropas de reforço" temos uma oração na voz passiva analítica. Transformando-a numa passiva sintética, teremos: "_____".

Exercício 145

(G1 1996) Em "Serão encontrados os verdadeiros culpados." temos uma oração na voz passiva analítica. Transformando-a em passiva sintética teremos: "_____".

Exercício 146

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

No país da biodiversidade, faltam recursos para gerir os nossos parques

¹Quem já visitou ²algum ³parque brasileiro certamente se surpreendeu com ⁴tamanha exuberância cênica ⁵desses locais. ⁶Não por acaso, ⁷nossos parques conservam uma rica biodiversidade – uma das maiores do mundo – cuja excepcionalidade projetou algumas ⁸dessas áreas ao patamar de patrimônio natural da humanidade. ⁹Enquanto a natureza nos dá motivos de sobra para enaltecer nossos parques, ¹⁰a realidade de escassez e limitação de recursos para a gestão e manutenção dessas áreas tem comprometido grande parte do seu potencial gerador de desenvolvimento, saúde e bem-estar – para não mencionar a vulnerabilidade a que sua fauna e flora ficam expostas.

¹¹Esse retrato de limitações foi capturado na edição recém-lançada da pesquisa Diagnóstico de Uso Público em Parques Brasileiros: A Perspectiva da Gestão, produzida pelo Instituto Semeia junto a equipes gestoras de 370 parques de todas as regiões, biomas e níveis governamentais do país. ¹²O sinal de alerta dessa escassez foi declarado por 67% dos respondentes, que afirmaram não contar com subsídios – humanos e financeiros – necessários para a realização de suas atividades no parque.

¹³Ainda de acordo com a pesquisa, grande parte (49%) das equipes que administram essas áreas conta somente com até 10 funcionários, ao passo que 9% possuem apenas um colaborador. Na prática, isso quer dizer que, no caso dos parques nacionais, há um único responsável, em média, por quase 11 mil hectares – o que equivale a cerca de 11 mil campos de futebol.

¹⁴Já na esfera estadual, seria um funcionário para, aproximadamente, 2 mil hectares e, na municipal, um funcionário para 58 hectares.

¹⁵Quando o assunto é a gestão financeira desses espaços, além da escassez de recursos, o cenário é também de falta de informação: 40% dos respondentes declaram não ter acesso aos dados orçamentários das unidades em que atuam. Entre os que têm acesso a esses números, seja de forma parcial ou total, o valor médio do orçamento em 2019 para os parques federais foi de R\$ 790 mil, para os municipais, de R\$ 800 mil, e os estaduais, R\$ 9,6 milhões.

¹⁶Para se ter uma ideia, o *National Park Service* (órgão norte-americano responsável por 421 unidades distribuídas em 34 milhões de hectares) teve em 2019 um orçamento de USD 2,4 bilhões. No mesmo ano, o orçamento do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) foi de USD 142,6 milhões (em reais, 791 milhões), para administrar uma área cinco vezes maior (se considerarmos unidades de conservação terrestres e marinhas).

¹⁷Tudo isso se reflete nas condições de visitação e no uso público dos parques brasileiros. ¹⁸Mais da metade declara não contar com infraestrutura básica para receber visitantes – como banheiros e estacionamento, por exemplo. E, entre as unidades

que receberam visitantes em 2019 (79%), apenas 7% afirmam contar com uma estrutura que garante plenamente as necessidades básicas de visitação, enquanto somente 11% consideram que a manutenção das estruturas está em excelente estado.

¹⁹Esses dados evidenciam uma triste contradição: ²⁰se, por um lado, nossos parques possuem belezas naturais únicas, equipes altamente qualificadas e experientes, além de um potencial turístico promissor, por outro, tudo isso se arrefece com a precariedade observada na implementação e manutenção das atividades de uso público na maioria deles. Basta pensar que, em 2019, o Brasil foi listado pelo Fórum Econômico Mundial como 2º lugar em recursos naturais, mas figura somente na 32ª colocação do *ranking* global de competitividade turística.

²¹Alcançar um patamar condizente à altura do nosso capital natural é mais do que possível. ²²Para isso, faz-se necessário fortalecer os órgãos gestores dessas áreas e avançar numa agenda mais moderna, empreendedora e sustentável voltada à gestão desses espaços. E, nesse sentido, as parcerias e concessões podem ser uma alternativa possível – já experimentadas em alguns parques brasileiros internacionalmente reconhecidos como Igraçu e Chapada dos Veadeiros, por exemplo – para apoiar as equipes gestoras a potencializar a visitação, o turismo e a conservação. ²³Afinal de contas, quanto mais os brasileiros conhecerem o seu patrimônio natural, maior será a conscientização sobre o valor e a necessidade de cuidar dessas áreas.

(HADDAD, Mariana (Coordenadora de Conhecimento do Instituto Semeia e responsável pela pesquisa); REZENDE, Aline (Coordenadora de Comunicação do Instituto Semeia). No país da biodiversidade, faltam recursos para gerir os nossos parques. Publicado em *Exame* de 27 de abril de 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/opiniao/no-pais-da-biodiversidade-faltam-recursos-para-gerir-os-nossos-parques/>. Acesso em 02 de maio de 2021). Texto adaptado para esta prova.

(Upf 2021) Assinale a alternativa correta em relação aos elementos que organizam a sintaxe do texto:

- a) No enunciado “Mais da metade declara não contar com infraestrutura básica para receber visitantes – como banheiro e estacionamento, por exemplo”. (ref. 18), o verbo “declara” concorda com o termo metade, mesmo a oração iniciando com a expressão quantitativa “mais de”.
- b) No enunciado “... a realidade de escassez e limitação de recursos para a gestão e manutenção dessas áreas tem comprometido grande parte do seu potencial gerador de desenvolvimento, saúde e bem-estar...” (ref. 10), o verbo “tem” deveria estar acentuado, pois está no plural, uma vez que concorda com a expressão “gestão e manutenção dessas áreas”.
- c) No enunciado “Ainda de acordo com a pesquisa, grande parte (49%) das equipes que administram essas áreas conta somente com até 10 funcionários, ao passo que 9% possuem apenas um colaborador” (ref. 13), o verbo “conta” concorda com a expressão “grande parte”, mas poderia estar no plural, mantendo um paralelismo sintático com o verbo “administram”.
- d) No enunciado “Alcançar um patamar condizente à altura do nosso capital natural é mais do que possível” (ref. 21), o acento

indicativo de crase justifica-se pelo fato de o verbo “alcançar” exigir a preposição “a” e o substantivo “altura” admitir o artigo “a”.

e) No enunciado “O sinal de alerta dessa escassez de recursos foi declarado por 67% dos respondentes, que afirmaram não contar com subsídios – humanos e financeiros – necessários para a realização de suas atividades no parque” (ref. 12), poderíamos substituir “para a” por “a” sem o acento indicativo de crase, uma vez que não temos na oração um verbo que exija a preposição “a”.

Exercício 147

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir refere(m)-se ao texto abaixo.

anatomia

qual a matéria do poema?
a fúria do tempo com suas unhas e algemas?

qual a semente do poema?
a fornalha da alma com seus divinos dilemas?

qual a paisagem do poema?
a selva da língua com suas feras e fonemas?

qual o destino do poema?
o poço da página com suas pedras e gemas?

qual o sentido do poema?
o sol da semântica com suas sombras pequenas?

qual a pátria do poema?
o caos da vida e a vida apenas?

CAETANO, Ana. *Inventário*. Belo Horizonte: 2016. p. 5.
[Coleção Leve um livro, n.8 – Segunda Temporada]

(G1 - cftmg 2017) Na composição do poema, há o emprego de

- a) aliterações ao longo do sétimo verso.
- b) metáfora no primeiro verso do quinto dístico.
- c) rimas finais entre os segundos versos de cada dístico.
- d) paralelismo sintático entre os dois versos das estrofes.

Exercício 148

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir foi extraído de uma crônica de Affonso Romano de Sant’Anna, cronista e poeta mineiro. Professor universitário e jornalista, escreveu para os maiores jornais do País. “Com uma produção diversificada e consistente, pensa o Brasil e a cultura do seu tempo, e se destaca como teórico, como poeta, como cronista, como professor, como administrador cultural e como jornalista.”

Porta de colégio

Passando pela porta de um colégio, me veio a sensação nítida de que aquilo era a porta da própria vida. Banal, direis. Mas a sensação era tocante. Por isso, parei, como se precisasse ver melhor o que via e previa.

Primeiro há uma diferença de ¹clima entre ⁶aquele bando de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros, em torno de carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles que transitam pela rua. Não é só o uniforme. Não é só a idade. É toda uma ²atmosfera, como se estivessem ainda dentro de uma ⁸redoma ou aquário, numa bolha, resguardados do mundo. Talvez não estejam. Vários já sofreram a pancada da separação dos pais. ⁷Aprenderam que a vida é também um exercício de separação. ⁹Um ou outro já transou droga, e com isso deve ter se sentido (equivocadamente) muito adulto. Mas há uma sensação de pureza angelical misturada com palpitação sexual, que se exibe nos gestos sedutores dos adolescentes.

Onde estarão ⁴esses meninos e meninas dentro de dez ou vinte anos?

⁵Aquele ali, moreno, de cabelos longos corridos, que parece gostar de esporte, vai se interessar pela informática ou economia; ⁵aquela de cabelos louros e crespos vai ser dona de boutique; ⁵aquela morena de cabelos lisos quer ser médica; a gorduchinha vai acabar casando com um gerente de multinacional; ⁵aquela esguia, meio bailarina, achará um diplomata. Algumas estudarão Letras, se casarão, largarão tudo e passarão parte do dia levando filhos à praia e à praça e pegando-os de novo à tardinha no colégio. [...] Estou olhando aquele bando de adolescentes com evidente ternura. Pudessem passava a mão nos seus cabelos e contava-lhes as últimas histórias da carochinha antes que o ³lobo feroz as assaltasse na esquina. Pudessem lhes diria daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e na redoma, enquanto estão na porta da vida e do colégio. O destino também passa por aí. E a gente pode às vezes modificá-lo.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Affonso Romano de Sant'Anna: seleção e prefácio de Letícia Malard*. Coleção Melhores Crônicas. p. 64-66.

(Uece 2014) Atente ao parágrafo quatro, que é constituído de assertivas do enunciador sobre os adolescentes que vê na porta do colégio, partindo de previsões feitas por ele mesmo.

- I. Poderíamos dividir o parágrafo em duas partes, considerando a oposição individual/coletivo.
- II. Em uma das assertivas, verifica-se quebra de paralelismo sintático-semântico.
- III. Todas as assertivas constituem previsões.

Está correto o que se afirma em

- a) I e III apenas.
- b) I e II apenas.
- c) I, II e III.
- d) II e III apenas.

Exercício 149

(Ufsc 2012) Leia os provérbios (itens A e B) e a citação (item C) abaixo.

- A. “A palavra é prata, o silêncio é ouro”.
- B. “Os sábios não dizem o que sabem, os tolos não sabem o que dizem”.
- C. “Há coisas que melhor se dizem calando”. (Machado de Assis)

Com base na leitura acima, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

- 01) Em cada um dos provérbios observa-se um paralelismo sintático, que ajuda a conferir ritmo ao provérbio e favorece sua memorização.
- 02) No provérbio (A) ocorrem duas metáforas.
- 04) No provérbio (B) as orações “o que sabem” e “o que dizem” funcionam como adjetivos que caracterizam, respectivamente, os sábios e os tolos.
- 08) Tanto o item A quanto o item C funcionam como elogios à discricção.
- 16) A frase de Machado de Assis contém um pleonismo, porque é um exagero dizer que se pode falar calado.
- 32) No provérbio (B) temos a figura de linguagem paradoxo, porque é absurdo que os sábios tenham que se calar para que os tolos falem.

Exercício 150

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

FELICIDADE INTERNA BRUTA

E se fosse possível medir o nível de felicidade das pessoas? Foi o que fez o rei do Butão, pequeno país do Himalaia, questionando se o Produto Interno Bruto seria o melhor índice para designar o desenvolvimento de uma nação. O conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) nasceu em 1972 e atraiu a atenção do mundo como uma nova fórmula para o cálculo de riqueza de um país que considera aspectos como a conservação do meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas. O FIB tem quatro pilares: economia, cultura, meio ambiente e boa governança. Em uma pesquisa de 2005 no Butão, 97% da população disse estar entre ‘Feliz’ e ‘Muito Feliz’. Ao passar a aferir os índices do FIB e criar políticas públicas para atacar os problemas encontrados, o país conseguiu dar um salto em seus indicadores sociais e chamar a atenção do mundo para essa experiência inovadora.

A felicidade também foi motivo de pesquisa em duas revistas internacionais. A *Journal of Reserch in Personality* e o *Journal of Hapiness Studies* apontaram em 2008 que dois fatores são determinantes para o nível de felicidade do ser humano: a genética, responsável por 50% desse sentimento, e o comportamento positivo diante da vida, que equivale a 40%. Já os 10% restantes, segundo a pesquisa, são referentes a circunstâncias como beleza, dinheiro, fama e prestígio, tão desejadas pela maioria das pessoas.

Susan Andrews, psicóloga e antropóloga formada pela Universidade de Harvard e coordenadora do FIB no Brasil (www.felicidadeinternabruta.org.br), sintetiza a questão:

⁵“Estamos vivendo numa época única da história. ⁴Temos prédios mais altos, mas ‘pavios mais curtos’; mais conveniências, porém menos tempo. Compramos mais, mas desfrutamos menos. Estamos conectados por satélites e internet, mas nos sentimos mais solitários do que nunca. E as pessoas estão sentindo esse

doloroso paradoxo nas suas vidas pessoais. O Brasil está se tornando uma potência mundial. É a hora de refletir: Qual o caminho que o nosso país deveria seguir? Seria o curso traçado pelos EUA, onde o PIB aumentou três vezes desde os anos 1950, mas onde a felicidade das pessoas de fato declinou? Onde uma em quatro pessoas é infeliz ou deprimida? Onde durante esse mesmo período quando o PIB triplicou, o número de divórcios duplicou, o de suicídios entre adolescentes triplicou, o de crimes violentos quadruplicou, e a população carcerária quintuplicou? Os americanos aumentaram sua riqueza dramaticamente, mas no processo perderam algo muito mais precioso ¹– seu sentido de comunidade. E é exatamente ²isso que as pesquisas psicológicas constatarem ser a verdadeira e duradoura fonte de felicidade: laços harmoniosos e amorosos entre as pessoas. Será que o Brasil deveria perseguir o “Sonho Americano”, que agora com ³essa crise está se tornando um pesadelo? Ou será que poderíamos optar por um caminho de desenvolvimento holístico e integrado como esse que o FIB representa, e mostrar um novo modelo para o mundo? Acredito que a hora para decidir isso é agora”.

Editorial - *Extraclasse*, ano 14, n. 138, out. 2009, pág. 2.

(Unisc 2012) No quarto parágrafo (ref. 4 e 5) é empregado um recurso linguístico responsável pelo encadeamento de funções sintáticas idênticas, cujo objetivo é facilitar a progressão temática, a leitura do enunciado e a clareza da expressão. Esse recurso gramatical é denominado

- a) polissíndeto.
- b) elipse do sujeito de terceira pessoa.
- c) articulador coesivo de referência.
- d) elemento de coesão lexical.
- e) paralelismo sintático.

Exercício 151

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Arte suprema

Tal como Pigmalião, a minha ideia
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;
Digo-lhe: “Fala!”, ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a cora e aformoseia...
E a estatua não falou, porque era estatua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não e que eu digo ao verso: “Fala!”
E ele fala-me sempre, porque e verso.

(Júlio César da Silva. *Arte de amar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.)

(Unesp 2010) O encerramento enfático do último verso se reforça estruturalmente no poema pelo fato de criar uma relação de paralelismo sintático e de oposição de sentido com outro verso do poema. Aponte esse verso:

- a) Verso 2.
- b) Verso 4.
- c) Verso 6.
- d) Verso 8.
- e) Verso 11.

Exercício 152

(G1 - cftmg 2008) Se acostumou sem querer

Ao salto alto

Salário baixo, à vida dura

E até ficar sem tv

É bom pra você

Televisão ninguém mais atura

Sobre o uso da linguagem nesse trecho, afirma-se, corretamente, que a(o):

- a) marcação da crase no verso 3 é opcional.
- b) paralelismo sintático ocorre entre os versos 2 e 3.
- c) emprego da preposição "até" tem forte efeito de sentido.
- d) último verso está na ordem canônica sujeito-verbo-objeto.

Exercício 153

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento*, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e o cumprimento do estudo.

Pra todo mundo, universal mesmo. ¹Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja ²orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense.

Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da ³URCA, haja primos, ⁴pense num povo metido, né, ⁵ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, ⁶esse povo “lá de nós”, como na bendita ⁷linguagem caririense, ⁸formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda ⁹vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ¹⁰viva o gênio Anísio Teixeira, tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio ¹¹que

constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. ¹²Desculpa aí, hoje só ¹³venho ¹⁴com as grandezas. Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008). Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularíssima fábula sobre — ¹⁵repare só! — dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de* ¹⁶tudo (Companhia das Letras).

De Ohio ao Cariri. Além da URCA, em 2013 conquistamos (nada é de graça) a UFCA, a brava Universidade Federal do Cariri. ¹⁷Era um facho, uma fogueira, era um candeeiro, era uma lamparina, era uma luminária a gás butano, fez-se a luz, *pardon* matriz iluminista, perdão Paris, mas o mundo e o futuro ¹⁸será de um certo Cariri que peleja, aprende a preservar e estuda, somos a própria ideia viva de Patrimônio Universal da Humanidade, só falta o referendo da Unesco — escuto os mestres do Reizado ao fundo, que batuque afro-indígena-futurista.

[...]

Só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Qual o quê, corri léguas rodoviárias, rumo ao Recife, a bordo da viação Princesa do Agreste, ainda no comecinho dos anos 1980. Espírito *beatnik*, por desejo e necessidade, deixei Juazeiro — onde morava —, o Crato de nascença, a Santana (Sítio das Cobras) afetiva de infância e a Nova Olinda das primeiras letras. Seria o primeiro representante do clã (risos rurais amarcodianos) dos Sá-Menezes-Freire-Novais, família meio pernambucana meio cearense, a chegar ao ensino superior. Um Xicobrás, diria, 100% escolha pública, do primário ao *campus* da UFPE. Hoje tenho uma penca de primos a cada nova formatura, sem precisar sequer sair dos arredores de casa. E pensar que não havia a ¹⁹ideia de universidade no meu terreiro. Nada disso do que hoje comemoro com os formandos da URCA e UFCA. [...].

Só nos resta defender [...]. Sem sequer o direito ao ²⁰VAR (olho no lance) da história. ²¹jmmmmmmmmmmkk klkl l çñççlllçlxsp. Eita, desculpa, caro leitor, pela incompreensão da escrita, é que minha filha Irene invadiu esta crônica — tentando ver a Pepa Pig — e dedilhou involuntariamente estas mal-traçadas linhas. [...]

Texto adaptado de Xico Sá, publicado em 10 ago. 2019.

Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440_001442.html

Acesso em: 14 ago. 2019

* Os termos sublinhados neste texto representam *hyperlinks* no texto original publicado no sítio eletrônico do jornal *El País*. Conforme o dicionário *Michaelis*, *hyperlink* é, “no contexto da hipermídia e do hipertexto, endereço que aparece em destaque (geralmente sublinhado ou apresentado em uma cor diferente) e que, a um clique no *mouse*, permite a conexão com outro *site*”.

(S1 - ifsul 2020) Qual alternativa apresenta o paralelismo sintático entre os dois primeiros períodos do texto de acordo com a norma culta?

- a) Sou do tipo que chora tanto em batizado, casamento, quanto principalmente formatura.
- b) Sou do tipo que chora seja batizado, casamento, seja principalmente em formatura.
- c) Sou do tipo que chora não apenas em batizado, casamento, principalmente em formatura.
- d) Sou do tipo que chora não só em batizado, casamento, mas principalmente em formatura.

Exercício 154

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O DISCURSO

Natividade é que não teve distrações de espécie alguma. Toda ela estava nos filhos, e agora especialmente na carta e no discurso.

Começou por não dar resposta às ¹efusões políticas de Paulo; foi um dos conselhos do conselheiro. Quando o filho tornou pelas férias tinha esquecido a carta que escrevera.

O discurso é que ele não esqueceu, mas quem é que esquece os discursos que faz? Se são bons, a memória os grava em bronze;

se ruins, deixam tal ou qual amargor que dura muito. ²O melhor dos remédios, no segundo caso, é supô-los excelentes, e, se a razão não aceita esta imaginação, consultar pessoas que a aceitem, e crer nelas. A opinião é um velho óleo incorruptível.

Paulo tinha talento. O discurso naquele dia podia pecar aqui ou ali por alguma ênfase, e uma ou outra ideia vulgar e exausta. Tinha talento Paulo. Em suma, o discurso era bom. Santos achou-o excelente, leu-o aos amigos e resolveu transcrevê-lo nos jornais.

³Natividade não se opôs, mas entendia que algumas palavras deviam ser cortadas.

– Cortadas, por quê? perguntou Santos, e ficou esperando a resposta.

– Pois você não vê, Agostinho; estas palavras têm sentido republicano, explicou ela relendo a frase que a afligira. Santos ouvia-as ler, leu-as para si, e não deixou de lhe achar razão. Entretanto, não havia de as suprimir.

– Pois não se transcreve o discurso.

– Ah! isso não! O discurso é magnífico, e não há de morrer em S. Paulo; é preciso que a Corte o leia, e as províncias também, e até não se me daria fazê-lo traduzir em francês. Em francês, pode ser que fique ainda melhor.

– Mas, Agostinho, isto pode fazer mal à carreira do rapaz; o imperador pode ser que não goste...

Pedro, que assistia desde alguns instantes ao debate, interveio logo para dizer que os receios da mãe não tinham base; era bom pôr a frase toda, e, a rigor, não diferia muito do que os liberais diziam em 1848.

– Um monarquista liberal pode muito bem assinar esse trecho, concluiu ele depois de reler as palavras do irmão.

– Justamente! ⁴assentiu o pai.

⁵Natividade, que em tudo via a inimizade dos gêmeos, suspeitou que o intuito de Pedro fosse justamente comprometer Paulo. Olhou para ele a ver se lhe descobria essa intenção torcida, mas a cara do filho tinha então o aspecto do entusiasmo. Pedro lia trechos do discurso, acentuando as belezas, repetindo as frases mais novas, cantando as mais redondas, revolvendo-as na boca, tudo com tão boa sombra que a mãe perdeu a suspeita, e a impressão do discurso foi resolvida. Também se tirou uma edição

em folheto, e o pai mandou encadernar ricamente sete exemplares, que levou aos ministros, e um ainda mais rico para a Regente.

MACHADO DE ASSIS

Esaú e Jacó. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

¹efusão – manifestação expansiva de sentimentos

⁴assentir – concordar

(Uerj 2017) *O melhor dos remédios, no segundo caso, é supô-los excelentes, e, se a razão não aceita esta imaginação, consultar pessoas que a aceitem, e crer nelas.* (ref. 2)

A conjunção sublinhada **e** estabelece paralelismo sintático entre duas orações. Identifique-as. Reescreva o trecho acima, substituindo a conjunção **e** por outra conjunção coordenativa, mantendo o mesmo sentido e a mesma estrutura do período original.

Exercício 155

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

As questões a seguir tomam por base a crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível. Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(O Estado de S. Paulo, 31.05.2015.)

(Unesp 2016) Os termos “o uso do papel” e “um manual de instrução” (1º parágrafo) se identificam sintaticamente por exercerem nas respectivas orações a função de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) complemento nominal.

e) sujeito.

Exercício 156

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

Árvores e poetas

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos¹ colubrin²os pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente depauperam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – “Quanta lenha!...”

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico³: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção “humana”, direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(Letras floridas, 1976.)

¹sarmento: ramo delgado, flexível.

²colubrin²o: com forma de cobra, sinuoso.

³antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.



(Unesp 2016) “O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte”

Do ponto de vista sintático, que relação os termos sublinhados estabelecem com o verbo? Do ponto de vista semântico, a

organização dos substantivos sublinhados aparenta seguir um determinado critério; um desses substantivos, contudo, romperia tal organização. Identifique qual seria esse critério e o substantivo que romperia sua organização.

Exercício 157

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria. Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s). Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles

eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

Folha de S. Paulo, 01.01.2017. Adaptado.

(Unesp 2017) Em “Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” (1º parágrafo), o termo destacado exerce a mesma função sintática do trecho destacado em:

a) “[...] o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.” (4º parágrafo)

b) “Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes [...].” (10º parágrafo)

c) “[...] o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes [...].” (5º parágrafo)

d) “Seguiu debilitado até o final daquela década.” (9º parágrafo)

e) “Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta.” (10º parágrafo)

Exercício 158

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras. O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos

que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (Contos: uma antologia, 1998.)

(Unesp 2018) Embora não participe da ação, o narrador intromete-se de forma explícita na narrativa em:

- a) “Há meio século, os escravos fugiam com frequência.” (3º parágrafo)
- b) “O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões.” (2º parágrafo)
- c) “A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca.” (1º parágrafo)
- d) “Mas não cuidemos de máscaras.” (1º parágrafo)
- e) “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão.” (3º parágrafo)

Exercício 159

Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no 1batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um 2rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina. Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o Luar do sertão e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma

coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre 3flaubert, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(Os melhores contos, 1997.)

1batelão: embarcação movida a remo.

2rincho: relincho.

3flaubert: um tipo de espingarda.

(Unesp 2018) “Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu viajava a pé, ela veio galopando a cavalo”(4º parágrafo)

Os termos sublinhados constituem, respectivamente,

- a) artigo, preposição, artigo.
- b) artigo, preposição, preposição.
- c) pronome, artigo, artigo.
- d) pronome, preposição, preposição.
- e) pronome, artigo, preposição.

Exercício 160

Leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido¹ passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras², uma avantesma³...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas⁴ que a polícia, competentemente munida de bentinhos⁵ e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho pardieiro⁶ que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os sitiantes⁷ empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiarista. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

1esbatido: de tom pálido.

2a desoras: muito tarde.

3avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

4folha: periódico diário, jornal.

5bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

6pardieiro: prédio velho ou arruinado.

7sitiente: policial.

(Unesp 2022) A expressão sublinhada em “No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta...” (5º parágrafo) exerce a mesma função sintática da expressão sublinhada em

- a) “Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiarista.” (5º parágrafo)
- b) “Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade.” (1º parágrafo)
- c) “Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas...” (5º parágrafo)
- d) “Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias...” (3º parágrafo)
- e) “Dizem as folhas que a polícia, competentemente munida de bentinhos e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma.” (4º parágrafo)

Exercício 161

Leia o artigo “Pó de pirlimpimpim”, do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro.

Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofado de macela¹. Emília, a sabida boneca de Monteiro Lobato, aprendeu a falar copiosamente após engolir uma pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme Matrix (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada Matriz, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “I know kung fu”.

Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico,

independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

(Sidarta Ribeiro. Limiar: ciência e vida contemporânea, 2020.)

1macela: planta herbácea cujas flores costumam ser usadas pela população como estofamento de travesseiros.

(Unesp 2022) Pode ser reescrito na voz passiva o seguinte trecho do artigo:

- a) “Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais” (2º parágrafo).
- b) “Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono” (4º parágrafo).
- c) “A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais” (4º parágrafo).
- d) “Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral” (4º parágrafo).
- e) “Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso” (1º parágrafo).

Exercício 162

Leia o trecho do drama Macário, de Álvares de Azevedo.

MACÁRIO (chega à janela): Ó mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ (de fora): Senhor!

MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ: O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACÁRIO: Sim. Mas vai ver o burro.

A VOZ: Um moço que parece estudante?

MACÁRIO: Sim. Mas anda com a mala.

A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?

MACÁRIO: Esse diabo é doido! Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!

A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer. Quando madrugar iremos procurar.

OUTRA VOZ: Havia de ir pelo caminho do Nhô Quito. Eu conheço

o burro...

MACÁRIO: E minha mala?

A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...

MACÁRIO (fecha a janela): Malditos! (atira com uma cadeira no chão)

O DESCONHECIDO: Que tendes, companheiro?

MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...

O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...

MACÁRIO: Porém a raiva...

O DESCONHECIDO: A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

MACÁRIO: Não! não! mil vezes não! Não concebeis, uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo...

O DESCONHECIDO: Fumais?

MACÁRIO: Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher – não me pergunteis se fumo!

O DESCONHECIDO (dá-lhe um cachimbo): Eis aí um cachimbo primoroso.

[...]

MACÁRIO: E vós?

O DESCONHECIDO: Não vos importeis comigo. (tira outro cachimbo e fuma)

MACÁRIO: Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?

O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?

MACÁRIO: O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO: Tocai! Sois um digno rapaz. (apertam a mão)

MACÁRIO: Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar sonolento, às noites límpidas, acho isso sumamente insípido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.

O DESCONHECIDO: E a poesia?

MACÁRIO: Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintém azinhavrado¹. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO: Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam-na para o povo; hoje o povo fá-la... para ninguém...

(Álvares de Azevedo. Macário/Noite na taverna, 2002.)

1azinhavrado: coberto de azinhavre (camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido).

(Unesp 2022) “MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.”

(Unesp 2022) “MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...”

Na oração em que está inserido, o termo sublinhado é um verbo que pede

- a) objeto direto, expresso pelo vocábulo “mala”, e objeto indireto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- b) apenas objeto indireto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- c) apenas objeto direto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- d) objeto direto, expresso pelo vocábulo “burro”, e objeto indireto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- e) objeto direto e objeto indireto, ambos expressos pelo vocábulo “ma”.

Exercício 163

Leia o soneto de Luís de Camões.

Enquanto quis Fortuna¹ que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento²
Me fez que seus efeitos escrevesse.
Porém, temendo Amor³ que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento⁴,
Escureceu-me o engenho⁵ com tormento,
Para que seus enganos não dissesse.
Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades, quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,
Verdades puras são, e não defeitos⁶,
E sabeí que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.
(Luís de Camões. 20 sonetos, 2018.)

1Fortuna: entidade mítica que presidia a sorte dos homens.

2suave pensamento: sentimento amoroso.

3Amor: entidade mítica que personifica o amor.

4juízo isento: os inocentes do amor, aqueles que nunca se apaixonaram.

5engenho: talento poético, inspiração.

6defeitos: inverdades, fantasia.

(Unesp 2022) No soneto, o eu lírico dirige-se, mediante vocativo,

- a) àqueles que não entendem seus versos.
- b) a Amor.
- c) àqueles que nunca se apaixonaram.
- d) aos amantes.
- e) a Fortuna.

Exercício 164

Leia a crônica “Elegia do Guandu”, de Carlos Drummond de Andrade, publicada originalmente em 2 de novembro de 1974.

E se reverenciássemos neste 2 de novembro os mortos do Guandu, que descem a correnteza, a caminho do mar – o mar que eles não alcançam, pois encaham na areia das margens, e os urubus os devoram?

Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos. Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente. Seus corpos, não há quem os

reclame, de medo ou seja lá pelo que for.

Se algum deles tem sorte de derivar pela restinga da Marambaia e ali é recolhido por pescadores – ah, peixe menos desejado – ganha sepultura anônima, que a piedade dos humildes providencia. Mas não é prudente pescar mortos do Guandu: há sempre a perspectiva de interrogatórios que fazem perder o dia de trabalho, às vezes mais do que isso: a liberdade, que se confisca aos suspeitos e aos que explicam mal suas pescarias macabras.

São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados? Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores ou estes sinais: mãos amarradas, amarrado de vários corpos, pesos amarrados aos pés. Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d’água, mas os que vêm boiando e fluindo, fluindo e boiando, em sonho aquático deslizante, estes desesperaram da vida, ou a vida lhes faltou de surpresa?

Os mortos vão passando, procissão falhada. Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante. É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí, assistentes ribeirinhos de novela de espaçados capítulos. Ver e não contar. Ver e guardar para conversas íntimas:

– Ontem, na tintura da madrugada, passaram três garrafinhas. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...

Garrafinhas chamam-se eles, os trucidados com chumbo aos pés, e não mais como ficou escrito em livros de cartório. O garrafinha nº 1 não é diferente do garrafinha nº 2 ou 3. Foram todos nivelados pelo Guandu. Como frascos vazios, de pequeno porte e nenhuma importância, lá vão rio abaixo, Nova Iguaçu abaixo, rumo do esquecimento das garrafas e dos crimes que cometeram ou não cometeram, ou dos crimes que neles foram cometidos.

[...]

O Guandu não responde a inquéritos nem a repórteres. Não distingue, carrega. Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta. Em sua impessoalidade serve a desígnios vários, favorece a vida que quer se desembaraçar da morte, facilita a morte que quer se libertar da vida. Pela justiça sumária, pelo absurdo, pelo desespero.

Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos. Os criminosos, os não criminosos, os que se destruíram, os que resvalaram. Mortos sem sepultura e sem lembrança. Trágicos e apagados deslizantes na correnteza. Passageiros do Guandu, apenas e afinal.
(Carlos Drummond de Andrade. Os dias lindos, 2013.)

(Unesp 2022) O termo sublinhado em “Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d’água” (4º parágrafo) pertence à mesma classe gramatical do termo sublinhado em:

- a) “Mas não é prudente pescar mortos do Guandu” (3º parágrafo)
- b) “Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante” (5º parágrafo)
- c) “Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores” (4º parágrafo)

- d) “É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí” (5º parágrafo)
e) “Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente” (2º parágrafo)

Exercício 165

(Fuvest 2022) Texto 1



EXPLOITING THE ECOSYSTEM ALSO THREATENS HUMAN LIVES. WWF FOR A LIVING PLANET: WWF.ORG

Disponível em: <https://www.publicitarioscriativos.com/21-propagandas-surpreendentemente-criativas/>. Traduzido e adaptado.

Texto 2

Por respeito à natureza, artista Tik una levou 16 anos para criar um cocar

As primeiras penas de gavião real que conseguiu chegaram em 2005. Um amigo o encontrou na aldeia certa vez e ofereceu algumas penas do animal que tinha encontrado morto no meio do mato tempos antes. "Depois, em 2011, um cacique me disse que tinha algumas também, perguntou se eu queria, eram umas oito. Juntando com as que eu tinha, já dava para fazer um pedaço do cocar", conta José Tikuna.

Para completar a peça, ele precisou contar com mais doações de amigos e conhecidos. José mesmo chegou a rodar pela floresta atrás das penas do bicho, mas não encontrava nada. Os anos passavam, e ele seguia procurando e esperando.

Só em 2014 encontrou novas penas. Dessa vez, um colega o procurou para que ele usasse seus dotes artísticos para criar um amarrador de cabelo com pena. José topou fazer e ainda conseguiu ficar com algumas para colocar em seu cocar.

José lembra das conversas com amigos tocadores de tambor que sempre falam que se um animal ou uma árvore sofreu ou morreu para que conseguissem produzir o instrumento musical, o mínimo que eles deveriam ter é respeito.

Paula Rodrigues. Disponível em

<https://www.uol.com.br/eco/ultimas-noticias/2021/09/08/por-respeito-a-natureza-artista-tikuna-levou-16-anos-para-criar-um-cocar.htm>. 08/09/2021. Adaptado.

- a) Explique o sentido da expressão "mais assustador" no contexto do anúncio, comparando-a com o processo de produção do cocar mencionado na notícia.
b) Aponte a função sintática de "por respeito natureza" e explique como a expressão contribui para o sentido do título e do texto.

Exercício 166

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

No modelo hegemônico, quase todo o treinamento é reservado para o desenvolvimento muscular, sobrando muito pouco tempo para a mobilidade, a flexibilidade, o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular. Na teoria, seria algo em torno de 70% para o fortalecimento, 20% para o cárdio e 10% para a flexibilidade e outros. Na prática, muitos alunos direcionam 100% do tempo para o fortalecimento.

Como a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.

Nuno Cobra Jr. “Fitness não é saúde”. Uol. 06/05/2021. Adaptado.

(Fuvest 2022) Dentre as expressões destacadas, a que exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em “o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular” é:

- a) um atleta **de seleção** precisa de treinamento intenso.
b) o amor **ao esporte** é fundamental para o atleta.
c) a população incorpora **radicalmente** atitudes saudáveis.
d) muitas **pessoas** se beneficiam de alimentos verdes.
e) todo tipo de atividade física faz **bem** à saúde mental.

GABARITO

Exercício 1

- c) “A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos.” (1º parágrafo)

Exercício 2

- e) “Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos” (2º parágrafo)

Exercício 3

- c) “Disse isto, e calou-se, para ruminar o **pasmo** do boticário.” (ref. 11)

Exercício 4

- d) "refugiados" é um dos referentes sintático-semânticos destes verbos, o que fica claro nos versos seguintes da canção.

Exercício 5

- a) “Deu-lhe muito trabalho, aquilo.” (4º parágrafo)

Exercício 6

- a) “Smith”

Exercício 7

- e) estão corretas a I e a II

Exercício 8

- e) Conhecemos o jornalista que defenderá o problema nas redes sociais em relação às notícias sensacionalistas.

Exercício 9

- c) exerce a função de objeto direto em relação à oração principal .

Exercício 10

- b) Murchando as flores ao tombar do dia

Exercício 11

- b) objeto direto.

Exercício 12

- c) objeto direto.

Exercício 13

- c) inexistente.

Exercício 14

- d) A possibilidade de ganharmos a vida, sentados na frente do computador, as comodidades da rotina diária e a oferta generosa de bebidas e alimentos industrializados repletos de gorduras e açúcares que nos oferecem a toda hora criaram uma combinação perversa que conspira para o acúmulo de gordura no corpo.

Exercício 15

- c) o adjunto adverbial foi deslocado para o início da oração.

Exercício 16

- b) A oração “que nem se mostra” (v. 8) está sintaticamente ligada ao substantivo coração, caracterizando-o; portanto, essa oração exerce a função sintática de adjunto adnominal.

Exercício 17

- c) adjetivo e adjunto adnominal.

Exercício 18

- a) O adjunto adverbial anteposto apresenta uma metáfora que expressa a fugacidade do tempo.

Exercício 19

- e) "...LÁ deve ter suas razões o misterioso cenarista dos sonhos..." (texto II - par. 5) - adjunto adverbial de lugar

Exercício 20

- b) objeto direto / adjunto adverbial / sujeito

Exercício 21

- a) perante a Morte (em I) e nos abismos (em II).

Exercício 22

- c) “Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,” (1ª estrofe)

Exercício 23

- d) A expressão importantes desafios (referência 7) desempenha a função sintática de objeto indireto do verbo haver.

Exercício 24

- e) Obedeceu-*lhe* prontamente.

Exercício 25

- a) adjunto adverbial.

Exercício 26

- d) objeto indireto, objeto indireto e sujeito.

Exercício 27

- b) "[...] eles falam da FLORESTA amazônica (...)" (ref. 14)
OBJETO INDIRETO

Exercício 28

- e) adjunto adverbial - objeto indireto

Exercício 29

- d) travesti (objeto indireto)

Exercício 30

- b) “Embarque, pobre de você, / que há já muito que o espero!”
e “Pois digo-lhe que não quero!”

Exercício 31

- b) “tenhamos” está flexionado na 1ª pessoa do plural e “praticado” está no particípio passado.

Exercício 32

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

Exercício 33

b) Às vezes – tem – lhe

Exercício 34

d) “entre” e “viu”.

Exercício 35

e) Há – haviam – à – a – a

Exercício 36

a) sujeito.

Exercício 37

c) A frase I apresenta em destaque um objeto indireto e a frase II apresenta em destaque um complemento nominal.

Exercício 38

c) objeto direto preposicionado e objeto direto.

Exercício 39

e) o “la” é pronome oblíquo e assume a função de objeto direto.

Exercício 40

d) objeto direto.

Exercício 41

b) objeto direto.

Exercício 42

e) Foi fiel À LEI durante todos os anos que passou nos Açores.

Exercício 43

b) objeto direto - sujeito - objeto indireto.

Exercício 44

a) objeto direto

Exercício 45

a) Em “Lançar-se ao espaço implicava algum reconhecimento” (ref. 5), o verbo implicar, nesse contexto, é um verbo transitivo direto, por isso seu complemento não exige preposição.

Exercício 46

d) "... de virar sorvete ou lagartixa..."

Exercício 47

e) “Planta beijo de três cores ao redor da casa”

Exercício 48

a) “O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia.” (ref. 2)

Exercício 49

d) II – III – I

Exercício 50

b) Verbal e Nominal.

Exercício 51

a) ação – ação – ação – ação

Exercício 52

c) "E olhas, então, essas tuas mãos vazias, ..."

Exercício 53

d) predicativo.

Exercício 54

a) intransitivo - transitivo direto - de ligação

Exercício 55

d) Busco anelante o palácio encantado da Ventura.

Exercício 56

a) verbal, com verbo transitivo direto

Exercício 57

d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.

Exercício 58

e) "...em torno do qual GRAVITAM as plantas, os homens e os bichos." (par.13) - intransitivo

Exercício 59

a) O verbo “surfar” é usado como transitivo direto no título do texto da campanha e em sentido figurado, pois está relacionado à capacidade de transição entre *sítes* acessíveis na internet. Na última frase, o mesmo verbo é usado como

intransitivo e apresenta significado literal, pois pertence ao mesmo campo lexical da palavra “nadar”.

b) No trecho do enunciado, os termos verbais “empolga”, “agarra” e “passageira” associados à palavra “internet” sugerem uma ação intensa, apaixonante, mas efêmera, ao contrário do que acontece com os que estão ligados à palavra “revista”, menos intensos, mas mais duradouros (“envolvem”, “abraçam”, “são permanentes”). O mesmo é sugerido no título, já que “surfar” é atividade esportiva moderna e “nadar”, uma modalidade tradicional.

Exercício 60

a) 1 - verbo SER

2 - verbo IR

b) Predicado nominal em 1. Conforme resposta ao item [A], a informação entre parêntesis indica que “Fui” é flexão do verbo “Ser”; o predicado nominal tem como núcleo o estado do sujeito, “doente”.

Predicado verbo-nominal em 2. Conforme resposta ao item [A], a informação entre parêntesis indica que “Fui”, nesse caso, é flexão do verbo “Ir”; o predicado é verbo-nominal, uma vez que há dois núcleos: um marcado pelo próprio verbo de ação, intransitivo, e outro marcado pelo estado do sujeito, “doente”. Validando a resposta, indica-se o procedimento de transformar o período simples em composto por coordenação: Fui para Buenos Aires e estava doente.

c) O significado de cada verbo é diferente, como indica a resposta ao item [A].

Em [1], a forma conjugada “Fui” corresponde a um estado, portanto sinônimo de “Estar”. Uma possível reescrita é “Estive doente durante dois anos (e estou são)”.

Em [2], a forma conjugada “Fui” corresponde a uma ação, portanto sinônimo de “Viajar”. Uma possível reescrita é “Viajei doente para Buenos Aires (e voltei são)”.

Exercício 61

1) intransitivo

2) intransitivo

3) transitivo direto

4) transitivo direto

Exercício 62

O verbo intransitivo não tem complemento, e o transitivo tem.

Exercício 63

a) recebeu: VTD

b) parecia: VL

c) terminou: VI

d) nomeou: VTD

e) morreu: VI

Exercício 64

O preço dos alimentos subiu.

O pássaro voa alto.

Este relógio funciona bem.

Exercício 65

TENHO novidades para você.

Eles PRECISAM de dinheiro.

Ela só DIZ a verdade.

Exercício 66

A sequência correta, de cima para baixo, é 2 - 4 - 3 - 1 - 4.

Exercício 67

a) “Pedro Calderón de la Barca dramatizou a liberdade de construir o próprio destino” (4º parágrafo).

Exercício 68

a) “arte”.

Exercício 69

e) *O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard (...).*

Exercício 70

c) *É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação.*

Exercício 71

c) Precisa-se de novos candidatos militares.

Exercício 72

b) substituíram.

Exercício 73

a) Assim, **fomentou-se** a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica. (ref. 1)

Exercício 74

a) **como os dois formam uma realidade única** (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.

Exercício 75

c) VA, VA, VP, VP.

Exercício 76

b) I e II.

Exercício 77

a) A hierarquia de oito afirmações básicas foi solicitada aos entrevistados.

Exercício 78

b) *Para evitar que torvelinho similar vitimasse o Reino Unido* (ref. 12) – Para evitar que o Reino Unido fosse vitimado por torvelinho similar.

Exercício 79

d) Esse humor foi considerado fácil pelos comediantes.

Exercício 80

b) II e IV.

Exercício 81

b) *Ele, que tanto marcou a rua* (ref. 15) - A rua, que tanto foi marcada por ele

Exercício 82

d) O livro foi recebido por mim.

Exercício 83

b) **que a própria obra de Deus pusera na natureza.** (ref. 2)

Exercício 84

a) *Ali vê-se um ataviado* dandy [...].

Exercício 85

a) (...) *a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país* (...).

Exercício 86

c) “Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne.”

Exercício 87

b) F – F – V – V – V

Exercício 88

b) depende de um termo que lhe complete, ligando-se a ele sem auxílio de uma preposição.

Exercício 89

b) do conjunto 4 apenas.

Exercício 90

a) “[...] inclusive elegendo representantes que partilhem desta convicção e não estejam pensando somente nos seus benefícios pessoais.” (5º §) (núcleo do predicado verbal)

Exercício 91

c) I e IV.

Exercício 92

b) nominal

Exercício 93

c) "neles há pouca montanha," (v. 14)

Exercício 94

b) sujeito simples e predicado verbo-nominal

Exercício 95

e) predicado verbal: toda a oração

Exercício 96

a) Nos versos “onde a vida seja sempre uma festa” e “onde a vida seja sempre uma dança”, os termos em destaque exercem a função de predicativos do sujeito “vida”.

Exercício 97

d) predicativos do objeto.

Exercício 98

b) do ponto de vista semântico-referencial, ou seja, no nível denotativo, são equivalentes, isto é, denotam ou referem o mesmo objeto; já, do ponto de vista sintático, não se equivalem: enquanto a primeira assume a função do sujeito, a segunda assume a do predicativo do sujeito.

Exercício 99

d) adjunto adnominal.

Exercício 100

a) A família de Alexandre RECEBEU A NOTÍCIA ALEGRE.
b) Alexandre PARECIA CANSADO.
c) Seu relato TERMINOU.
d) Velasco NOMEOU OS TUBARÕES PONTUAIS.
e) Rufino MORREU AFOGADO.

a) PV
b) PN
c) PV
d) PVN
e) PVN

Exercício 101

a) composto
b) simples
c) simples, oculto
d) simples
e) simples

f) simples, oculto

Exercício 102

O núcleo do predicado nominal é um nome. Já o núcleo do predicado verbal é um verbo.

Exercício 103

a) O conflito **contra o ódio** é o início da paz.

Exercício 104

e) sujeito simples e complemento nominal.

Exercício 105

e) Complemento Nominal

Exercício 106

a) Onomatopeia; núcleo do sujeito, parte de frase nominal, núcleo do complemento nominal.

Exercício 107

a) adjunto adnominal

Exercício 108

b) complemento nominal.

Exercício 109

b) complemento nominal.

Exercício 110

b) Caminhar a pé lhe era saudável.

Exercício 111

c) adjunto adnominal, sujeito.

Exercício 112

b) complemento nominal, objeto direto e objeto indireto.

Exercício 113

c) predicativo do objeto - complemento nominal.

Exercício 114

d) IV e V.

Exercício 115

b) “[...] onde pôde proteger [...]” (3º parágrafo) – adjunto adverbial

Exercício 116

a) “[...] qual seria o problema fundamental do Brasil, a maioria indica a precariedade da educação.” (1º §)

Exercício 117

d) vocativo.

Exercício 118

a) “... MC Guimê, o principal nome do funk ostentação, fará seu show...” – (Aposto)

Exercício 119

e) isolar o vocativo “filhinho” do restante da oração.

Exercício 120

e) As expressões adverbiais **no Paraná** e **Minas Gerais**, no segundo parágrafo, funcionam como vocativo, por isso estão isoladas por vírgulas.

Exercício 121

c) o aposto “comentarista da GloboNews” (referência 2) tem sentido semelhante aos apostos “especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP” (referência 3) e “analista de risco político no King’s College de Londres” (referência 11), a saber: autorizar a legitimidade de um discurso.

Exercício 122

c) I e III.

Exercício 123

d) vocativos.

Exercício 124

b) A expressão “versões líquido-modernas do bezerro de ouro bíblico” (ref. 8) é um aposto metafórico, evidenciando uma relação por similaridade da importância dada a um ícone bíblico, no passado, e aos “ídolos”, no presente.

Exercício 125

d) A vírgula é utilizada antes de “minha senhora” para separar o vocativo.

Exercício 126

d) vocativo.

Exercício 127

c) os vocativos.

Exercício 128

d) um vocativo, PAI; um sujeito oculto, TU; um verbo no imperativo afirmativo, na segunda pessoa do singular, AFASTA; objeto indireto, DE MIM; objeto direto, ESSE CÁLICE.

Exercício 129

e) objeto indireto; aposto; objeto direto; complemento nominal.

Exercício 130

c) Vocativo.

Exercício 131

a) vocativo

Exercício 132

a) são evocados.

Exercício 133

a) foram mortos.

Exercício 134

d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.

Exercício 135

b) apenas I e II são verdadeiras.

Exercício 136

e) fora vista.

Exercício 137

d) sejam incorporadas informações vindas de fora".

Exercício 138

c) Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca.

Exercício 139

- a) A tripulação foi descoberta pelas sereias.
- b) Ulisses é esperado por Penélope.
- c) De manhãzinha, o silêncio foi quebrado por uma voz.
- d) A mãe é tranquilizada por Telêmaco.
- e) Algumas cabras e ovelhas foram separadas pelo gigante.

Exercício 140

Cobrar-se-ão os impostos

Exercício 141

As notas já haviam sido dadas pelo mestre.

Exercício 142

- 1) Discos são vendidos.
- 2) Jornais velhos são comprados.
- 3) Aparelhos domésticos são consertados.
- 4) O concurso foi realizado.
- 5) Apartamentos são alugados.

Exercício 143

Realizar-se-á a exposição no teatro municipal.

Exercício 144

Enviar-se-iam tropas de reforço.

Exercício 145

Encontrar-se-ão os verdadeiros culpados.

Exercício 146

a) No enunciado “Mais da metade declara não contar com infraestrutura básica para receber visitantes – como banheiro e estacionamento, por exemplo”. (ref. 18), o verbo “declara” concorda com o termo metade, mesmo a oração iniciando com a expressão quantitativa “mais de”.

Exercício 147

c) rimas finais entre os segundos versos de cada dístico.

Exercício 148

b) I e II apenas.

Exercício 149

- 01) Em cada um dos provérbios observa-se um paralelismo sintático, que ajuda a conferir ritmo ao provérbio e favorece sua memorização.
- 02) No provérbio (A) ocorrem duas metáforas.
- 08) Tanto o item A quanto o item C funcionam como elogios à discrição.

Exercício 150

e) paralelismo sintático.

Exercício 151

d) Verso 8.

Exercício 152

c) emprego da preposição "até" tem forte efeito de sentido.

Exercício 153

d) Sou do tipo que chora não só em batizado, casamento, mas principalmente em formatura.

Exercício 154

Orações: supô-los excelentes/consultar pessoas.

O melhor dos remédios, no segundo caso, é supô-los excelentes, ou, se a razão não aceita esta imaginação, consultar pessoas que a aceitam, e crer nelas.

Exercício 155

e) sujeito.

Exercício 156

Os termos sublinhados estabelecem com o verbo a relação de objetos diretos. Do ponto de vista semântico, a organização dos substantivos sublinhados segue o critério de sequenciar as etapas da vida: nascer (“o nascimento”), crescer (“o crescimento”), reproduzir-se (“a reprodução”) e morrer (“a morte”). O único vocábulo que rompe com essa sequenciação da vida é “nutrição”.

Exercício 157

b) “Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes [...]” (10º parágrafo)

Exercício 158

d) “Mas não cuidemos de máscaras.” (1º parágrafo)

Exercício 159

d) pronome, preposição, preposição.

Exercício 160

b) “Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade.” (1º parágrafo)

Exercício 161

d) “Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral” (4º parágrafo).

Exercício 162

e) objeto direto e objeto indireto, ambos expressos pelo vocábulo “ma”.

Exercício 163

d) aos amantes.

Exercício 164

e) “Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente” (2º parágrafo)

Exercício 165

a) A expressão “mais assustador” que acompanha a segunda imagem de um oceano em que a barbatana de um tubarão não é visível estabelece um termo comparativo com a primeira. Se o sinal de um tubarão nadando nas proximidades é assustador para qualquer banhista, é mais assustador ainda o desaparecimento da fauna marinha fruto do declínio ambiental dos ecossistemas e do processo gradual da extinção de diversas classes de animais. O fato de José Tikuna ter demorado anos para reunir somente penas de gavião já mortos para fazer um cocar demonstra a sua preocupação com a preservação da vida animal no contexto em que vive, comportamento recorrente nas populações indígenas em contraste com a maioria que habita o planeta.

b) A expressão “por respeito à natureza”, presente no título do texto, exerce função sintática de adjunto adverbial de causa, antecedendo o objetivo principal do texto que é sensibilizar o leitor para a conscientização da necessidade de não agredir a natureza. Desta forma, o relato do comportamento de José Tikuna que levou 16 anos coletando penas para fazer o seu cocar atua como exemplo e contribui para reforçar esse objetivo.

Exercício 166

a) um atleta **de seleção** precisa de treinamento intenso.